

**MICHELLE KÜHN FORNARI**

**UM ESTUDO SOBRE O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DO VERBETE *PERO* EM  
DICIONÁRIOS PARA APRENDIZES BRASILEIROS DE ESPANHOL**

**PORTO ALEGRE**

**2011**

**MICHELLE KÜHN FORNARI**

**UM ESTUDO SOBRE O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DO VERBETE *PERO* EM  
DICIONÁRIOS PARA APRENDIZES BRASILEIROS DE ESPANHOL**

Dissertação de Mestrado em Teorias  
Linguísticas do Léxico: Relações Textuais  
apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Estudos da  
Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação  
em Letras da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Cleci Regina Bevilacqua**

**PORTO ALEGRE**

**2011**

**MICHELLE KÜHN FORNARI**

**UM ESTUDO SOBRE O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DO VERBETE *PERO* EM  
DICIONÁRIOS PARA APRENDIZES BRASILEIROS DE ESPANHOL**

Dissertação de Mestrado em Teorias  
Linguísticas do Léxico: Relações Textuais  
apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Estudos da  
Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação  
em Letras da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Cleci Regina Bevilacqua**

**PORTO ALEGRE**

**2011**

**Para Francisco, sentido e significado da minha vida.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, a minha orientadora, professora Cleci Bevilacqua, que aceitou o desafio de orientar um trabalho que se encontrava já sem rumo e conseguiu traçar um novo e interessante caminho. Agradeço pelos conselhos, pelo conhecimento e pela compreensão. Que não seja nossa última parceria.

Agradeço aos meus pais, Clóvis e Beth e a minha irmã, Melissa, que continuam me dando todo o amor e força para ir atrás dos meus sonhos. Agradeço aos meus sogros, Ari e Inês, que são também companheiros do dia-a-dia e grandes amigos.

Agradeço à CAPES, que me concedeu a bolsa durante o primeiro ano de mestrado.

Por fim, agradeço ao meu namorado, Francisco, que esteve sempre ao meu lado, incentivando a realização deste trabalho e me mostrando que a vida é repleta de significados.

## RESUMO

Neste trabalho, abordamos o tratamento lexicográfico das palavras gramaticais em dicionários para aprendizes brasileiros de espanhol. É sabido que a definição é a informação mais importante e uma das mais buscadas em dicionários em geral. No entanto, nem sempre esse segmento da microestrutura dicionarística consegue cumprir sua função de passar ao consulente o significado da palavra pesquisada. Isso acontece devido a diferentes problemas metalexográficos, porém, no caso das palavras gramaticais, esses problemas são também de cunho teórico e conceitual, ou seja, não apenas dizem respeito à prática lexicográfica, mas também à forma como são consideradas as palavras gramaticais em sua natureza. Sendo assim, nos dois capítulos iniciais, fazemos uma discussão acerca da problemática apresentada neste trabalho, bem como fazemos uma revisão de como as diferentes correntes lingüísticas tratam o significado e de que maneira suas propostas podem auxiliar no entendimento das palavras gramaticais e contribuir para o estabelecimento de critérios que auxiliem na formulação de sua microestrutura. No segundo capítulo, apresentamos e discutimos aspectos relevantes da lexicografia pedagógica e analisamos alguns dos dicionários mais utilizados entre o público de estudantes brasileiros de espanhol. Essa etapa visa a avaliar os problemas e a pensar soluções práticas para sua elaboração, principalmente no que concerne à microestrutura das palavras gramaticais. Posteriormente realizamos a parte prática deste trabalho, que aparece como resultado e aplicação da teoria estudada. Essa etapa refere-se ao estudo de exemplos da conjunção *pero* retirados do corpus CREA, em que nos propomos a analisar essa palavra em seus contextos reais de uso e a definir uma taxonomia de valores para a mesma. Foi possível confirmar que o significado e o uso de *pero* ultrapassam a idéia de mera oposição tão difundida por dicionários e gramáticas. Esse resultado, além de ter incidência em nível teórico sobre essa conjunção, também deve ser considerado no momento de redatar uma instrução de uso para *pero*. Isso porque é função do dicionário apresentar ao usuário os significados e usos reais da palavra, de forma que a obra lexicográfica só cumpre sua função se isso de fato acontecer. Sendo assim, a última etapa deste trabalho é a proposta de redação de verbetes para *pero*, levando em consideração as conclusões teóricas a que chegamos e a análise da palavra em contextos reais, de forma que possa servir como base para o tratamento lexicográfico das palavras gramaticais em dicionários para aprendizes brasileiros de espanhol, mas também para a lexicografia em geral.

## RESUMEN

En este trabajo abordamos el tratamiento lexicográfico de las palabras gramaticales en diccionarios para aprendices brasileños de español. Se sabe que la definición es la información más importante y una de las más buscadas en diccionarios en general. Sin embargo, no siempre ese segmento de la microestructura del diccionario consigue cumplir la función de informar al usuario sobre el significado de la palabra investigada. Eso se debe a distintos problemas metalexicográficos, pero en el caso de las palabras gramaticales, esos problemas también se refieren a aspectos de carácter teórico y conceptual, o sea, no sólo en la práctica lexicográfica, sino en la forma como se consideran las palabras gramaticales en su naturaleza. De esa manera, en los dos capítulos iniciales, hacemos una discusión acerca de la problemática propuesta en este trabajo, como también hacemos una revisión de la manera que las diferentes corrientes lingüísticas tratan el significado y como sus propuestas pueden ayudar en el entendimiento de las palabras gramaticales y contribuir para el establecimiento de criterios que auxilien en la formulación de su microestructura. En el segundo capítulo, presentamos y discutimos aspectos relevantes de la lexicografía pedagógica y analizamos algunos de los diccionarios más utilizados por el público de estudiantes brasileños de español. Esa etapa tiene como objetivo evaluar los problemas y pensar soluciones prácticas para su elaboración, principalmente en lo que se refiere a la microestructura de las palabras gramaticales. Posteriormente, realizamos la parte práctica de este trabajo, que aparece como resultado y aplicación de la teoría estudiada. Esa etapa se refiere al estudio de ejemplos de la conjunción *pero* recolectados en el *corpus* CREA, en que se propone analizarla en sus contextos reales de uso y a definir una taxonomía de sus valores. Fue posible confirmar que el significado y el uso de *pero* exceden la idea de mera oposición, muy difundida por diccionarios y gramáticas. Ese resultado, además de tener incidencia en nivel teórico sobre esa conjunción, también se debe considerar en el momento de redactar una instrucción de uso para *pero*. Eso porque es función del diccionario presentarle al usuario los significados y usos reales de la palabra, de forma que la obra lexicográfica sólo cumple su función cuando eso ocurre de hecho. Por eso, la última etapa de este trabajo es la propuesta de redacción de artículos léxicos para *pero*, teniendo en cuenta las conclusiones teóricas a las que llegamos y el análisis de la palabra en contextos reales, de forma que pueda no solo servir de base para el tratamiento lexicográfico de las palabras gramaticales en diccionarios para aprendices brasileños de español, sino también para la lexicografía en general.

## **LISTA DE ABREVIATURA DOS DICIONÁRIOS CITADOS**

DUE (1996) - **Diccionario de Usos del Español**

DEA (1996) - **Diccionario del español actual**

*Salamanca* (1996) - **Diccionario Salamanca de la Lengua Española**

DUPB (2002) - **Dicionário de usos do português brasileiro**

Hou (2001) - **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**

Au (1999) - **Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**

DRAE (2001) - **Diccionario de la Real Academia Española**

*Señas* (2001) **SEÑAS – Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños**

DILE (1995) - **Diccionario Ideológico de la Lengua Española**

DOE (2007) - **Dicionário Oxford Escolar para estudantes brasileiros de inglês**

*Password* (2001) - **PASSWORD - English Dictionary for Speakers of: Portuguese**

Santillana (2008) - **SANTILLANA – Dicionário Santillana para estudantes: espanhol-português, português-espanhol**

DBU (2003) - **Diccionario Bilingue de Uso**

DEE (2002) - **Diccionario de Español para Extranjeros**



## SUMÁRIO

<b>1 Introdução.....</b>	<b>12</b>
1.1 Palavras lexicais e palavras gramaticais .....	12
1.2 Metalinguagem do signo e metalinguagem do conteúdo .....	15
1.3 Justificativa .....	20
1.3.1 Resumo dos principais problemas lexicográficos referentes às palavras gramaticais ...	23
1.3.2 Fundamentação dos objetivos.....	26
1.4 Hipóteses de pesquisa .....	27
1.5 Objetivos.....	27
1.5.1 Objetivos gerais .....	27
1.5.1.1 Objetivo 1 .....	27
1.5.1.2 Objetivo 2 .....	28
1.5.2 Objetivos específicos .....	28
1.5.2.1 Revisão da teoria .....	28
1.5.2.2 Análise dos dicionários .....	28
1.5.2.3 Identificação do sentido de pero em um corpus espanhol .....	28
<b>2 Semântica nos séculos XIX e XX.....</b>	<b>29</b>
2.1 Semântica no século XIX .....	31
2.1.1 Bréal .....	31
2.2 Semântica no século XX.....	32
2.2.1 Saussure .....	32
2.2.2 Semântica Lexical .....	39
2.2.2.1 Sinonímia .....	41
2.2.2.2 Hiponímia .....	45
2.2.2.3 Polissemia e Homonímia .....	47

2.3	Linguística cognitiva.....	49
2.4	Linguística de Corpus .....	51
2.5	Conclusões preliminares.....	55
2.6	Classificação inicial das conjunções “pero” e “mas” (Fornari, 2008).....	58
<b>3</b>	<b>Dos dicionários para aprendizes.....</b>	<b>62</b>
3.1	Componentes canônicos .....	64
3.2	Verbetes em dicionários pedagógicos de espanhol como língua estrangeira.....	67
3.2.1	Señas (2001) .....	67
3.2.2	Santillana (2008) .....	71
3.2.3	DEA (1996) .....	74
3.2.4	Resumo: “Pero” nos dicionários de língua espanhola .....	76
<b>4</b>	<b>Metodologia .....</b>	<b>80</b>
<b>5</b>	<b>Análise .....</b>	<b>88</b>
5.1	O alcance de pero .....	88
5.2	Descrição da análise.....	90
5.3.1	Resumo – Análise Argentina.....	92
5.3.2	Resumo – Análise México.....	93
5.3.3	Resumo – Análise España .....	95
5.3.4	Comparativo .....	96
<b>6</b>	<b>Proposta.....</b>	<b>99</b>
<b>7</b>	<b>Conclusões e Considerações Finais .....</b>	<b>109</b>
7.1	Conclusões.....	109
7.2	Considerações Finais .....	111
<b>8</b>	<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>113</b>
<b>9</b>	<b>Apêndice .....</b>	<b>121</b>

## **Índice de Figuras**

Figura 1 - Pluralidade de valores .....	38
Figura 2 - Configuração do Valor .....	39
Figura 3 – Esquema .....	72
Figura 4 - Categorias de valores .....	102
Figura 5 - Os significados de pero .....	108

## **Índice de Quadros**

Quadro 1 – Proposta de tratamento homonímico .....	110
Quadro 2 – Proposta de layout .....	115
Quadro 3 – Proposta de redação – Valor Opositivo .....	117
Quadro 4 – Proposta de redação – Valor Aditivo .....	118
Quadro 5 – Proposta de redação – Valor Comparativo .....	118
Quadro 6 - Proposta de redação – Valor Enfático .....	118

# 1 Introdução

## 1.1 Palavras lexicais e palavras gramaticais

O problema da definição suscitou diversas pesquisas e discussões no âmbito da metalexigrafia<sup>1</sup>. No entanto, os diversos estudiosos que trataram do tema o fizeram levando em conta somente um tipo de palavras, aquelas a que comumente chamamos de palavras lexicais. Por outro lado, as chamadas palavras gramaticais ficaram em segundo plano dentro dos estudos sobre a definição. Apesar disso, a distinção entre palavras gramaticais e lexicais é necessária, pois os critérios de redação de uma paráfrase explanatória devem variar segundo a natureza da palavra a ser definida. Assim, os estudos desenvolvidos com foco no tratamento de palavras lexicais dificilmente poderiam ser aplicados às palavras gramaticais, devido a diversas diferenças que palavras lexicais e gramaticais guardam entre si.

Borba (2003, p. 46) apresenta uma divisão do léxico entre palavras lexicais e gramaticais, colocando que

observando-se o léxico, percebe-se ali um acervo de conceitos que, pela sua natureza dinâmica, tem equilíbrio sempre instável não apenas por causa de pressões externas, mas ainda de transformações, migrações, reacomodações internas. Assim, são os traços definitórios que delineiam os conjuntos – os que representam substâncias -, os substantivos ou nomes; os que representam atributos ou qualidades – os adjetivos -; os que representam ações, estados ou processos – os verbos. São esses tipos que constituem o grosso do acervo lexical da língua, e este se caracteriza por ser um conjunto aberto sempre vulnerável a influências externas.

Tal acervo de conceitos refere-se ao conjunto das palavras lexicais. Borba (*ibidem*) coloca ainda que “as palavras lexicais são aquelas que relacionam o sistema de noções da língua com o mundo exterior, uma vez que cada item desse sistema é uma representação da realidade extralinguística”.

Em contrapartida às palavras lexicais, o autor aponta a existência de “um conjunto de conceitos abstratos (...) que só encontram representação no sistema gramatical. (...) Estes constituem um conjunto fechado, coeso e resistente a qualquer tipo de influência” (*ibidem*). Borba (*idem*) afirma que as palavras gramaticais “constituem-se de um sistema de noções que se realizam no interior do sistema” e alude à existência de dois tipos de significação: lexical (ou

<sup>1</sup> Por exemplo, Bosque (1982), Stati (1995) Seco (2003) e Bugeño (2009).

externa) e gramatical (ou interna). Para o autor, as classes de palavras pertencentes à classe das palavras gramaticais são

aquelas que concentram conceitos abstratos como a referência – os pronomes –, a mostra – os demonstrativos, os artigos –, a enumeração e a contagem – os numerais –, a pertença – os possesivos –, as relações espaciais e temporais – as preposições, conjunções, alguns advérbios.

(Borba, *ibidem*, p. 48)

Outra visão sobre a distinção entre palavras gramaticais e lexicais é a de Carter (1998, p. 8-9). Para o autor, as palavras lexicais, também chamadas de “palavras cheias” ou “palavras conteúdo” incluem nomes, adjetivos, verbos e advérbios e “carregam maior conteúdo informativo e são sintaticamente organizadas pelas palavras gramaticais<sup>2</sup>”. Por outro lado, Carter (*ibidem*) coloca que as palavras gramaticais “compreendem uma pequena e finita classe de palavras que inclui pronomes, artigos, verbos auxiliares, preposições e conjunções<sup>3</sup>”. O autor acrescenta ainda que as palavras gramaticais também são chamadas de “palavras funcionais” e “palavras vazias”.

Coseriu (1979, p. 16) aponta a distinção entre significado lexical e significado categorial. O significado lexical, por um lado, refere-se ao conteúdo semântico de uma palavra. Por outro lado, o significado categorial corresponde às diferenças em uma série de palavras como *amor*, *amar*, *amável*. Sendo assim, o significado categorial diz respeito às classes de palavras, como substantivo, adjetivo e verbo. As palavras que apresentam significado lexical são os chamados *lexemas*. Já aquelas que possuem apenas significado categorial são *catagoremas*. A distinção entre *lexemas* e *catagoremas* de Coseriu (1979) resulta de fundamental importância, uma vez que estabelece fronteiras entre palavras que possuem significado lexical e palavras que possuem somente significado categorial. Nesse sentido, as palavras gramaticais são também *catagoremas*.

No entanto, perguntamo-nos se a dicotomia palavras lexicais *versus* palavras gramaticais está de fato tão estabelecida quanto parece nas classificações dos autores citados. Todos apontam para um “aspecto semântico” próprio das palavras lexicais e um “aspecto puramente gramatical” das palavras gramaticais. Isso nos leva à conclusão de que as palavras gramaticais são vazias de significado. Contudo, é fato comum encontrar nos dicionários o fenômeno da sinonímia, ou seja,

<sup>2</sup> [They carry a higher information content and (...) are syntactically structured by the grammatical words].

<sup>3</sup> [The former comprises a small and finite class of words which includes pronouns, articles, auxiliary verbs, prepositions and conjunctions].

no lugar de uma paráfrase explanatória, a indicação de um sinônimo para a palavra, como é possível verificar na segunda acepção do verbete de *aunque* em DRAE (2001, s.v *aunque*):

**aunque.**

2. conj. advers. [pero](#). *Tengo ya tres mil libros, aunque querría tener más. Creo que ha llegado, aunque no lo sé con certeza.*

Se considerarmos que as palavras gramaticais são vazias de significado, é incoerente conceber a possibilidade de indicação de sinônimos. Segundo Dubois *et al.* (1973, s.v.), duas palavras são sinônimas quando têm o mesmo sentido, ou aproximadamente o mesmo, mas formas diferentes. Dessa maneira, duas perguntas são necessárias e complementares:

- 1) As palavras gramaticais são vazias de significado?
- 2) É possível fornecer sinônimos para as palavras gramaticais?

A resposta para a primeira pergunta é complexa. Por um lado, autores que se preocuparam em estudar os aspectos do léxico apontam a inexistência de significado para as palavras gramaticais. Por outro, a prática lexicográfica demonstra o contrário, ao utilizar-se da sinonímia como recurso explanatório no dicionário. No entanto, cabe uma análise de quais palavras gramaticais são passíveis de receber um tratamento sinonímico. Vê-se, por exemplo, que para a preposição *em* (port.), *em* (esp.) os dicionários não apontam sinônimos (s.v Au (1999), Hou (2001), DRAE (2001), DUE (1996), VOX (2003) e DEA (1996)). No entanto, em verbetes de outras palavras como *aunque* (esp.), *pero* (esp.), *embora* (port.) e *mas* (port.) por vezes aparece a indicação da sinonímia.

Essa dupla possibilidade indica a existência de dois grupos diferentes de palavras gramaticais: por um lado, há um grupo de palavras que parecem apresentar conteúdo semântico. Por outro lado, está um grupo de palavras que, conforme colocam os autores anteriormente citados, são vazias de significado. A conjunção *mas*, por exemplo, conforme Fornari (2008), apresenta um valor nuclear de oposição, uma espécie de valor prototípico que se fragmenta em valores marginais. Tais valores, no entanto, somente são identificáveis a partir da análise da conjunção na construção sintagmática.

A resposta para a segunda pergunta formulada está condicionada à existência desses dois grupos de palavras gramaticais. Quando se trata do grupo de palavras que apresentam conteúdo (as quais denominaremos palavras gramaticais autosemânticas), é possível estabelecer relações de sinonímia. Por outro lado, as palavras pertencentes ao outro grupo, vazias de significado (as quais chamaremos de palavras gramaticais sinsemânticas), não aceitam indicação de sinonímia. Segundo Hausmann (1997 apud Salgado (2006)), o léxico está dividido em duas diferentes categorias: palavras autosemânticas e palavras sinsemânticas. “As palavras autosemânticas são aquelas semanticamente autônomas, que podem ser definidas sem a necessidade de um contexto sintagmático...”. Por outro lado, as palavras sinsemânticas “não podem ser definidas sem referência a um contexto preciso porque são semanticamente dependentes” (p. 17).

Embora essas definições não sejam completamente adequadas às palavras gramaticais, consideramos que algumas são mais autônomas que outras, embora todas sejam dependentes do contexto. Por essa razão, propomos uma adaptação dos conceitos de Hausmann ao âmbito das palavras gramaticais: consideramos as palavras gramaticais autosemânticas aquelas que possuem um significado autônomo, ao passo que as palavras gramaticais sinsemânticas são totalmente dependentes do contexto para o estabelecimento de um significado ou valor.

É importante salientar que as palavras gramaticais, sejam autosemânticas ou sinsemânticas, apresentam uma característica que as difere das palavras lexicais: elas são responsáveis pela organização sintática, pela coesão da língua. Assim, pode-se afirmar que as palavras gramaticais realizam uma tarefa de encadeamento entre os sintagmas e entre as palavras.

Não fosse isso, não haveria fronteira entre as palavras lexicais e as palavras gramaticais autosemânticas. No âmbito da lexicografia, tal fronteira é fundamental, pois configura um dos critérios de redação para as paráfrases explanatórias.

## ***1.2 Metalinguagem do signo e metalinguagem do conteúdo***

A definição é, sem dúvida, um dos temas mais abordados nas discussões metalexigráficas. No entanto, as palavras gramaticais normalmente não são abordadas nesses trabalhos, ou são apenas citadas de forma superficial. Bosque (1982, p. 106) afirma que “as palavras que pertencem a certas categorias gramaticais (...) não se podem definir, mas somente explicar. Tais explicações constituem, na realidade, pequenas monografias de morfossintaxe cuja

profundidade dependerá das características do dicionário<sup>4</sup>. O autor não avança mais do que isso no tema, porém deixa uma importante contribuição que precisa ser considerada: as palavras gramaticais não podem ser definidas, cabendo a elas uma explicação.

É importante esclarecer o que se entende por “definição” para que se compreenda porque uma palavra gramatical não pode ser definida. Segundo Martínez de Souza (1995, s.v. *definición*), uma definição é a “expressão do significado da unidade léxica que forma a entrada com a ajuda de palavras, locuções, sintagmas conhecidos<sup>5</sup>”. Dubois (1971, p. 84), por sua vez, coloca que a definição é “formada de frases semanticamente equivalentes à palavra entrada<sup>6</sup>” e que definir é como resumir o conteúdo de uma palavra, o que lembra uma análise semântica, ou descrever o objeto que a palavra denota, o que remete a uma análise semiológica<sup>7</sup>. Para Guerra (2005, p. 129) definição é a “expressão pela qual se descreve um sentido<sup>8</sup>”. Ainda Seco (2003, p. 20) aponta que a definição é “uma informação sobre *todo* o conteúdo e *nada mais* que o conteúdo da palavra definida<sup>9</sup>”.

Todas as expressões citadas abarcam a idéia de significado, sentido e conteúdo<sup>10</sup>. Assim, duas considerações devem ser feitas. Em primeiro lugar, considerando a divisão em dois grupos de palavras gramaticais, o termo “definição” não se aplica às palavras gramaticais sinsemânticas, uma vez que essas não possuem significado. Além disso, anteriormente colocamos que o principal diferencial das palavras gramaticais em geral com relação às palavras lexicais é o fato de terem uma função sintática maior, de organização da língua. Considerando que a definição, em tese, refere-se ao conteúdo do lema, ou seja, ao seu aspecto semântico, a definição de uma palavra gramatical não incluiria o caráter essencial das palavras dessa natureza, que é o seu uso, o seu poder de organização sintática.

<sup>4</sup> [las voces que pertenecen a ciertas categorías gramaticales (...) no se pueden definir, sino únicamente explicar. Tales explicaciones constituyen, en realidad, pequeñas monografías de morfosintaxis cuya profundidad dependerá de las características del dicionário]

<sup>5</sup> [expresión del significado de la unidad léxica que forma la entrada con la ayuda de voces, locuciones, sintagmas conocidos]

<sup>6</sup> [la définition este formée de phrases sémantiquement équivalentes au mot d'entrée... ]

<sup>7</sup> [Mais *definir* une entrée este une activité complexe, puisque c'est ou résumer le contenu d'un mot, et par là la définition ressemble à une analyse sémantique, ou décrire l'objet auquel renvoie ce mot ou qu'il dénote, et par là la définition ressemble à une analyse sémiologique].

<sup>8</sup> [Expresión por la que se describe un sentido].

<sup>9</sup> [En efecto, la definición, para ser tal, es teóricamente una información sobre *todo* el contenido y *nada más* que el contenido de la palabra definida]

<sup>10</sup> Em capítulo posterior abordaremos o problema terminológico conceitual dessas expressões.



Nesse sentido, deve haver um critério de redação para as palavras gramaticais que leve em conta o seu aspecto sintático<sup>11</sup>. Conseqüentemente, o termo definição não cabe a esse tipo de palavras. Sobre a distinção entre palavras lexicais e gramaticais há um consenso no âmbito da metalexiconografia: palavras de natureza diferentes requerem metalinguagens diferentes. Assim, diversos autores discutem sobre duas formas de tratamento: uma que leva em consideração a semântica e outra que leva em consideração o uso da palavra.

Seco (2003, p. 22) difere definições próprias de definições impróprias. As primeiras aparecem redatadas em metalinguagem do conteúdo. Isso significa que as definições próprias referem-se ao conteúdo da palavra. As definições impróprias, por outro lado, aparecem redatadas em metalinguagem do signo e constituem uma explicação sobre o uso da palavra. Cano (2005) leva em consideração a classificação proposta por Seco ao estabelecer sua tipologia de definições, na qual inclui a “definição funcional”, que caracteriza como aquela “formulada em metalinguagem do signo, mediante a qual se informam os valores ou funções morfossintáticas<sup>12</sup>” (p. 217).

Da mesma forma, Guerra (2005) considera a metalinguagem empregada como o primeiro critério de classificação das definições. Bugueño (2009) também considera a distinção em sua taxonomia, bem como Bosque (1982). Jackson (2002, p. 95), apesar de não falar em metalinguagem, classifica um tipo de “definição” que explica o uso de uma palavra. O autor acrescenta ainda que esse tipo de definição aplica-se a palavras gramaticais ou funcionais. Todos os autores citados, com exceção de Bugueño (2009), fazem uso do termo “definição” e chamam atenção para o fato de que essa palavra não pode ser aplicada às palavras gramaticais com propriedade. Bugueño (2009) prefere o termo “paráfrases explanatórias”, por acreditar que o termo é mais abrangente e adequado que definição.

A decisão tomada por Bugueño (2009) parece-nos a mais acertada, dada a incompatibilidade do termo definição com alguns tipos de paráfrases. No entanto, no que se refere às palavras gramaticais, preferimos adotar o termo *instrução de uso*, uma vez que esse segmento informativo referente às palavras gramaticais de maneira nenhuma corresponderá a

<sup>11</sup> É importante salientar que no caso dos verbos, isso já é feito (v. DUE (1996) e DEA (1996)).

<sup>12</sup> [Definición funcional (impropia). Definiciones formuladas en la segunda metalengua o metalengua del signo, mediante la cual se informa de los valores o funciones morfossintáticas].

uma paráfrase ou a uma reescritura. É, por outro lado, uma instrução de como usar a palavra.

Apesar do reconhecimento da distinção entre metalinguagem do signo e metalinguagem do conteúdo, parece que a lexicografia hispânica não aproveita essa importante dualidade como ferramenta. A dicotomia em questão deve ser um princípio teórico e uma metodologia ao mesmo tempo. Com isso, não é suficiente que apenas os teóricos da lexicografia abordem a diferença considerando a sua relevância, mas é essencial que a distinção apareça refletida nas obras lexicográficas.

A seguir, analisamos alguns casos de palavras gramaticais em que não foram utilizadas instruções de uso, mas sim paráfrases explanatórias de diversos tipos:

**aunque.**

1. conj. conc. *Aunque estoy malo, no faltará a la cita. Haz el bien que pudieres, aunque nadie te lo agradezca. Aunque severo, es justo.*

2. conj. advers. [pero](#) (|| para contraponer un concepto a otro). *Tengo ya tres mil libros, aunque querría tener más. Creo que ha llegado, aunque no lo sé con certeza.*

(DRAE, 2001, s.v. *aunque*)

**con.**

4. prep. A pesar de. *Con ser tan antiguo, le han postergado.*

6. prep. Juntamente y en compañía.

(DRAE, 2001, s.v. *con*)

**para.**

2. prep. [hacia](#) (|| en dirección a).

8. prep. Por, o a fin de. *Para acabar la pendencia, me llevé a uno de los que reñían.*

(DRAE, 2001, s.v. *para*)

Os três exemplos foram retirados de DRAE (2001), que se caracteriza por ser o principal dicionário da língua espanhola, já que pertence à Real Academia Española, autoridade máxima no que se refere ao castelhano. Nesse sentido, concebemos DRAE (2001) como um dicionário de referência, ou seja, que serve de padrão ou modelo para as demais obras lexicográficas hispânicas. Nos verbetes selecionados, vê-se um descaso com a metalinguagem empregada na

redação do que deveria ser uma instrução de uso. No caso de *aunque*, o primeiro valor<sup>13</sup> sequer traz uma instrução de uso. Após o lema, temos o comentário de forma (segmento microestrutural) seguido diretamente do exemplo. Apesar da importância da instrução de uso (segundo Jackson (2002), a maioria dos usuários busca o significado da palavra e como ela se emprega), o dicionário omite esse segmento informativo do consulente.

Nos verbetes seguintes, de *con* e *para* temos a indicação de sinonímia como recurso explanatório. Anteriormente, colocamos que a sinonímia é um recurso possível no caso de algumas palavras gramaticais. No entanto, devemos ressaltar que tal recurso não é recomendável, pois não faz referência ao aspecto funcional desse tipo de palavras, ou seja, o fato de que organizam sintaticamente a língua. Além disso, a sinonímia é um recurso questionável também pelo fato de que as palavras não serão intercambiáveis em qualquer contexto e provavelmente terão peculiaridades sintáticas distintas. Nesse sentido, assumimos que a sinonímia não deve ser um recurso utilizado como solução explanatória para as palavras gramaticais.

Com base no exposto até aqui, cabem algumas considerações: em primeiro lugar, é preciso levar em conta que as palavras gramaticais configuram um problema teórico de natureza distinta em relação ao representado pelas palavras lexicais. Assim, não faz sentido inserir palavras lexicais e gramaticais em uma mesma taxonomia de paráfrases explanatórias sem considerar a dicotomia metalinguagem do signo e metalinguagem do conteúdo. Além disso, é preciso salientar que, conforme coloca Bugueño (2009), a qualidade de uma paráfrase explanatória (ou instrução de uso, conforme a nomenclatura específica para as palavras gramaticais) depende de três variáveis: uma taxonomia, um padrão sintático e a adoção de uma teoria semântica. Segundo o autor, primeiramente

é necessário optar por um tipo de paráfrase explanatória segundo o que se almeje conceber como membro da equação em que, de um lado, está o signo-lema, e, de outro, um comentário sobre esse signo-lema. A formulação de uma taxonomia de definições permite justamente estabelecer uma correlação entre modelos parafrásticos e a(s) particularidade(s) da entidade que faz parte da equação antes mencionada (p. 243)<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Devido à incompatibilidade do termo “acepção” com as palavras gramaticais, preferimos utilizar “valor”.

<sup>14</sup> É importante salientar que o trabalho em questão foi concebido exclusivamente para as palavras lexicais. Nesse sentido, as três variáveis citadas estão sendo adaptadas ao tema das palavras gramaticais.

A redação da instrução de uso dependerá da palavra lematizada. Nesse sentido, levando em conta a natureza das palavras gramaticais, é necessário redatar uma instrução de uso em metalinguagem do signo. Assim, conforme dito anteriormente, a metalinguagem deixa de ser um princípio teórico e passa a ser também uma metodologia.

No que se refere ao padrão sintático, é preciso levar em consideração o fato de que a redação da instrução de uso vai depender da classe gramatical a que pertence a palavra, pois acreditamos que cada uma (conjunções, preposições, etc.) necessitará um modelo redacional específico. Assim, o modelo sintático deve ser um equilíbrio entre as informações relevantes para o consulente e a forma de representá-las através da instrução de uso.

A teoria semântica aparece como uma necessidade, mas também como um problema de grande complexidade no que se refere às palavras gramaticais. Em primeiro lugar, isso acontece porque não há um consenso sobre o aspecto semântico dessas palavras, ou seja, não está definido se apresentam ou não significado. Consideramos que a melhor opção, a princípio, parece ser uma semântica frasal ou textual, pois acreditamos que se de fato há significado nas palavras gramaticais, ele se define não só pela palavra em si, mas também pelas relações que ela estabelece com o que a rodeia no discurso.

### ***1.3 Justificativa***

Nos últimos vinte anos, o desenvolvimento dos estudos em lexicografia tem recebido uma grande importância. Prova disso são os muitos trabalhos publicados nessa área ao longo desse período e o notável crescimento do número de grupos de pesquisa que voltaram suas atenções ao fazer lexicográfico<sup>15</sup>.

Apesar disso, há temas que aparecem completamente inexplorados na metalexicografia (um exemplo de objeto cujo tratamento é extremamente escasso são os “textos”, ou “partes introdutórias<sup>16</sup>” do dicionário, comumente chamado de “prefácio”), ao passo que outros são tratados de maneira exaustiva, como por exemplo, os dicionários escolares e os dicionários de uso. Na dissertação que almejamos redatar, será abordado um tema com o qual já começamos a

---

<sup>15</sup> V. grupos de pesquisa em [www.cnpq.br](http://www.cnpq.br).

<sup>16</sup> Para um estudo sobre esse componente do dicionário, ver Fornari (2008a).

trabalhar e que faz parte do rol de objetos quase que inexplorados no campo da metalexigrafia: o tratamento dispensado às palavras gramaticais nos dicionários.

Durante a prática de um projeto de pesquisa intitulado “Dicionário de falsos amigos Espanhol – Português”, percebemos o quanto era difícil desenvolver uma paráfrase de qualidade para uma conjunção ou uma preposição, por exemplo. Impulsionados por essa dificuldade, começamos a pesquisar sobre as palavras gramaticais, especialmente dentro da metalexigrafia. No entanto, durante o desenvolvimento desse estudo, encontramos uma barreira significativa: a falta de pesquisa sobre o tema. Na verdade, não foi possível encontrar nenhum estudo que se preocupasse diretamente com o nosso objeto. O produto dessa pesquisa pioneira foi o trabalho de conclusão de curso, denominado “Parâmetros para o tratamento lexicográfico das palavras gramaticais”.

Sentimos que a referida escassez de pesquisa sobre esse tema é uma falta real, uma vez que não há uma proposta para resolver quaisquer problemas que envolva a geração de uma paráfrase explanatória para palavras gramaticais. O desenvolvimento de estudos sobre esse tema certamente ajudaria a melhorar obras lexicográficas em geral, como dicionários para falantes nativos (semasiológicos gerais, escolares, etc.) e dicionários para aprendizes de uma língua estrangeira<sup>17</sup>.

Em caráter geral, a metalexigrafia ressent-se de uma teoria da definição que dê conta de estabelecer critérios para a redação de paráfrases realmente de qualidade. Na prática, essa falta reflete-se nos verbetes dos dicionários, que em recorrentes casos, apresentam paráfrases pouco eficientes. As palavras gramaticais configuram outra face desse problema, pois nem sequer é possível aplicar a teoria existente a palavras dessa natureza, já que ela foi pensada exclusivamente para as palavras lexicais. O resultado disso é um tratamento lexicográfico bastante deficitário, que muito deixa a desejar no que se refere à qualidade das paráfrases para palavras gramaticais.

---

<sup>17</sup> Ao longo da iniciação científica, pudemos estudar e analisar diversos tipos de obras lexicográficas. Em Fornari (2007), foi realizado um estudo sobre dicionários para aprendizes, como *Señas* (2001) e *Salamanca* (1996). Em Fornari (2006), foi realizado um estudo sobre os dicionários de americanismos e em Bugueño; Fornari (2006), realizou-se uma análise de DUPB (2002), levando em consideração as características próprias de um dicionário de usos.

No referido trabalho de conclusão de curso, investigamos, por um lado, parâmetros teóricos que podem ajudar a calcular o funcionamento das palavras gramaticais, mais especificamente das conjunções *mas* e *pero*, respectivamente do português e do espanhol. No entanto, chegamos à conclusão de que, nas atuais condições, não é possível calcular o uso exato de uma conjunção da língua, sob pena de acabar na mesma falha metodológica das gramáticas e dos dicionários, ou seja, apenas listar ocorrências como “acepções” da palavra em questão. Analisando os dicionários, pudemos detectar que muitos dos usos neles listados não correspondem ao que o falante de fato faria.

Por outro lado, buscamos também propor um tratamento lexicográfico mais adequado à natureza desse tipo de palavras. Para tanto, trabalhamos com as principais gramáticas das línguas portuguesa e espanhola, bem como com os principais dicionários desses idiomas<sup>18</sup>. Os resultados indicam que é necessário pensar as palavras gramaticais a partir do ponto de vista teórico-gramatical, para entender seu funcionamento na língua, e do ponto de vista metalexigráfico, em busca de modelos redacionais eficientes que permitam a elaboração de paráfrases de qualidade. Nesse sentido, a busca deve ser por pontos de vista diferenciados para tratar esse problema. No que se refere à conjunções *mas* (port.) e *pero* (esp.), uma possível solução parece ser alguns valores opositivos que detectamos através da pesquisa e que arrolamos no referido TCC.

Os primeiros resultados da pesquisa que empreendemos foram descritos em um artigo denominado “O tratamento lexicográfico das palavras gramaticais: Discussão teórica e análise de verbetes” (Fornari 2009a), que é uma compilação de todas as conclusões a que chegamos a partir da análise de dicionários gerais e para aprendizes tanto do português quanto do espanhol. Essas conclusões desembocam na já referida falta de preocupação por parte dos metalexigráficos em estudar como tratar esse tipo de palavras, o que gera uma série de paráfrases falhas e inadequadas. O estudo mais avançado que realizamos, conforme já foi dito, teve como produto final o trabalho de conclusão de curso.

O tratamento lexicográfico das palavras gramaticais faz parte de uma teoria das paráfrases explanatórias nas obras lexicográficas. Por mecanismo explanatório entende-se qualquer recurso que permita compreender uma unidade linguística. A literatura especializada, no entanto,

---

<sup>18</sup> Português: DUPB (2002), Hou (2001), Au (1999). Espanhol: DRAE (2001), DUE (2001), Vox (2003), *Señas* (2001) e *Salamanca* (1996).

segundo o já comentado nos parágrafos precedentes, parece ter omitido o fato de que a natureza dessas paráfrases, no caso das palavras gramaticais, é essencialmente diferente daquela apresentada pelas palavras lexicais (substantivos, adjetivos e verbos).

Isso significa que a literatura sobre paráfrases explanatórias (Bosque (1982), Haensch (1982), Martínez de Souza (1995), Stati (1995), Hartmann; James (2001), Landau (2001), Jackson (2002), Borba (2003), Seco (2003), Beneduzi (2004), Welker (2004), Cano (2005), Guerra (2005), Bugueño (2009)) não trata do tema. Também as principais gramáticas (RAE (1931), RAE (1973), Alarcos (1999), Alcina; Blecua (1987)) não apresentam estudos aprofundados que possam, de alguma maneira, compensar a falta constatada na área especializada<sup>19</sup>. Por isso, o desenvolvimento da pesquisa deve começar pela formulação de pressupostos teórico-metodológicos que ajudem compreender a natureza das relações que essas unidades exprimem.

### **1.3.1 Resumo dos principais problemas lexicográficos referentes às palavras gramaticais**

Uma das principais motivações que levou-nos a iniciar a pesquisa sobre o tratamento lexicográfico das palavras gramaticais foi, justamente, a falta de fundamentação teórica a esse respeito. Existe uma vasta bibliografia própria dos estudos metalexográficos, mas praticamente não existe qualquer pesquisa sobre o tema das palavras gramaticais correlacionadas à lexicografia. Não há uma teoria que estabeleça parâmetros sobre como redatar um mecanismo explanatório adequado à natureza das palavras gramaticais.

Todos os autores que se preocuparam com o problema geral da definição centraram suas atenções apenas nas palavras lexicais. Bosque (1982), por exemplo, em um artigo de dezoito páginas sobre a definição lexicográfica, reserva apenas meia página para as palavras gramaticais e menciona apenas o fato de que essas palavras devem ter uma metodologia distinta, pois não se enquadram naquilo que comumente entende-se por definição lexicográfica (descrição de significados). No entanto, na maioria das vezes, os autores sequer mencionam as palavras gramaticais, simplesmente não se ocupam delas.

---

<sup>19</sup> Borges (2005) é um dos poucos exemplos de estudiosos que se ocuparam do tema das palavras gramaticais correlacionado à lexicografia.

Na pesquisa desenvolvida até aqui, pudemos detectar dois problemas centrais recorrentes da falta de estudos acerca do tema. O primeiro deles refere-se à tradicional distinção entre as palavras gramaticais e lexicais..

O segundo problema recorrente da falta de estudos é a insistência por parte dos lexicógrafos em dispensar o mesmo tratamento às palavras lexicais e gramaticais. Isso gera uma série de dificuldades que acabam comprometendo a qualidade dos dicionários. Normalmente, as obras lexicográficas acabam trazendo na sua microestrutura mecanismos explanatórios cujas informações pouco ou nada ajudam ao consulente.

Outro problema comum é a circularidade entre diferentes verbetes de palavras gramaticais, devido ao fato de que, sem recursos teóricos capazes de auxiliá-los adequadamente, os lexicógrafos acabam optando pela indicação de um “sinônimo”, o que não ajuda o consulente, uma vez que as palavras – especialmente as gramaticais – não são intercambiáveis em qualquer contexto. A discussão a respeito sobre a possibilidade de uma palavra gramatical assumir valores está relacionada à possibilidade de sinonímia. Consideramos, inicialmente, que palavras para as quais é possível apontar sinônimos (claro que nunca perfeitos) seriam palavras gramaticais com traços autosemânticos. Seria o caso de *pero*. As palavras gramaticais que não podem ser substituídas por outra em nenhum contexto sob pena de perda do sentido seriam palavras sinsemânticas propriamente ditas, como, por exemplo, a preposição *de*.

Outro ponto a ser considerado no que se refere aos problemas mais comuns dos dicionários é a listagem excessiva de “acepções”, que, na verdade, são puramente fenomenológicas, ou seja, não aportam significados ou valores, apenas exemplos de usos aleatórios redatados a partir de um exemplo encontrado em um *corpus*. Outro ponto a ser discutido é se as palavras indicam valores e significados, como os dicionários sugerem através de verbos como *indicar* e *denotar*, ou se o significado pertence à oração como um todo, como aponta Neves (1991).

Além da listagem de caráter demasiadamente fenomenológico, pode-se citar também a mescla de diferentes valores em uma mesma “acepção”, o que pode gerar problemas para a interpretação por parte do consulente. Também se deve levar em consideração que a concomitância dos valores em um mesmo mecanismo explanatório representa uma simplificação



exagerada na explicação dos valores por parte do lexicógrafo. Um exemplo disso é o verbete de Vox (2003) para *pero* (s.v.) no espanhol:

**pero<sup>2</sup> conjunción 1** Introduce una circunstancia que matiza, se opone o contradice parcialmente lo dicho o lo que ello permite deducir o suponer.

O uso do verbo *matizar* nesse verbete demonstra a generalização na explicação do valor da conjunção, pois seria necessário demonstrar que tipo de matização seria essa, como ela se dá, etc. Além disso, figuram na mesma “acepção” os verbos *oponerse* e *contradecir*. Os verbos em questão não têm o mesmo significado, de maneira que resulta inaceitável que estejam listados juntos, considerando o fato de que cada “acepção” deveria corresponder a um só valor do lema.

Outro aspecto relacionado ao problema da concomitância de valores em uma só “acepção” é a complexidade da redação da paráfrase. Um dos princípios regentes da definição é a objetividade, ou seja, incluir na redação do verbete apenas os elementos essenciais para a compreensão da palavra, além de apresentar uma redação clara, através de palavras e construções sintaticamente simples. No caso das palavras gramaticais, dificilmente isso acontece. Um exemplo claro dessa problemática é DUE (1996) que, buscando uma riqueza de informações, acaba oferecendo verbetes complexos demais e quase que impossíveis de ser totalmente compreendidos. Vejamos a primeira “acepção” de *sino* (s.v.) desse dicionário:

**sino 1 conj.** Es una \*conjunción \*adversativa con la que se contrapone a una cosa que se niega la que se afirma en vez de ella. Cuando precede a un verbo en forma personal, se une a «que». Va frecuentemente reforzada con ciertos modos adverbiales que acentúan la razón de la sustitución. Puede llevar como antecedente «no sólo». En este caso, se le puede añadir «también» o «además». Muy frecuentemente, si el nombre de lo sustituido es «cosa», se elide y «sino» equivale a «más que». La cosa negada o sustituida puede estar expresada por un pronombre indefinido o interrogativo y, entonces, «sino» tiene significado restrictivo y equivale también a «más que» o a «que no sea». Esta posibilidad de sustituir «más que» por «sino» da la solución en muchos casos para evitar el choque cacofónico de dos «que» en frases en que se emplearía «más que».

(DUE, 1996, s.v. *sino*)<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Destacado nosso.

Pode-se perceber que a complexidade do verbete atrapalha em muito a sua compreensão por parte do usuário, que dificilmente conseguirá assimilar perfeitamente todas essas informações, que se apresentam sem muita preocupação didática. Deve-se levar em conta que mesmo o dicionário geral é um instrumento de aprendizagem e que por essa razão deve haver uma busca pela objetividade, pela simplicidade e pela coesão no momento de redatar uma paráfrase. No caso do exemplo acima, o mínimo necessário a ser feito seria apresentar os diversos usos e valores listados em “acepções” exclusivas.

As falhas metodológicas são inúmeras, porém, é possível reverter esse quadro através do estabelecimento de uma teoria ou proposta que seja capaz de elucidar o funcionamento das palavras gramaticais e a sua posterior sistematização no dicionário. Nesse sentido, a pesquisa deve seguir dois caminhos que se complementam: o primeiro deles é buscar uma compreensão global sobre as palavras gramaticais na língua, como articuladores do texto. O segundo é estabelecer como sistematizar essa compreensão na forma de um mecanismo explanatório. A pesquisa almeja, portanto, estabelecer uma teoria e a sua posterior aplicação prática. No entanto, é essencial chamar atenção para o fato de que essa teoria ainda não existe, é necessário construí-la.

### **1.3.2 Fundamentação dos objetivos**

Diante da característica insuficiência das informações presentes nos verbetes das palavras “ditas gramaticais”, é evidente que se faz necessário abordar o seu tratamento lexicográfico a partir de uma perspectiva diferente. As experiências ganhas ao longo da iniciação científica (confronte-se Fornari (2009a)) demonstram que cada um dos tipos de palavras “ditas gramaticais”, e ainda os valores de cada tipo evidenciam soluções teóricas e metodológicas diferenciadas. Embora a nossa pesquisa focalize-se no tratamento da conjunção *mas*, é evidente que o escopo da mesma deve incluir os demais nexos que expressam adversidade (v. fundamentação teórica).

Para tanto, o ponto de partida terá que ser, necessariamente, uma discussão crítica dos critérios mais comumente empregados para a classificação das palavras como palavra de conteúdo lexical e palavras que expressam relações (v. fundamentação teórica). As indagações iniciais fazem-nos suspeitar que essa concepção dicotômica não corresponde integralmente ao fato idiomático.

Finalmente, os resultados que venham a ser obtidos com o trabalho devem projetar-se sobre a discussão metalexigráfica no sentido de fornecer subsídios teórico-metodológicos que possam ser empregados nos diferentes instrumentos lexicográficos.

### ***1.4 Hipóteses de pesquisa***

A partir das constatações apresentadas acima, foi possível formular as seguintes hipóteses de pesquisa:

- As gramáticas e os dicionários não apresentam de forma adequada os diferentes sentidos das palavras gramaticais a partir de seu uso, de forma que sejam compreensíveis e acessíveis aos falantes de uma língua;

- As diferentes teorias linguísticas não oferecem ainda uma proposta teórica que dê conta dos diferentes valores que assumem as palavras gramaticais em seu uso

- A falta de parâmetros metalexigráficos faz com que os dicionários não consigam apresentar de forma adequada os valores das palavras gramaticais e, portanto, não auxiliam, de forma eficaz, os consulentes.

- É necessário formular soluções específicas em relação às instruções de uso para as palavras gramaticais, diferentes daquelas atualmente utilizadas na lexicografia .

### ***1.5 Objetivos***

Considerando os resultados de pesquisas anteriores, os achados na presente pesquisa e hipóteses anteriores, definimos dois objetivos complementares, que representam exatamente ao que almejamos chegar com a dissertação:

#### **1.5.1 Objetivos gerais**

##### **1.5.1.1 Objetivo 1**

Criar um modelo microestrutural para o tratamento das conjunções adversativas, focalizando-se na conjunção *pero*.

### **1.5.1.2 Objetivo 2**

Contribuir com a discussão metalexigráfica no que diz respeito à formulação do comentário semântico.

## **1.5.2 Objetivos específicos**

### **1.5.2.1 Revisão da teoria**

Para que seja possível a realização deste trabalho e o cumprimento dos objetivos gerais, é essencial que seja feita uma revisão que abarque as diferentes correntes linguísticas. O objetivo da referida revisão é investigar como o significado é concebido em cada uma delas e como suas premissas teóricas podem auxiliar no entendimento das palavras gramaticais e na formulação de uma microestrutura eficiente. Também é imprescindível uma revisão acerca da lexicografia pedagógica e dos dicionários para aprendizes, uma vez que este trabalho está planejado para ajudar a promover uma melhora no comentário semântico das palavras gramaticais em dicionários para aprendizes brasileiros de espanhol.

### **1.5.2.2 Análise dos dicionários**

A análise dos dicionários é uma etapa essencial para auxiliar no entendimento dos principais problemas lexicográficos a serem enfrentados. A análise ajuda também a demonstrar a existência do problema já referido anteriormente.

### **1.5.2.3 Identificação do sentido de *pero* em um corpus espanhol**

Neste trabalho, partimos da hipótese de que tantos dicionários quanto gramáticas não apresentam a realidade linguística da conjunção *pero*, seja no que se refere ao uso, seja em relação ao significado da palavra. Acreditamos que tal fato deve-se especialmente à falta de análise da palavra em contextos reais de uso. Sendo assim, exploramos o CREA (Corpus da Real Academia Espanhola) para identificar variações semânticas da palavra, a fim de estabelecer um mapeamento real dos valores dessa conjunção.

## 2 Semântica nos séculos XIX e XX

O capítulo a seguir faz um panorama das diferentes correntes lingüísticas e analisa as suas contribuições para a semântica. Iniciamos o percurso com as descobertas e ensinamentos de Michel Bréal, uma vez que foi ele o fundador da semântica. Em seguida, passamos a Ferdinand de Saussure. Embora muitos considerem que o mestre não tratou da semântica, nossa concepção é de que suas contribuições falam, sim, de semântica e até hoje são adequadas para entender certos fenômenos do significado. O próximo tópico a ser tratado neste capítulo é a semântica lexical, em razão de que essa é uma teoria muito aplicada à prática dicionarística e traz importantes apontamentos acerca das relações de sentido, tão presentes nas obras lexicográficas. Por fim, tratamos da Linguística Cognitiva e da Linguística de Corpus, duas correntes contemporâneas que fornecem importantes apontamentos para o tema. Este capítulo tem o propósito de reunir subsídios teóricos para o estudo das palavras gramaticais, procurando reunir contribuições de diferentes correntes lingüísticas que não sejam antagônicas entre si no sentido buscar explicações para um fenômeno pouco explorado semanticamente.

A linguística é uma ciência que se caracteriza pela sua capacidade de estabelecer diferentes pontos de vista sobre os mesmos objetos. Assim, fazer linguística não sugere um objeto *a priori*. É necessário especificar que linguística é essa. As diferentes correntes teóricas surgem e se comunicam umas com as outras, negando princípios e fundamentos ou abarcando características entre si. A consequência disso é que não existe apenas uma concepção de língua, mas tantas quantas forem as correntes lingüísticas analisadas. Pezatti (2007, p. 166) aponta que “o desenvolvimento recente da linguística demonstra rápidas e sucessivas mudanças na definição do ponto de vista e, portanto, no modo de fazer pesquisa”.

Segundo o *Curso de Linguística Geral* (doravante CLG), “é o ponto de vista que cria o objeto” (p. 15). Nesse sentido, explicar o que é língua depende do ponto de vista do qual a analisamos. Assim, um funcionalista e um cognitivista darão diferentes respostas ao serem perguntados sobre o que é língua. Esse nível de especificação próprio da linguística faz com que palavras como língua, contexto, fala, significado e sentido tenham significações peculiares dentro de cada corrente, tornando-se conceitos complexos que precisam de esclarecimento.

Assim, o estudo do significado no âmbito da semântica formal certamente acarretará métodos, resultados e pontos de partida e chegada bem diferentes daqueles próprios de uma semântica cognitiva, por exemplo. Chierchia (2003, p. 37) coloca que apesar da pouca clareza de conceitos como sentido e significado, “há um ponto de partida fundamental: somos capazes de interpretar um número potencialmente infinito de sentenças, até mesmo sentenças nunca antes vistas”. Dessa maneira, presume-se que dispomos de um conhecimento, por um lado, do conjunto léxico próprio da língua e, por outro lado, de um conhecimento acerca da combinação dessas palavras através de regras, conforme salienta o autor.

Diversas teorias tentam explicar como se dá esse reconhecimento semântico, ou seja, como atribuímos significado a um item lexical. Antes de discutir os diferentes pressupostos que as teorias assumem para dar conta da semântica, e, dessa maneira, explicar o que significa “significar” para cada uma delas, é importante definir um aspecto elementar: qual o objeto de análise da semântica e quais as implicações que essa eleição acarreta para o estudo do significado.

Explicar o que é o significado e como o depreendemos não depende apenas da teoria através da qual analisamos a língua, mas também do nível de análise pelo qual fazemos isso. Nesse sentido, o primeiro passo para definir o objeto da semântica é estabelecer o nível de análise utilizado para investigá-lo. No âmbito da semântica lexical, o objeto de análise é a palavra. Por outro lado, na esfera da semântica frasal, o objeto passa a ser o sintagma. Por sua vez, a semântica textual tem como objeto o texto.

Embora tenhamos enfatizado até aqui um aspecto sintático de grande importância próprio das palavras gramaticais, o foco deste trabalho é o viés da semântica. Em primeiro lugar, cabe ressaltar que rechaçamos veementemente a idéia de blocos separados de análise linguística. Em nossa opinião, semântica e sintaxe estão sempre ligadas, como se uma não fosse possível sem a outra. Este estudo, portanto, reveste-se de uma identidade semântica, mas que caminha juntamente com o aspecto sintático.

Tamba (2006, p. 7) afirma que “o sentido é um dado imediato e fundamental de nossa experiência com as línguas”. Essa ideia está intimamente relacionada com o tema deste trabalho, na medida em que estudamos uma conjunção conhecida como “adversativa”. Alguma coisa na

natureza das conjunções *mas* (port.) e *pero* (esp.) leva as pessoas a classificá-la dessa maneira, sempre fazendo referência à idéia de “oposição”. Tal fato pode ter sua origem em uma propriedade da palavra em questão, enquanto elemento léxico, enquanto palavra-entrada do nosso dicionário mental ou pode dever-se a um fenômeno frástico, que percebemos através das relações que a conjunção estabelece com os elementos que estão ao seu redor.

Se considerarmos a primeira possibilidade como verdadeira, então estamos diante de um fenômeno puramente semântico, que não guardaria nenhuma relação mais íntima com a distribuição sintagmática das palavras. Se, no entanto, acreditarmos na segunda possibilidade, a relação semântico-sintática torna-se visível e poderíamos considerar que a conjunção *mas* tem um significado próprio de oposição que se especifica e se divide em diferentes valores dependendo da sua organização sintática.

## **2.1 Semântica no século XIX**

### **2.1.1 Bréal**

O primeiro estudioso a se dedicar ao estudo das significações, ainda que com forte viés histórico, foi Michel Bréal. Em seu livro fundador da disciplina, *Ensaio de Semântica*, o autor faz a seguinte colocação:

Nesta segunda parte, propomo-nos a examinar por que as palavras, uma vez criadas e providas de um certo sentido, são levadas a restringi-lo, a estendê-lo, a transportá-lo de uma ordem de idéias para outra, a elevá-lo ou rebaixá-lo em dignidade, em resumo, a mudá-lo. É esta segunda parte que constitui propriamente a semântica ou a ciência das significações.

(Bréal, 1992, p. 77)

Para Bréal, portanto, a ciência das significações tinha como objetivo entender como e por que razão as palavras mudam de significado. O autor dedica um pequeno capítulo às categorias gramaticais, onde fala especialmente do advérbio e da preposição, colocando sobre essa última que “as preposições mais antigas têm uma tendência a esvaziar-se de sua significação para tornar-se simples instrumentos gramaticais” (Bréal, 1992, p. 131). Um pouco mais adiante, o autor acrescenta que “é a presença dessas palavras **em aparência vazias**, que fez a criação da linguagem parecer uma obra superior à razão humana” (grifo nosso) (Bréal, 1992, *ibidem*). O autor deixa claro que as palavras ditas gramaticais, que parecem vazias, na verdade carregam em

si alguma significação. Ao falar de preposições antigas, Bréal coloca que algumas se tornaram meros instrumentos gramaticais. Assim, estamos diante de dois possíveis tipos de palavras gramaticais: por um lado, aquelas que perderam sua significação e apenas têm importância sintática e, por outro, aquelas que mantêm seu significado próprio.

Bréal (1992) dedicou também um capítulo de seu livro fundador à ordem das palavras, indicando uma possível relação entre a organização sintagmática e o significado. O autor afirma que há “uma certa fixidez na construção da frase – fixidez que sozinha muitas vezes decide o sentido das palavras” (p. 147), citando em seguida o exemplo “os japoneses venceram os chineses”, em que apenas a posição das palavras interfere no entendimento da frase. Poderíamos pensar analogamente no que se refere à conjunção *mas* ou *pero*. É sem dúvida diferente dizer “é simpático, mas feio” ou “é feio, mas simpático”, sendo que a diferença entre uma e outra frase está justamente na ordem das palavras.

Ainda a respeito das palavras gramaticais, Bréal (1992, p. 158) afirma que

a trama da linguagem é tecida por essas palavras. Se me ocorre formular um silogismo, as conjunções que marcam os diferentes membros do meu raciocínio dizem respeito à parte subjetiva. Elas fazem apelo ao entendimento, elas o tomam como testemunho da verdade e do encadeamento dos fatos. Elas não são, pois, da mesma ordem que as palavras que me servem para expor os próprios fatos.

## **2.2 Semântica no século XX**

### **2.2.1 Saussure**

Após a fundação da disciplina semântica, com Michel Bréal, surge o estruturalismo de Saussure, que, embora visto por muitos como aquele que rechaçou a semântica, mostra-nos, através da sua teoria do valor, o esboço de uma teoria semântica sincrônica, em uma época em que a semântica histórica era a única que interessava. Tal afirmação pode causar estranheza para aqueles que acreditam que Saussure não contemplou a semântica em seus estudos. Os próprios editores do CLG, Bally e Sechehaye, colocam no prefácio à primeira edição que

o ensino do mestre jamais teve a pretensão de abordar todas as partes da linguística, nem de projetar sobre todas uma luz igualmente viva; materialmente, não o poderiam fazer. (...)



Assim se explica que certas disciplinas mal tenham sido a floradas, **a semântica**, por exemplo.  
[grifo meu].

(CLG (2006, p. 3-4))

É impossível partilhar da opinião dos editores do curso, que, cabe ressaltar, não assistiram às aulas de Saussure, organizando o CLG a partir dos escritos dos alunos que frequentaram o curso no terceiro ano. Normand (1990, p. 37) afirma que podemos encontrar no CLG elementos de uma abordagem semântica ou, ao menos, a indicação de seus limites<sup>21</sup>. De fato, é inegável que Saussure abordou a semântica em seus estudos, e, além disso, abordou o sentido. Embora no CLG a nomenclatura por vezes seja bastante confusa, pode-se facilmente apreender trechos da obra em que claramente discute-se sobre sentido e significado.

O CLG traz a seguinte afirmação: “a coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral” (p. 132). Falar de *valores* é falar de significado. No entanto, falar de *valores* atrelados ao *uso* é falar de sentido. No capítulo quatro do CLG, intitulado “o valor lingüístico”, o leitor depara-se com uma teoria que quer explicar a significação das palavras, e mais do que isso, o sentido. Um exemplo disso é o encontrado no capítulo três “Identities, realities, values”:

Quando, numa conferência, ouvimos repetir diversas vezes a palavra *Senhores!*, temos o sentimento de que se trata, toda vez, da mesma expressão, e, no entanto, as variações do volume de sopro e da entonação a apresentam, nas diversas passagens, com diferenças fônicas assaz apreciáveis quanto as que servem, aliás, para distinguir palavras diferentes (...); ademais, esse sentimento de identidade persiste, se bem que do ponto de vista semântico não haja tampouco identidade absoluta entre um *Senhores!* e outro, da mesma maneira que uma palavra pode exprimir idéias bastante diferentes sem que sua identidade fique seriamente comprometida (cf. “adotar uma moda” e “adotar uma criança”, “a flor da macieira” e “a flor da nobreza” etc.).

(CLG (2006, p. 125 - 126))

Seria apressado afirmar que o “sentimento de identidade” a que se refere o mestre está relacionado ao significado? Segundo o CLG, uma identidade sincrônica é aquela “em virtude da

---

<sup>21</sup> [on peut y trouver les éléments d’une approche sémantique linguistique ou du moins l’indication de ses limites] (Normand (1990, p. 37)).

qual declaramos que duas frases como “je ne sais *pas*” (“eu não sei”) e “ne dites *pas* celas” (“não digas isso”) contêm o mesmo elemento” (p. 125). As variações do volume de sopro e da entonação estariam ligadas ao sentido? As diferentes idéias que uma palavra pode exprimir sem que sua identidade fique seriamente comprometida seriam os seus sentidos, aceitos e reconhecidos pelo uso? As perguntas acima dirigem a discussão para um aspecto central no pensamento saussuriano: a teoria do valor.

Segundo Piovezani (2008), desde algumas publicações das décadas de 60 e 70<sup>22</sup>, surgiu “um conjunto de pesquisas filológicas, cujo principal representante parece ser atualmente Simon Bouquet e cuja orientação caracteriza-se por um ‘retorno a Saussure’, visando a revelar seu verdadeiro pensamento...” (p. 12). Dessa maneira, valendo-se não só da leitura do CLG, mas também dos escritos de Saussure, Bouquet (2000) faz o esboço do que seria uma “gramática do sentido”, cujo aspecto mais crucial encontra-se nos capítulos três e quatro, “o objeto semântico” e “o valor semântico”.

Em contrapartida àquelas leituras que assinalam a exclusão da semântica e do sentido, para Bouquet (2000) a teoria saussuriana tem seu centro exatamente no aspecto semântico. Se, por um lado, o CLG reserva ao valor semântico um espaço relativamente curto (o capítulo quatro, basicamente), por outro lado não restam dúvidas de que foram lançadas as bases de uma gramática sincrônica cujo traço essencial é a semântica. Bouquet (2000) trabalha toda a complexidade da noção de valor em seu livro, a qual resume-se a seguir.

Segundo Bouquet (2000), Saussure apresentou, na terceira edição do curso, a teoria do valor. Tal teoria é, ao mesmo tempo, unificada (uma vez que sentido ou significação é tido como um fato unitário) e complexa (porque é coordenada por dois fatos). A noção de *complexidade* da teoria do valor é esclarecedora, pois demonstra que o valor está representado por uma *pluralidade de fatos*. Conforme Bouquet (2000, p. 255),

O primeiro fato (que se pode denominar, num estenograma, o do *valor in absentia*) faz corresponder termo a termo a teoria do valor e a teoria do arbitrário. O segundo fato (que se pode etiquetar como o do *valor in praesentia*) associa, a esse valor proveniente do arbitrário da língua,

---

<sup>22</sup>

O autor refere-se especialmente às publicações de Robert Godel, de 1957 e Tullio de Mauro, de 1970.

um valor proveniente do fato sintagmático. É na combinação desses dois fatos que o lingüista vê (...) a essência do fato semântico.

O valor *in absentia* dá-se na esfera das relações associativas, denominada pelos estruturalistas de *paradigma*. O valor *in praesentia*, por sua vez, realiza-se na esfera das relações sintagmáticas. No CLG, estabelece-se que as relações sintagmáticas e associativas são responsáveis pelo mecanismo da língua. Dessa maneira, segundo Bouquet (2000, p. 256), “a noção de sistema [cujo mecanismo dá-se no paradigma e no sintagma], aplicada à língua, supõe o duplo caráter do valor”.

No entanto, esse duplo caráter transforma-se na já referida *pluralidade de fatos*. Na verdade, há seis diferentes valores em jogo, que, conforme o aspecto da generalidade, são tomados de maneira unificada. O valor *in absentia*, procedente do arbitrário e próprio das relações associativas, divide-se em duas categorias: o valor interno do signo e o valor sistêmico do signo. O valor interno, por sua vez, comporta três valores. Segundo Bouquet (2000, p. 258),

esses três valores obedecem às seguintes razões: (1) o significante responde pelo seu significado; nessa medida, *o significado é o valor desse significante*; (2) o significado responde pelo seu significante; nessa medida, *o significante é o valor desse significado*; (3) significante e significado respondem simultaneamente um pelo outro, nessa medida, *o significante e o significado são simultaneamente o valor um do outro*.

Os dois primeiros valores referem-se a cada uma das faces do signo (significado e significante) como correspondente e oposta à outra e se configuram conforme a existência do outro. O terceiro valor refere-se ao signo como um todo, conforme Bouquet (2000, p. 259), a “‘acepção global’ depois da ‘acepção facial’”.

Além desses três valores, na segunda categoria, o valor sistêmico do signo, há mais dois: o valor sistêmico fonológico e o valor sistêmico semântico. Enquanto o valor interno relaciona-se como o signo como unidade e restringe-se a ele, o valor sistêmico refere-se ao valor do signo enquanto parte do sistema da língua, englobando o arbitrário do sistema fonológico e o arbitrário do sistema semântico. Nesse sentido, o valor aparece como a contrapartida dos termos coexistentes. É uma relação entre termos que fazem parte da língua. Assim, a significação, ou o valor unificado, nasce da *indissolubilidade* entre o que é interno ao signo e o que é da ordem do sistema.

No valor *in absentia*, portanto, contabilizam-se cinco valores. O sexto e último valor que compõe a pluralidade antes referida é o valor *in praesentia*. Esse valor é da ordem da sintagmatização, ou seja, nas palavras do CLG, “um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos” (p. 142). A pluralidade de valores pode ser representada conforme a figura 1, elaborada com base em Bouquet (2000):

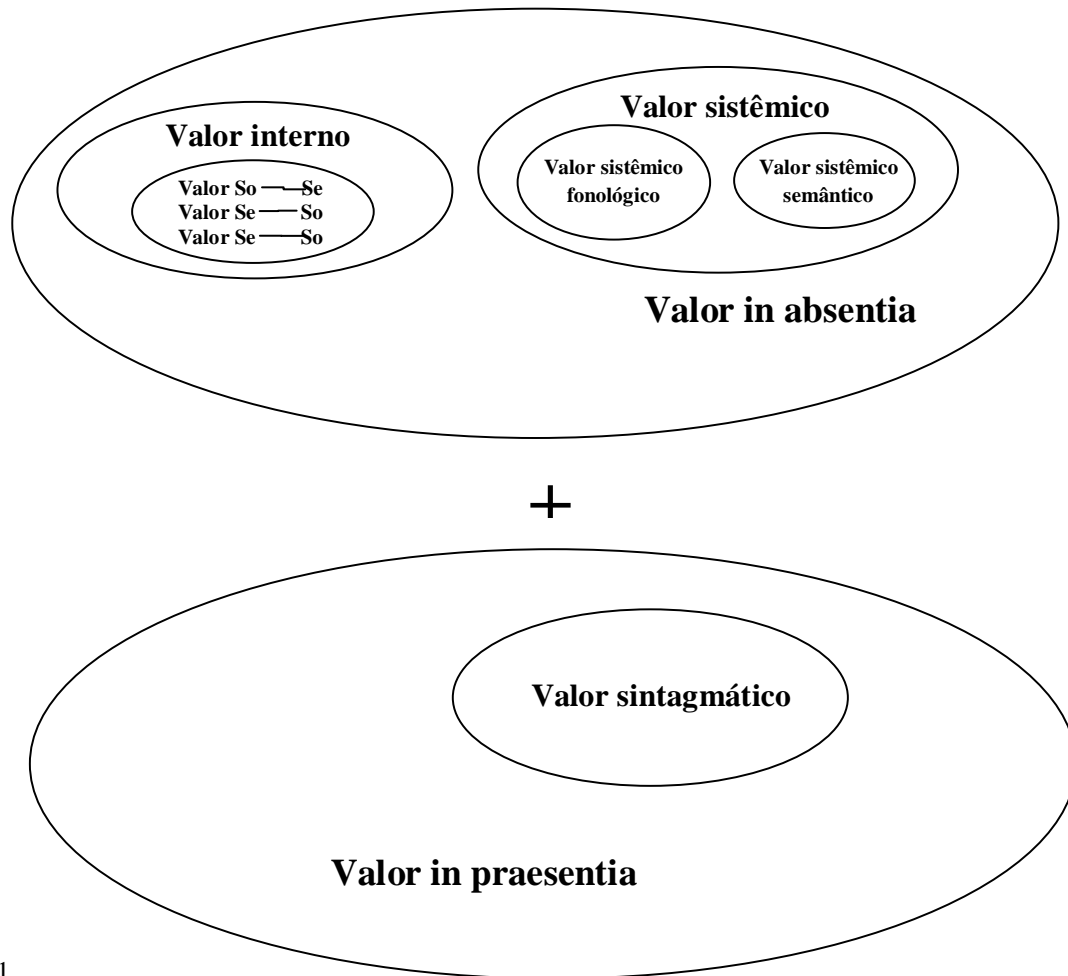


Figura 1

Segundo Bouquet (2000, p. 267),

se o valor interno e o valor sistêmico são destinados a se conjugar para fazer surgir um fato indivisível na consciência do sujeito falante – o fato do valor *in absentia* –, esse fato só constitui no entanto uma parte do valor semântico: ele mesmo deve entrar em conjunção com o fato do valor proveniente da sintagmatização para construir o todo do valor semântico.

Entende-se, portanto, que uma palavra só adquire seu valor na combinação do valor *in absentia* e do valor *in praesentia*. Dessa maneira, a noção de valor engloba não só o que está referido no discurso, mas também aquilo que poderia estar referido, termos que se opõem e que diferem entre si. Segundo Flores; Rizzatti (2006), o valor se estabelece no ponto em que sintagma e paradigma se articulam. Pode-se dizer, portanto, que o valor é inerente à língua, mas só se configura na realização, onde as relações associativas e sintagmáticas encontram-se.

A “opção” por um signo e não por outro no eixo paradigmático acrescentada às relações que esse signo mantém com os outros no sintagma configuram o valor. Tal fato pode ser representado pelo seguinte esquema representado pela Figura 2 (inspirada no desenho apresentado no CLG, p. 133):

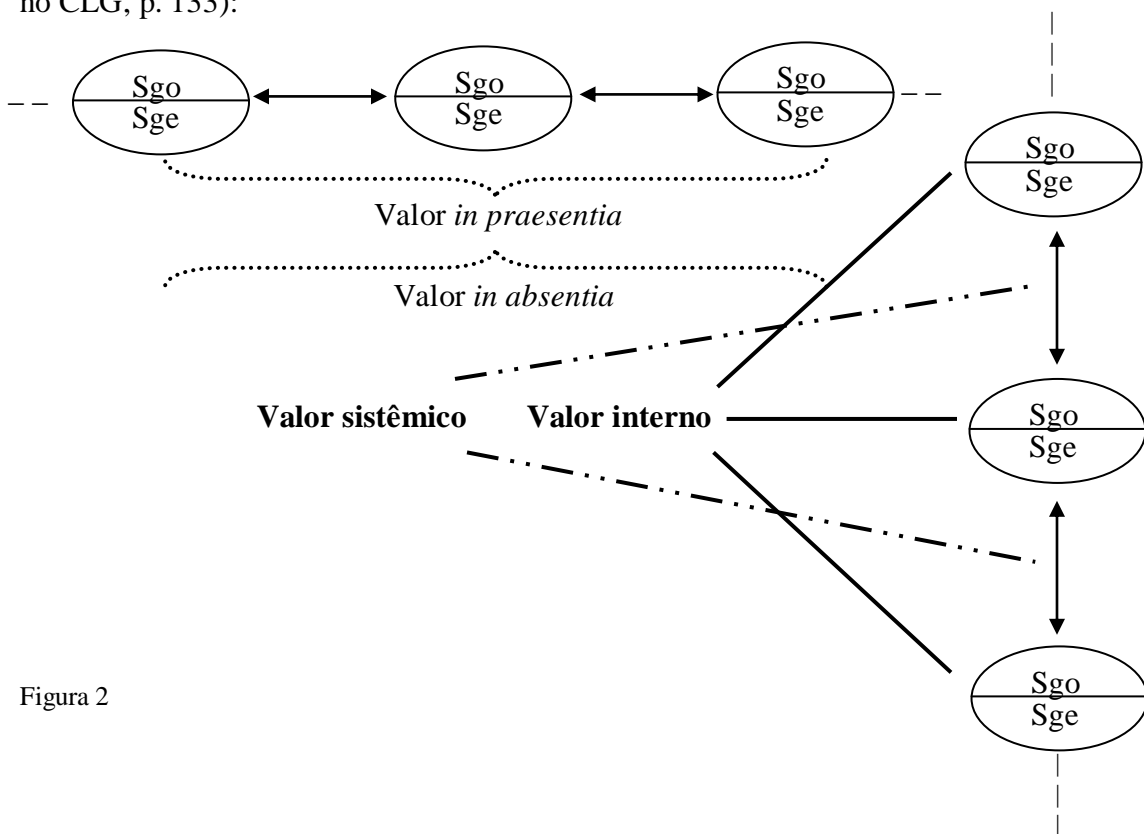


Figura 2

Nesse ponto da teoria do valor, vê-se desmoronar a famosa dicotomia língua e fala. O CLG apresenta a dissolução da dicotomia no capítulo em que trata das relações associativas e sintagmáticas, ao refletir sobre o sintagma como pertencente à fala e à língua, embora os editores do curso não tenham a preocupação de colocar tal fato em evidência. O CLG aponta que “no

domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho do uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual” (p. 145).

Bouquet (2000, p. 279), ao assumir que “há relações sintagmáticas *in absentia*”, demonstra a dificuldade de manter a dicotomia língua x fala. Se o sintagma está no paradigma, então aquilo que o CLG (p. 142-143) coloca como próprio do discurso e próprio da memória/cérebro misturam-se e juntos determinam o valor do signo lingüístico. Conforme o próprio CLG, “é difícil classificar uma combinação de unidades, porque ambos os fatores concorreram para produzi-la e em proporções impossíveis de determinar” (p. 145).

Silva (2008), ao citar Robert Godel, coloca que o valor é determinado concomitantemente do agrupamento paradigmático e do agrupamento sintagmático, conforme o que expusemos acima. Além disso, citando o mesmo autor, Silva (2008) coloca ainda que há em Saussure duas fontes de valor, o sistema e a coletividade. Compreendemos, a partir disso, que o valor inerente do sistema é parte da significação, ao passo que o valor inerente da coletividade é parte do sentido. Ao mesmo tempo, o valor organiza tudo na língua. Dessa maneira, justificam-se as afirmações de Normand (1990, p. 38-39): “É preciso distinguir a significação do valor”, “a significação é somente um elemento do valor” e “o valor é um elemento da significação<sup>23</sup>”.

Conforme o exposto acima, defendemos que a linguística saussuriana é, acima de tudo, uma linguística semântica, que lança subsídios para uma teoria da significação e do sentido. Somado ao fato de que o CLG é uma compilação de notas de aula, ressaltamos que Saussure não teve tempo de sistematizar suas idéias de maneira clara e coerente, fato que fica marcado nas ambigüidades e contradições do CLG. No entanto, pode-se ver as bases epistemológicas de uma teoria semântica (entendemos aqui uma teoria semântica como aquela que quer dar conta do significado das palavras) e concordamos com Flores (2004, p. 7) em seu pensamento de que “Saussure está preocupado em dar alguma cientificidade à linguística e faz isso elegendo a língua como o objeto do qual se deve dar uma descrição pautada pelas noções de sistema e valor”.

---

<sup>23</sup> [La signification est à distinguer de la valeur]. [La signification n'est que'un element de la valeur]. [La valeur est un élément de la signification]. Normand (1990, p. 38-39).

### 2.2.2 Semântica Lexical

Palmer (1979) aponta (inicialmente) duas abordagens que tentam explicar o significado das unidades lexicais, mas essas apresentam problemas teóricos que tornam inviável a sua aplicação coerente no estudo semântico. A primeira delas é a nominalização. Defensores dessa teoria, segundo Palmer, sustentavam o ponto de vista de que “as palavras são nomes ou rótulos para as coisas” (p. 31). O autor aponta diversos problemas relacionados a essa teoria, como o fato de que a perspectiva em questão “parece ser aplicável apenas em relação aos substantivos” e “é difícil, senão impossível, alargar a teoria da nominalização de modo a abranger outras partes do discurso” (p. 32). Em nossa opinião, a teoria do rótulo tampouco poderia explicar a diferença entre as palavras gramaticais e lexicais, ou, conforme denomina Palmer, “palavras-plena” e “palavras-forma”.

A segunda teoria apontada por Palmer é aquela que “relaciona palavras e coisas através do pensamento”. O autor refere a Teoria do Valor de Saussure e o Triângulo semiótico de Ogden e Richards. Sobre a Teoria do Valor, Palmer coloca que

De acordo com Saussure, o signo linguístico é constituído por um significante e um significado; no entanto, eles são mais rigorosamente, uma imagem acústica e um conceito, unidos um ao outro por um elo associativo, psicológico. Deste modo, tanto os sons que produzimos quanto os objetos do mundo sobre os quais falamos são refletidos por entidades conceituais (p. 38).

A respeito da teoria de Ogden e Richards, Palmer coloca que “de acordo com o triângulo semiótico, não há ligação direta entre o símbolo e o referente (entre a língua e o mundo) – a ligação faz-se através do pensamento ou referência, os conceitos da nossa mente” (*ibidem*).

O autor aponta como problemas desse pensamento a impossibilidade de explicar o elo existente entre conceito e significado. Entendemos conceito como uma representação do âmbito da cognição, ao passo que o significado é uma representação arbitrária e convencional do âmbito linguístico. Além disso, Palmer salienta também o excesso de subjetividade que um conceito carrega: “mesmo que os conceitos existissem na nossa mente seriam, em princípio, acessíveis apenas ao próprio indivíduo, o que nos põe perante visões do problema totalmente subjetivas, uma vez que não posso saber quais são os significados das outras pessoas” (p. 40). As teorias apontadas por Palmer mostram-se insuficientes para o estudo do significado na língua. Dessa maneira, a semântica lexical busca respostas nas relações de sentido que as palavras estabelecem

entre si, tais como a sinonímia, a antonímia, etc. A análise desses fenômenos permite à semântica lexical a obtenção de algumas conclusões sobre o seu objeto de estudo.

Conforme já é sabido, o referido objeto da semântica lexical são as palavras. Nesse sentido, é preciso definir a o que é uma unidade lexical. É sabido que uma unidade lexical pode ser definida como uma palavra com significado próprio que a distingue das demais. Nesse sentido, adotamos a posição de Cruse (1986, p. 49), que define a unidade lexical como “formas-significado complexas com propriedades semânticas estáveis e discretas que têm relações de sentido<sup>24</sup> como antonímia e hiponímia e interagem sintagmaticamente”. Assim, *bonito*, *embelezar* e *beleza* são unidades lexicais que guardam as características propostas pelo autor.

No entanto, é de se perguntar se a definição proposta por Cruse é capaz de abarcar todo o léxico da língua. Conforme discutido anteriormente, poderíamos afirmar que as palavras gramaticais sinsemânticas não cumprem todas as condições apontadas pelo autor. A preposição *em*, por exemplo, não estabelece relações de sentido como antonímia e hiponímia, mas interage sintagmaticamente com as outras unidades lexicais ao seu redor. Da mesma forma, é necessário questionar-se sobre o poder de estabelecer relações hiponímicas, por exemplo, das palavras gramaticais. Acreditamos que nem todas as palavras gramaticais podem submeter-se às relações de sentido referidas por Cruse.

No tópico seguinte deste trabalho, propomo-nos a analisar cada uma dessas relações no intuito de investigar se elas são essenciais para que uma unidade seja considerada como “lexical”, por um lado. Por outro lado, investigaremos as relações de sentido entendendo-as como um recurso em potencial para confirmar ou não a presença de conteúdo semântico nas palavras gramaticais. Assim, colocamo-nos duas perguntas:

- a) As palavras gramaticais que não são capazes de estabelecer relações de sentido não possuem significado?
- b) Potenciais palavras gramaticais que não possuem significado não podem ser consideradas como unidades lexicais?

---

<sup>24</sup> Utilizamos o termo relações de sentido para abordar as relações estabelecidas entre as palavras no plano do conteúdo.



### 2.2.2.1 Sinonímia

Enquanto a antonímia relaciona-se à noção de oposição, seja ela gradual, complementar ou conversa, o fenômeno da sinonímia está ligado à igualdade de significado. Assim, duas palavras são sinônimas quando “carregam o mesmo conteúdo semântico”. No entanto, o princípio de economia da língua sugere o fato de que dificilmente poderiam existir duas palavras diferentes que significassem exatamente a mesma coisa, sem nenhuma diferença semântica ou pragmática. Palmer (1979, p. 74) coloca que seria pouco provável que duas palavras com conteúdo semântico exatamente igual sobrevivessem na língua.

No entanto, negar a existência da sinonímia seria um erro. É necessário adequar a definição de sinonímia para que este seja um fenômeno plausível na língua. Dessa maneira, conforme já consolidado pela linguística, a sinonímia perfeita, ou seja, aquela que permite a troca das palavras em qualquer contexto sem que haja mudança de qualquer espécie, não existe. Não obstante, a equivalência de significados pode ser detectada com graus de variação, que podem ser de cunho diastrático, diafásico ou diatópico, conforme o diassistema proposto por Coseriu (1980).

O diassistema é um conjunto de “eixos” ou níveis que formam uma língua histórica, ou seja, português, francês, inglês, etc. Esses níveis podem ser de três tipos: o nível diastrático está ligado a diferenças no eixo social da língua, que estão relacionadas às diferenças sociais entre os próprios falantes de uma língua histórica. Por sua vez, o eixo diafásico está relacionado a diferenças entre usos familiares, coloquiais, cultos, etc. Assim, uma conversa de bar será bem diferente, em relação ao estilo, de uma conversa em uma entrevista de trabalho, por exemplo. Por fim, o nível diatópico refere-se a variações geográficas, por exemplo, diferenças existentes entre o português de Porto Alegre e o português do Rio de Janeiro.

Assim, é de se perguntar se *barriga*, *pança* e *abdômen* podem ser considerados sinônimos. *Barriga* parece ser o termo mais geral e mais neutro. Por sua vez, *pança* faz parte do registro coloquial ou familiar da língua. *Abdômen* parece ser uma forma mais culta e talvez até especializada de se referir a essa parte do corpo. No entanto, as três palavras remetem a um mesmo conceito, têm a mesma referência. Nesse sentido, acreditamos que essas palavras devem ser consideradas sinônimos imperfeitos, entre os quais há uma variação diafásica.

Ullmann (1964, p. 294-295) lista uma série de diferenças típicas de sinônimos. A primeira delas refere-se ao fato de que um termo pode ser mais geral que outro. Essa possibilidade remete-nos à noção de hiponímia, se consideramos que um termo superordenado pode ser sinônimo do seu hipônimo. Por exemplo: *gato*, *cachorro*, *cavalo*, *urso*, etc, são “animais mamíferos”. É possível considerar que *gato*, hipônimo de “mamífero” é também seu sinônimo. Nesse caso, o termo mais geral é também o menos informativo, uma vez que pode ligar-se a outras palavras, ou seja, da mesma forma que “mamífero” pode ser considerado sinônimo de *gato*, essa relação de sentido também se estabelece com seus outros hipônimos anteriormente citados.

A segunda diferença refere-se à possibilidade de um termo ser mais intenso que outro. O autor cita como exemplo as palavras *repudiar* e *recusar*. É possível perceber uma graduação entre as duas unidades, em uma relação que se parece um pouco com o que acontece entre os antônimos graduais. O mesmo acontece com *gostar*, *adorar* e *amar*. A unidade *amar* contém as outras duas, bem como *adorar* contém *gostar*. No entanto, a relação não é recíproca. *Repudiar* contém *recusar*, mas o contrário não é verdadeiro.

A terceira diferença diz respeito ao fato de que uma unidade pode ser mais emotiva que outra. Parece-nos, na verdade, que essa possibilidade deve ser considerada juntamente com a anterior. *Repudiar* parece mais emotivo que *recusar*, uma vez que sugere um sentimento negativo mais forte do que a pura negação presente em *recusar*. *Repudiar* é um *recusar* com mais intensidade e emotividade.

A quarta diferença trazida por Ullmann é a possibilidade de que um termo implique aprovação ou censura moral enquanto outro é neutro. Nesse caso, há uma relação com o eixo diastrático proposto por Coseriu. Assim, certas palavras são mais aceitáveis em contextos específicos, enquanto outras parecem pertencer a um léxico mais geral. Um exemplo disso é a oposição entre *xixi* e *urina*. Um médico dificilmente solicitaria a seu paciente um “exame de xixi”, mas uma mãe provavelmente perguntaria a seu filho pequeno se ele tem “vontade de fazer xixi”, sem que houvesse qualquer reprovação social nisso. Assim, entendemos que *urina* é uma palavra mais neutra, enquanto *xixi* tem uso mais restrito ao ambiente familiar.

A quinta diferença relaciona-se com o nível de especialidade da palavra. Ullmann cita as palavras *morte* e *óbito* (p. 295). Não há dúvidas de que, apesar de apresentarem o mesmo

conteúdo semântico, *morte* e *óbito* são usadas em contextos diferentes. *Óbito* é uma palavra mais frequente no âmbito da medicina. Nesse sentido, acreditamos que as proposições “A hora da morte foi às 8h da manhã” e “A hora do óbito foi às 8h da manhã” apresentam diferenças de cunho pragmático, mas não semântico.

A sexta diferença aponta a possibilidade de um termo ser mais literário que outro. Por sua vez, a sétima diferença está ligada à possibilidade de uma palavra ser mais coloquial que outra, o que se enquadra na diferença de nível diafásico de Coseriu. Assim, *xixi* é considerado coloquial, enquanto *urina* é mais neutro, apesar de apresentar certo grau de formalidade. A oitava diferença apontada por Ullmann diz respeito à variação diatópica de Coseriu e aponta para o fato de um termo ser mais local ou dialetal que outro. Um exemplo disso é a diferença entre *guisado*, *boi ralado* e *carne moída*. As três têm exatamente o mesmo referente, mas a palavra *guisado* somente é usada no Rio Grande do Sul. *Boi ralado* é uma palavra típica de Santa Catarina, enquanto *carne moída* parece ser um termo mais geral.

A nona diferença refere-se à possibilidade de um dos sinônimos pertencer à linguagem infantil. O autor cita como exemplo *papai* e *pai*. No entanto, acreditamos que essa diferença está ligada à diferença anterior. A palavra própria da linguagem infantil é também um registro coloquial. Um exemplo disso é a palavra *tia*, empregada pelas crianças para referir-se à professora. Esse uso é típico das crianças, mas também expressa coloquialidade, também pode ser considerado um uso familiar. A uma professora desconhecida, possivelmente uma criança se referiria como *senhora*.

Todas essas diferenças podem ser resumidas em termos de uma oposição entre aquilo que é não-marcado, ou seja, neutro e próprio de uma língua “geral” e aquilo que é “marcado”, ou seja, possui alguma característica pragmática que confere à palavra peculiaridades que vão interferir no seu uso. No âmbito da lexicografia, as diferenças entre os sinônimos deveriam ter um papel fundamental. Em primeiro lugar, é preciso considerar que as palavras são sinônimas em suas acepções. Assim, *cadeira* só é sinônimo de *disciplina* quando as duas referem-se a um conjunto de estudos. Esse tipo de indicação deveria estar sempre presente na microestrutura de um dicionário, considerando que as palavras normalmente são polissêmicas. No entanto, o que se vê na prática lexicográfica normalmente é a remissão de verbete a verbete, não de acepção a acepção.

Além disso, as diferenças pragmáticas entre os sinônimos deveriam configurar uma informação de destaque nos dicionários. Considere-se, especialmente, um dicionário para aprendizes de português em que houvesse uma remissão de *xixi* a *urina*, sem que nada fosse informado a respeito do nível de coloquialidade de *xixi*. O estudante não teria subsídios para calcular o emprego de ambas as unidades, o que provavelmente o levaria a usá-las inadequadamente.

Cruse (1986, p. 265) defende a existência de uma escala de sinonímia, baseado no fato de que “alguns pares de sinônimos são ‘mais sinônimos’ que outros<sup>25</sup>”. O autor cita os pares *settee/sofá* e *die/kick the bucket*. Assim, o estabelecimento de uma escala de sinonímia, que começa em “sinonímia absoluta” (que praticamente inexistente) e termina em sinonímia zero depende da identificação das semelhanças necessárias e das diferenças permitidas entre os itens lexicais. Cruse salienta que “sinônimos devem ter um significativo grau de sobreposição semântica, evidenciada pelos traços semânticos comuns<sup>26</sup>” e que “quanto mais traços semânticos um par de palavras compartilha, mais sinônimas elas são<sup>27</sup>” (p. 266).

A definição de sinonímia de Cruse baseia-se na noção de traços semânticos. Assim, segundo o autor, “sinônimos são itens lexicais cujos sentidos são idênticos em relação aos traços semânticos ‘centrais’, mas diferem somente nos traços semânticos que podemos descrever como ‘secundários’ ou ‘periféricos’<sup>28</sup>” (p. 267).

Nesse sentido, baseando-nos nas considerações do autor, poderíamos considerar que os traços semânticos centrais seriam aqueles que estão relacionados diretamente com o *significado* das palavras, ou seja, com a sua estrutura semântica. Por outro lado, os traços periféricos seriam aqueles ligados aos aspectos pragmáticos das palavras. Dessa maneira, o par *mas* e *no entanto*, comumente apontados como sinônimos pelos dicionários (s.v. Hou (2001) e Au (1999)), embora guardem entre si a traço semântico central de *oposição*, apresentam diferenças de usos relevantes, sendo que “no entanto” pode ser considerado mais rebuscado que “mas”. Isso nos levaria à diferença básica entre termos marcados e não-marcados. Lyons (1977, p. 247) salienta que “um

<sup>25</sup> [...some pairs of synonyms are ‘more synonymous’ than other pairs.]

<sup>26</sup> [Synonyms must have a significant degree of semantic overlap, as evidenced by common semantic traits.]

<sup>27</sup> [The more semantics traits a pair of word share, the more synonymous they are.]

<sup>28</sup> [Synonymous are lexical items whose senses are identical in respect of ‘central’ semantics traits, but differ only in respect of what we may provisionally describe as ‘minor’ or ‘peripheral’ traits.]

lexema semanticamente marcado é aquele que tem um sentido mais específico do que o lexema não marcado semanticamente que lhe corresponde”. Poderíamos considerar que *no entanto*, por um lado, é mais marcado que *mas*, que, por outro lado, é mais próprio da língua comum, sendo, inclusive, *mas* frequente no registro oral.

### 2.2.2.2 Hiponímia

A hiponímia está relacionada à inclusão de uma classe em outra (Cruse, 1986, p. 88). Esse fenômeno lexical tem uma considerável importância para o âmbito da lexicografia, que conta com as relações de hiponímia para construir as definições das palavras. Dentre os diferentes tipos de definição<sup>29</sup>, a mais clássica é aquela a qual Jackson (2002, p. 94) chama de “definição analítica”, baseada na fórmula *genus proximum + differentia specifica*, em que se faz uma junção entre um conceito superordenado (a partir da relação hiperonímica) com uma característica distintiva. Assim, a definição de *cachorro* poderá ter como *genus proximum* o conceito superordenado *animal* ou *mamífero*, dos quais é hipônimo, dependendo da relação hierárquica estabelecida.

Cruse (1986) e Lyons (1977) apontam a hiponímia como relacionada à noção de implicatura. Assim, dizer que “x é mamífero” implica que “x é animal”. No entanto, essa implicatura não é recíproca, mas apresenta-se como *unilateral*. Consequentemente, dizer que “x é um animal” não implica “x é mamífero”, uma vez que a classe dos animais engloba mais classes além da classe dos mamíferos, que se caracteriza por ser mais específica. Nesse sentido, a classe dos animais está acima da classe dos mamíferos na hierarquia das línguas. Enquanto que na sinonímia buscamos a igualdade semântica, na hiponímia a relação é regida pela subordinação entre as classes da língua.

Lyons (1977, p. 236) chama atenção também para o fato de que a “hiponímia é uma relação transitiva. Se x é um hipônimo de y e y é um hipônimo de z, então x é um hipônimo de z”. Essa noção de transitividade é importante para entender a estrutura hierárquica da língua. Assim, se *cachorro* é hipônimo de *mamífero* e *mamífero* é hipônimo de *animal*, então *cachorro* é hipônimo de *animal*.

---

<sup>29</sup> Muito autores propuseram taxonomias de definições, como Bosque (1982) e Bugueño (2009).

No que se refere à lexicografia, a relação de hiponímia tem tratamentos bastante diferentes nos dois tipos de “direções” lexicográficas, a saber, “semasiologia” e “onomasiologia”. Por um lado, a semasiologia parte da palavra (a chamada entrada do dicionário) em direção ao significado. O algoritmo de entrada desse tipo de obra lexicográfica normalmente segue a progressão alfabética. Por outro lado, um dicionário onomasiológico parte de um conceito em direção à palavra. Assim, a estrutura de acesso normalmente é feita a partir de uma espécie de “árvore conceitual”, cujos ramos superiores serão constituídos por termos superordenados.

No que se refere aos dicionários semasiológicos, portanto, Lyons (1977, p. 241-242) coloca que

os melhores dicionários alfabéticos, e mais completos, dão algumas indicações acerca dos contextos em que lexemas aproximadamente equivalentes são intermutáveis e chamam a atenção para as diferenças de conotação ou de valor emotivo; porém, nenhum dicionário distingue sistematicamente os diferentes tipos de oposição lexical que se encontram na língua. No que respeita às relações de hiponímia e antonímia, raramente são tornadas explícitas, e nem sempre podem ser inferidas a partir de definições.

O autor refere-se também aos dicionários onomasiológicos:

há, porém, um outro tipo de dicionário, frequentemente descrito como conceitual, por oposição a alfabético. (...) O princípio subjacente a um dicionário conceitual, ou thesaurus (...) é (...) classificar as palavras e grupos de palavras da língua, não segundo o seu som ou sua ortografia, mas estritamente em função da sua significação (*ibidem*).

Ainda segundo o autor, esses dicionários poderiam corroborar a hipótese de que os vocabulários das línguas são hierarquicamente organizados. No entanto, Lyons (*ibidem*) afirma que “nenhuma destas obras, por mais valiosa que seja, fornece a informação que nos permitiria decidir se os vocabulários das línguas de que esses dicionários tratam se encontram ou não organizados segundo princípios estritamente hierárquicos”.

Apesar disso, parece-nos que a possibilidade de organizar uma obra lexicográfica baseada em “nichos de significação” através de relações de hiponímia (entre outras relações), conforme acontece em Casares (1997), por exemplo, é uma tarefa extremamente difícil, mas possível. Lyons, no entanto, não acredita que divisões como “universo, homem, homem e universo” ou “relações abstratas”, “espaço”, “matéria”, “intelecto”, “volição” e “faculdades sensíveis” (classes

de *Roget's Thesaurus of English Words and Phrases*) possam ser justificadas em termos de hiponímia. Embora concordemos com essa posição de Lyons, parece-nos inegável que, ao longo das hierarquias apresentadas por esse tipo de dicionários, muitas das relações lá presentes sejam baseadas em hiponímia, tais como o que acontece com “diente” (termo superordenado) em relação aos hipônimos *incisivo, paleta, canino*, etc. (classificação de DILE (1995)).

### 2.2.2.3 Polissemia e Homonímia

Segundo Lyons (1981, p. 146), a homonímia é o fenômeno linguístico em que “palavras diferentes têm a mesma forma”. Por outro lado, segundo o autor, “a polissemia (ou significado múltiplo) é uma propriedade de lexemas únicos”. Lyons aponta dois critérios para diferenciar a homonímia da polissemia. O primeiro deles é o critério etimológico, que diz que se duas palavras estão relacionadas historicamente, ou seja, se têm a mesma origem, deve ser consideradas polissêmicas. Se isso não acontece, devem ser tratadas como homônimas. No entanto, Lyons (1981, p. 147) assume que “o critério etimológico é irrelevante (...) na linguística sincrônica”.

O segundo critério baseia-se no “parentesco de significado” que as palavras podem ou não guardar entre si. Assim, conforme aponta Lyons (*ibidem*), “os vários significados são julgados para identificar se estão relacionados. Se essa condição não se cumpre, o lexicógrafo considera como um caso de homonímia em vez de polissemia e coloca diversas entradas lexicais no dicionário”. Apesar de esse ser o critério mais adequado para o autor, é necessário considerar que essa identificação de “parentesco” pode ser um processo muito impressionista, ou seja, o dicionarista usa como base seu próprio *feeling* linguístico para definir se se trata de um caso de polissemia ou homonímia.

Lyons (2002, p. 55) estabelece uma oposição entre “homonímia absoluta” e “homonímia parcial”. Por um lado, a homonímia absoluta deve satisfazer três condições para que seja considerada como tal: a primeira delas refere-se ao significado, que não deve ser relacionado. A segunda condição é que todas as formas devem ser idênticas. Por sua vez, a última condição aponta que as formas devem ser gramaticalmente equivalentes. Em contrapartida, a homonímia parcial exige pelo menos uma das condições acima sejam satisfeitas. Em nossa opinião, essa divisão não acrescenta muito ao estudo desse fenômeno léxico. Se as palavras têm significados relacionados, então automaticamente serão consideradas como polissêmicas, bem como se as

formas não são idênticas não há que se falar em homonímia, mas sim em paronímia. Nesse sentido, a única condição que poderia ser ignorada para que a homonímia fosse parcial é a referente à classe gramatical. Em razão disso, preferimos não levar em condição a divisão proposta por Lyons.

Os fenômenos de homonímia e polissemia são largamente estudados e configuram uma complexa problemática nos âmbitos da lexicologia e da lexicografia. Mesmo os itens lexicais considerados de classificação mais fácil, como *banco*, podem suscitar discussões. Hanks (2008, p. 125-151) discute a noção de significado das palavras e cita esse exemplo. O autor refere-se aos significados de *banco* como “inclinação da terra ao lado de um rio” e “instituição financeira”, assumindo que se trata de um caso de homonímia, uma vez que as etimologias diferem e os usos diferem.

No entanto, o autor coloca que “no uso ordinário, as duas palavras não se confundem” (p.126). Se um falante diz que “vai ao banco”, fica claro que se trata de um banco no sentido de “instituição financeira”. Apesar disso, o autor dá alguns exemplos de expressões que acabam tornando mais difusa a noção de homonímia para *banco*: “banco de dados”, “banco de sangue” e “banco de esperma”. Hanks coloca em discussão sobre a relação de sentido que têm essas expressões com o significado “instituição financeira”. A questão é definir se essas expressões devem ser listadas em separado ou são extensões de sentido da acepção “instituição financeira”.

Além disso, Hanks aponta também a multiplicidade semântica de *banco* nessa acepção. O autor assume que *banco* pode ser a instituição financeira, bem como o prédio onde ela funciona. Da mesma forma, a palavra *jornal* pode ter como referente a empresa ou o objeto. Assim, o autor tenta chamar a atenção para a importância contextual na identificação do significado das palavras e para a vagueza dessas noções de polissemia e homonímia, que na maioria das vezes não são facilmente identificáveis e suscitam diversas questões. Nesse sentido, o autor propõe tratar o significado das palavras como “eventos no uso diário da língua”, não como “entidades” (p. 130). Dessa maneira, o significado lexical das palavras só existiria em relação às outras palavras que a rodeiam, de forma que dificilmente uma frase como “Vou ao banco” suscitaria diferentes interpretações se adequadamente contextualizada.



### 2.3 *Lingüística cognitiva*

A linguística cognitiva deu início a um novo paradigma de estudos com a publicação de *Metáforas da vida cotidiana* (Lakoff; Johnson (2002<sup>30</sup>)). Lakoff traçou as bases dessa nova teoria, que por tratar-se de um modo novo de fazer linguística, ainda não tem uma estrutura teórica solidamente organizada, mas se encontra em fase de construções epistemológicas.

Para a linguística cognitiva

a língua é resultante da junção de fatores ligados aos domínios de nossa biologia, cultura e imaginação. Não produzimos novas formas apenas pelo fato de isso ser possível, mas porque elas são exigidas por nossas necessidades comunicativas, para expressar as situações ou os sentimentos pelos quais passamos, para explicar o que está a nossa volta.

(Sousa (2007, p. 16))

Nesse sentido, a linguística cognitiva apresenta como pressuposto teórico a relação entre língua, experiência e pensamento (Martelotta (2008, p. 179)). Os sujeitos, por sua vez, são seres inseridos em um ambiente cultural. O contexto lingüístico e extra-lingüístico são igualmente importantes. “A linguagem é um instrumento cognitivo que tem como função organizar e fixar a experiência humana” (*ibidem*).

Os processos de significação formam um aspecto essencial da linguística cognitiva. Uma vez que a linguagem é tomada como uma forma de ação, ou seja, com ênfase na interação social, para essa corrente linguística não existem significados pré-determinados, mas negociações entre falante e ouvinte – os processos de significação. Segundo Martelotta (*ibidem*), “os significados não são elementos mentais únicos e estáveis, mas resultam de processos complexos de integração entre diferentes domínios do conhecimento” (p. 179). Castilho (2002) coloca que o objeto primeiro da linguística cognitiva é buscar entender o sinal lingüístico, e como se constroem os significados.

---

<sup>30</sup>

A primeira edição é do ano de 1980.

Nesse sentido, a linguística cognitiva entende que

a significação é negociada pelos interlocutores em situações contextuais específicas, o que torna possível que os elementos lingüísticos se adaptem às diferentes intenções comunicativas, apresentando flutuações de sentido, como, por exemplo, as que caracterizam as metáforas.

(Martelotta (2008, p. 181)

A tríade anteriormente citada, língua, experiência e pensamento, é o mecanismo que conduz os processos de significação, pois através da linguagem e da cognição, criamos significações baseadas em nossa experiência corpórea no mundo. Assim, grande parte da língua está formatada por metáforas de base experiencial, tais como “bom é para cima”. Para Sousa (2007, p. 14)

A experiência é base para o conhecimento, o contexto participa da construção da linguagem. Está quebrada a dualidade entre mente e corpo, cultura e biologia. É nessa mescla que se constitui a singularidade da espécie humana e, dentro da espécie, a singularidade de culturas diferentes, que lidam com o mundo de forma diferente e se comunicam de formas distintas.

Nesse sentido, a metáfora terá um papel importante na linguagem e no pensamento. Uma teoria da significação já não pode mais ignorar o fato de que estruturamos nosso pensamento, e, portanto, a linguagem, metaforicamente. É claro que é necessário abandonar a velha concepção de metáfora como uma figura de linguagem utilizada para deixar o texto mais poético. A metáfora é muito mais do que isso, configura-se, na verdade, como uma necessidade. Algumas metáforas identificadas por Lakoff; Johnson (2002) estão tão enraizadas em nosso pensamento que não é uma tarefa simples reconhecê-las.

Para Lakoff; Johnson (2002, p. 45), “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”. Para os autores, a metáfora, nesse sentido, é a compreensão e a experiência de uma coisa em termos de outra. Um conceito metaforicamente organizado é de *discussão*. Organizamos todo o sistema conceitual de *discussão* em termos de *guerra*. Dessa maneira, compreendemos e experienciamos uma discussão como se fosse uma guerra.

É importante salientar que quando organizamos nosso pensamento metaforicamente, realçamos e encobrimos partes do domínio fonte quando transferimos sua organização para o

domínio alvo. O domínio fonte normalmente é aquilo que se configura por ser mais concreto, ao passo que o domínio alvo tende a ser algo mais abstrato que é entendido em termos metafóricos. A parcialidade metafórica é essencial, pois se não fosse assim, um conceito *seria de fato* o outro.

A compreensão dos processos de significação depende muito do entendimento que se tem sobre um sistema conceitual. Segundo Lakoff; Johnson (2002, p. 65), “a maior parte dos nossos conceitos fundamentais são organizados em termos de uma ou mais metáforas de espacialização”. Os exemplos trazidos por Martelotta (208, p. 182) a preposição *para* mostram a metáfora de espacialização e sua influência no processo de significação:

- a) O ministro foi *para* São Paulo.
- b) O ministro adiou a entrevista *para* o dia seguinte.
- c) O ministro elaborou o relatório *para* mudar a opinião do presidente.
- d) O ministro entregou o relatório *para* o presidente.

Segundo o autor, “esses exemplos sugerem que essas relações sintáticas são estruturadas em termos de relações espaciais, ou, ampliando mais o campo de visão, que aspectos semânticos estão associados à construção sintática...” (p. 183). O exemplo (a) mostra o uso da preposição *para* com a idéia de movimento no espaço, em direção a algum lugar. O exemplo (b), por sua vez, traz a transferência desse domínio para o deslocamento no tempo. O exemplo (c) traz como ponto de chegada a finalidade da oração. Já em (d) o movimento dá-se em direção ao *presidente*, que é o ponto de chegada do *relatório*.

Nesse sentido, a tese primeira da linguística cognitiva é de que a experiência organiza o conhecimento, seja física ou cultural. Em comunhão com a nossa cognição, com nosso pensamento, a língua expressa seus significados. Dessa maneira, o sujeito está totalmente imerso no processo de significação. Conseqüentemente, os significados só são passíveis de descrição se embasados na experiência humana.

## **2.4 Linguística de Corpus**

A Linguística de Corpus aparece como a teoria capaz de fornecer dados empíricos para a observação da língua em uso, apresentando seus contextos reais. Os grandes dicionários,

especialmente de língua inglesa, cuja tradição é muito antiga, usam grandes corpora como base para a macro e a microestrutura da obra. É o corpus que permite que os dicionários apontem as palavras mais frequentes na língua e forneçam exemplos reais de uso. O corpus permite também que o dicionário apresente uma macroestrutura mais confiável e de acordo com o público a que a obra se destina, além de fornecer subsídio para a redação da microestrutura. O *Dicionário Oxford para Estudantes Brasileiros de Inglês*, por exemplo, tem como base um corpus de 100 milhões de palavras, construído a partir de textos reais.

Para Sardinha (2004), com o advento da Linguística de *Corpus*, “passamos da idealização para a sistematização da observação da evidência” (p. xvii). Segundo o autor, “ao revelar uma quantidade surpreendente de evidências linguísticas provindas de corpora eletrônicos, a Linguística de *Corpus* questiona os paradigmas estabelecidos dos estudos lingüísticos e mostra novos caminhos...” (*ibidem*). No entanto, engana-se quem pensa que a Linguística de *Corpus* surgiu juntamente com a modernização da informática. Na verdade, desde as décadas de 50 e 60 já se fazia Linguística de *Corpus*, através de anotações ou dos antigos cartões perfurados que eram processados nos primeiros computadores que ocupavam toda uma sala para funcionar. O que Sardinha (2004) quer dizer com sua observação refere-se à explosão de possibilidades que a Linguística de *Corpus* passou a ter com o avanço da ciência da computação. Hoje, é possível gerar corpora gigantescos e processá-los através de softwares. É possível lidar com um número extremamente grande de ocorrências, que são capazes de mostrar a língua em seu contexto lingüístico de uso.

As origens da Linguística de *Corpus* estão principalmente em J. R. Firth. Maciel (2003) coloca que na década de 30 o autor defendia que “o significado se configura no contexto em que o usuário faz escolhas entre alternativas sistematicamente definidas dentro de padrões estruturais ou distribucionais em função de fatores lingüísticos e extra-lingüísticos” (p. 5). É de Firth a famosa frase “as palavras se conhecem pela companhia em que estão<sup>31</sup>”. No entanto, antes de entrar na concepção de significado que tem a Linguística de *Corpus*, é interessante entender como essa corrente entende o que é língua.

---

<sup>31</sup> “You shall know a word by the company it keeps”.

Rajagopalan (2007, p. 23) afirma que

a Linguística de *Corpus* a contempla [a língua] como algo em construção, algo que está sendo constantemente trabalhado, aperfeiçoado (e adequado às nossas necessidades comunicativas do dia-a-dia), e, portanto, sujeito a modificações e inovações constantes, embora quase sempre paulatinas e imperceptíveis, sobretudo enquanto estiverem em curso, como no caso do fenômeno da gramaticalização.

Para a Linguística de *Corpus*, a língua deve ser examinada a partir da observação de dados concretos. Tais dados são compilados em um *corpus*, “conjunto de textos digitalizados, autênticos, produzidos com o objetivo de comunicação, armazenados e preparados para a pesquisa linguística” (Maciel, 2004, p. 124-125).

Segundo Sardinha (2004, p. 18), *corpus* é

Um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise.

A Linguística de *Corpus* concebe a língua partir daquilo que pode ser empiricamente analisado. É uma união entre homem e máquina, já que a simples ocorrência de uma palavra em um *corpus* ainda não significa nada antes da análise dos dados, responsabilidade do lingüista. Assim, a questão fundamental da Linguística de *Corpus* é o resultado a que se chega com a análise dos dados. O objetivo é chegar a uma descrição empírica da língua, através da análise dos padrões de uso real em textos reais.

De que maneira, então, a Linguística de *Corpus* concebe o significado? Stubbs (2001, p. 20) afirma que "significado é uso" e que “o significado de palavras e frases varia de acordo com a sua utilização em diferentes contextos sociais e lingüísticos<sup>32</sup>”. Maciel (2003, p. 5) acrescenta ainda que “o significado das palavras depende de como a combinação nas frases é procedida em

---

<sup>32</sup> *Meaning is use (...) The meaning of words and phrases differs according to their use in different linguistic and social contexts.* (Stubbs, 2001, p. 20)

determinados contextos sociais. O significado é, portanto, função de convenções linguísticas e extralinguísticas que guiam e/ou restringem as escolhas léxico-gramaticais do falante”.

A Linguística de *Corpus* permite ver, na distribuição e na combinação das palavras, aspectos semânticos às vezes imperceptíveis para os falantes nativos. Um exemplo disso é um estudo de Sardinha ((1999) apud Maciel (2004)), que mostra que o verbo *causar* normalmente aparece com um conteúdo negativo, tais como *causar morte*, *causar acidente*, *causar dor*, etc. No referido estudo, o autor analisou um *corpus* com 32 milhões de palavras, buscando sempre as quatro palavras que antecedem e seguem o verbo *causar*. A conclusão foi de que majoritariamente as palavras associadas a *causar* referem-se a eventos negativos. Assim, poderíamos considerar que o significado de *causar* não é apenas “produzir efeitos”, mas sim “produzir efeitos negativos”. A análise da palavra em um *corpus* permite chegar a peculiaridades profundas da sua personalidade semântica.

Para a Linguística de *Corpus*, as relações sintagmáticas e paradigmáticas (ou associativas) de Saussure têm especial importância. O falante escolhe dentro do léxico que tem a sua disposição (paradigma) palavras que apresentam um padrão de associação com as suas “vizinhas” no sintagma. Assim, as palavras preferem algumas combinações e não aceitam determinadas estruturas. No estudo de colocações, expressões idiomáticas e locuções essa concepção combinatória e probabilística de língua e de significado é enriquecedora e permite conclusões plausíveis sobre o léxico. Afinal, *café-com-leite* deve ter uma entrada própria no dicionário, deve estar arrolado no verbete de *café* ou no verbete de *leite*? A Linguística de *Corpus* ajuda de maneira eficaz e responsável como resolver questões como essa.

Dessa maneira, vê-se que a Linguística de *Corpus* considera o falante e o contexto (seja lingüístico ou social), o que a aproxima bastante do funcionalismo<sup>33</sup> e da linguística cognitiva. A importância do paradigma e do sintagma aproxima-a também da teoria saussuriana. Na verdade, o que realmente difere a Linguística de *Corpus* de outras correntes não é a sua concepção de língua ou de significado<sup>34</sup>. Tanto a Linguística de *Corpus*, quanto o funcionalismo e a linguística cognitiva acreditam que o significado está no uso. A noção de *uso* é peculiar em cada uma dessas

<sup>33</sup> Tanto que a teoria sistêmica funcional de Halliday serve de apoio para a metodologia da Linguística de *Corpus* (cf. Maciel (2003, p. 7)).

<sup>34</sup> Com exceção da teoria gerativa, cuja concepção de língua e de significado é antagônica a das teorias em questão.

correntes, mas encerra características sempre presentes: o uso sempre considera a interação entre falantes. Embora o uso da Linguística de *Corpus* sejam ocorrências escritas, essas ocorrências foram geradas em situações reais de comunicação. O grande diferencial da Linguística de *Corpus* é que ela não é apenas uma teoria, mas também uma metodologia que pode ser utilizada por qualquer lingüista que não seja um lingüista de *corpus*, pois oferece uma metodologia e recursos que permitem a pesquisa lingüística com *corpus*.

É importante ressaltar também as características de um corpus, propostas por Sardinha (2004):

- (a) A origem: Os dados devem ser autênticos;
- (b) O propósito: O corpus deve ter a finalidade de ser um objeto de estudo lingüístico;
- (c) A composição: O conteúdo do corpus deve ser criteriosamente escolhido;
- (d) A formatação: Os dados do corpus devem ser legíveis por computador;
- (e) A representatividade: O corpus deve ser representativo de uma língua ou variedade;
- (f) A extensão: O corpus deve ser vasto para ser representativo.

## ***2.5 Conclusões preliminares***

A partir de todo o exposto anteriormente, algumas considerações devem ser feitas. Em primeiro lugar, é importante ressaltar a insuficiência da concepção dicotômica do léxico. A divisão do léxico em dois grandes grupos, palavras gramaticais e palavras lexicais, não é capaz de dar conta de toda a problemática que emerge de tal pensamento. Por um lado, há palavras que se ajustam perfeitamente à teoria dicotômica. Um exemplo disso é a preposição *a* (esp.) na seguinte oração: “Encontré a Jorge”. Nesse caso, a preposição *a* exerce uma função meramente sintática, que indica um objeto direto de pessoa (preposicionado). Não há significado lexical nessa preposição dentro desse contexto.

Por outro lado, existem “zonas cinzas” nessa concepção dicotômica do léxico. Isso significa dizer que há casos em que as palavras gramaticais apresentam significado lexical e são as únicas responsáveis pela mudança de significado, como acontece nas seguintes orações da

língua espanhola: “Voy a Paris” e “Voy para Paris”. Não é possível estabelecer por que acontece isso, ou seja, por que algumas palavras parecem apresentar um conteúdo semântico ao passo que outras parecem não ter significado lexical.

Em função do exposto acima, parece-nos muito difícil definir o que é uma palavra lexical e o que é uma palavra gramatical, bem como estabelecer limites entre os dois grupos. Cruse (1986, p. 49), conforme dito anteriormente, define uma unidade lexical como “formas-significado complexas com propriedades semânticas estáveis e discretas que têm relações de sentido como antonímia e hiponímia e interagem sintagmaticamente”. Para entender tal definição e verificar a sua aplicabilidade às palavras ditas gramaticais, seria necessário estabelecer o que se entende por “propriedades semânticas estáveis e discretas”. Parece-nos que tais propriedades relacionam-se à presença de “significados pressupostos”, ou seja, significados que normalmente são atribuídos às palavras, verificáveis nos dicionários. No entanto, essas propriedades semânticas também não são capazes de sustentar uma divisão do léxico, pois novamente teríamos “zonas cinzas” devido à possibilidade de identificação de significados, tais como, a noção de oposição expressa pela conjunção *mas* (port.) e *pero* (esp.).

No que se refere às relações de sentido, consideramos que as palavras gramaticais podem ter, principalmente, relações de sentido do tipo sinonímia, antonímia e polissemia. No entanto, não é possível afirmar que todas são capazes disso. As palavras gramaticais autosemânticas teriam um maior potencial do que as palavras gramaticais sinsemânticas. Na língua espanhola, por exemplo, é possível dizer “Es simpático, *pero* irresponsable” e “Es simpático, *aunque* irresponsable” sem qualquer alteração no significado das frases. Nesse sentido, pode-se afirmar que no contexto em questão, as preposições *pero* e *aunque* estabelecem entre si uma relação de sinonímia.

Outro exemplo sobre relações de sentido e palavras gramaticais é a polissemia. Se pensamos em uma frase do tipo “el amor de los tres coroneles”, por exemplo, pode-se realizar uma tripla interpretação da frase, em razão da polissemia da preposição *de*: pode ser o amor entre os três coronéis, o que revelaria também uma sinonímia (*de* e *entre*), pode ser a característica da capacidade de amar que apresentam os três coronéis (s.v. Vox (2003, *de*) “Indica la persona o cosa que tiene una determinada cualidad”) e pode ser o fato de que os coronéis têm um amor, no



sentido de posse (s.v. Vox (2003, de)) “Indica la persona o cosa que posee el nombre al que complementa”.

No caso da antonímia, é possível ressaltar a relação de contrariedade que apresentam entre si as preposições *con* e *sin*. É claro que essas palavras não serão em qualquer caso antônimas. Da mesma forma que os exemplos anteriores, elas também dependem da frase em que ocorrem para estabelecer ou não essa relação de antonímia. Assim, na frase “un abrigo sin bolsillos” (grifo nosso) (Vox 2003, s.v. *sin*), ao substituir-se *sin* por *con* pode-se perceber a relação de antonímia entre as preposições: “un abrigo con bolsillos”. A primeira frase traz a ausência dos bolsos, ao passo que a segunda traz justamente o contrário, a presença deles. Por outro lado, no exemplo “la compra de la casa me ha resultado muy cara, aun sin los impuestos” (grifo nosso) (Vox 2003, s.v. *sin*), não é possível realizar a substituição, pois a frase ficaria sem sentido: “La compra de la casa me ha resultado muy cara, aun con los impuestos”.

Nesse sentido, perguntamo-nos se essa concepção dicotômica através da qual se tenta descrever o plano do conteúdo seria de fato o tratamento mais apropriado para o léxico. No que se refere às conjunções, por exemplo, não é possível descrevê-las ou explicá-las a partir de uma perspectiva “unitária”, sendo indispensável uma perspectiva sintagmática, ou seja, a partir de uma semântica de cunho oracional. Dessa maneira, as “propriedades semânticas” de Cruse (1986) ou a possibilidade ou não de estabelecer relações de sentido não seriam suficientes para definir o significado (ou a ausência dele) de uma palavra.

O percurso teórico trilhado acima demonstra que é possível retirar de diferentes teorias as mais diversas contribuições para o estudo das palavras gramaticais. Em primeiro lugar, é importante ressaltar que as correntes analisadas acima não se rejeitam. Embora sejam diferentes e ressaltem aspectos específicos, elas não são contraditórias entre si. Na verdade, entendemos que a semente plantada por Bréal foi disseminada e explorada em diferentes níveis, sendo que de todos eles é possível retirar aspectos teóricos importantes para a formalização de um estudo sobre as palavras gramaticais.

A teoria saussuriana tem em comum com a Linguística de Corpus o fato de dar grande importância para as relações associativas (ou paradigmáticas) e sintagmáticas. Enquanto para

Saussure, o valor acontece onde os dois eixos encontram-se, para a Linguística de Corpus o significado depende dessas duas variantes e das combinações resultantes delas em contextos lingüísticos. A Linguística de Corpus e a lingüística cognitiva, por sua vez, guardam entre si a noção de uso. Para ambas correntes o significado acontece na situação comunicativa, embora envolva aspectos que se diferenciam em uma e outra teoria. Assim, para os três pensamentos, a presença de um sujeito interfere na construção do significado. É imprescindível interpretar e compreender.

A polissemia do significado em Lingüística suscita estudos e discussões muito mais aprofundados que a análise introdutória que apresentamos neste trabalho. No entanto, é possível ressaltar a dificuldade de delimitar um termo tão abstrato quanto é o significado. Nesse sentido, a lingüística coloca-se como uma ciência de incertezas, onde as perguntas parecem sempre mais relevantes que as respostas. A análise das relações de sentido, advindas dos estudos da semântica lexical, torna-se mais confiável e muito mais útil quando feita a partir de dados procedentes de contextos reais de uso. Sendo assim, embora extremamente eficaz para as técnicas lexicográficas, é preciso reunir a semântica lexical à análise de corpus, o que causa um alargamento do escopo daquela teoria, que objetiva restringir-se à palavra.

Sendo assim, o que pretendemos demonstrar é que não apontaremos uma teoria específica como embasamento teórico deste trabalho. Consideraremos os diferentes pontos de vista semânticos para chegar a uma proposta microestrutural adequada a um dicionário para aprendizes. No entanto, fica claro que a Linguística de Corpus aparece como principal apoio para o cumprimento dos objetivos. Ressaltamos também a contribuição da lingüística cognitiva, que permite classificar os valores em centrais e periféricos e da semântica lexical, cuja discussão sobre polissemia e homonímia é um importante aspecto a ser considerado na proposta final deste trabalho.

## **2.6 Classificação inicial das conjunções “pero” e “mas” (Fornari, 2008)**

A primeira etapa do estudo aqui desenvolvido foi a monografia de final de curso, intitulada “Parâmetros para o Tratamento Lexicográfico das Palavras Gramaticais”. No referido trabalho, elaboramos um conjunto de valores para a conjunção *mas* (port.) e *pero* (esp.) a partir da observação da conjunção em um *corpus* da língua portuguesa. A proposta foi feita através das seguintes etapas:

- Compilação de um corpus da língua espanhola a partir de textos jornalísticos disponíveis na internet (sites oficiais de jornais de diferentes países de língua espanhola). Para a língua portuguesa foi utilizado o Corpus do Português (c.p);

- Análise das ocorrências de *mas* e *pero* nos *corpora*, no sentido de identificar diferentes nuances de significado nas conjunções;

- Classificação dos resultados encontrados em diferentes classes de significados.

É notável o fato de que os dicionários restringem-se a apresentar a “oposição” como significado da conjunção *pero* nos dicionários. No entanto, a noção de oposição é algo muito genérico. Dentre as diversas possibilidades de uso da conjunção *pero*, consideramos que a oposição apontada nas gramáticas é um valor nuclear que se fragmenta em diferentes tipos de oposição. Sendo assim, é essencial que o dicionário apresente as diferentes nuances do valor opositivo, de maneira que o estudante possa entender o funcionamento da conjunção. Tal fragmentação foi apresentada em Fornari (2008), conforme reproduzimos aqui:

**3.1) Contestadora.** Esse tipo de oposição apresenta-se quando na segunda oração existe uma informação que põe em dúvida o declarado na primeira oração, sem negá-la, no entanto.

Exemplos: [Freqüentemente são associados com climas tropicais], **mas** [podem ser achados em regiões frias, como o planalto do Tibete]. (c.p) No caso desse exemplo a oposição dá-se entre *climas tropicais* e *regiões frias*. [A dieta destes animais baseia-se em sementes, frutas, nozes e bagas]. [Possivelmente, alimentam-se de insetos e suas larvas], **mas** [ainda não está elucidado se a ingestão é acidental ( junto dos frutos e das sementes ) ou se é proposital]. (c.p)

**3.2) Restritiva.** A oposição restritiva caracteriza-se pela imposição de limites à primeira oração, expressada através da segunda.

Exemplos: [Os acasalamentos, nos trópicos, ocorrem ao longo de todo o ano], **mas** [os nascimentos só acontecem antes ou depois da época de chuvas]. (c.p) [São postos dois ovos e [os dois são chocados]], **mas** [apenas um filhote é educado]. (c.p)

**3.3) Impeditória.** O valor impeditório configura-se por apresentar um empecilho relacionado à informação apresentada pela oração anterior.

Exemplos: [Cézanne chegou a expor com os impressionistas nas exposições de 1874 e 1877], **mas** [nunca pode ser considerado efetivamente um impressionista]. (c.p)

Exemplo: [Foi eleito em março de 1918], **mas** [não pôde tomar posse por motivos de saúde]. (c.p)

**3.4) Anulatória.** Esse tipo de oposição dá-se através da anulação (através da segunda oração, cujo conteúdo é negativo) da validade do conteúdo positivo da primeira oração, pois esta apresenta uma informação menos relevante. O “saldo” da coordenação é negativo.

Exemplos: [O Leopardo é um animal belo], **mas** [cruel]. (c.p) [Outra proposta interessante], **mas** [perigosa], é que todos os elementos culturais relacionados formam um mesmo conjunto cultural, independentemente da distância entre os grupos. (c.p)

**3.5) Compensatória.** O valor de oposição compensatória configura-se pela consecução de uma oração positiva cujo conteúdo é mais relevante, tornando o conteúdo da primeira oração, de caráter negativo, irrelevante. O “saldo” na coordenação das duas orações é positivo.

Exemplos: Já a foca manchada mergulha a até uma profundidade de trezentos metros, capturando uma variedade muito grande de cefalópodes, peixes e crustáceos. [São muito desajeitadas na terra], **mas** [são exímias nadadoras], pois apresentam um formato altamente hidrodinâmico. (c.p) O burro foi domesticado há pelo menos seis mil anos atrás, provavelmente no Egito ou na Mesopotâmia. [Movimentam-se muito lentamente], **mas** [são bem sucedidos em lugares no mundo onde outros eqüinos não conseguem chegar]. (c.p)

É interessante observar, conforme colocado em Fornari (2008), que

As oposições compensatória e anulatória estabelecem entre si uma relação inversa, pois apresentam, a partir de pontos de vista diferentes, o mesmo conteúdo, sendo intercambiáveis. A posição das orações, bem como a natureza positiva ou negativa delas, define se o tipo de oposição é anulatório ou compensatório, como é possível perceber a partir dos exemplos abaixo:

[São muito desajeitadas na terra], **mas** [são exímias nadadoras]. (c.p) (Compensatória)

[São exímias nadadoras], **mas** [são muito desajeitadas na terra]. (c.p) (Anulatória)

[O Leopardo é um animal belo], **mas** [cruel]. (c.p) (Anulatória)

[O Leopardo é um animal cruel], mas [belo]. (c.p) (Compensatória)

A essa taxonomia, que se compõe de cinco valores (contestador, restritivo, impeditório, anulatório e compensatório), parece-nos adequado acrescentar o valor proposto por Alcina; Blecua (1987), “de contraste”, ao qual preferimos chamar “comparativo”.

**3.6) Comparativo:** Alcina; Blecua (1987, p. 1175) explicam que neste valor o membro introduzido por *pero* estabelece uma comparação com o membro anterior.

Exemplos: [La industria pide agua corriente] pero [a la poesía le basta la que está quieta]. [Puede El hombre quitarse la vida], pero, [si vive, no puede elegir el mundo en que vive] (exemplos fornecido pelos autores da gramática citada acima).

Essa proposta servirá como ponto de partida para a análise realizada neste trabalho. Trabalharemos, portanto, com uma classificação prévia, procurando reorganizá-la conforme os resultados encontrados.

### 3 Dos dicionários para aprendizes

A lexicografia pedagógica é definida por Hartmann; James (2001 s.v. *pedagogical lexicography*) como “um complexo de atividades relacionadas com o planejamento, a compilação, o uso e avaliação de dicionários pedagógicos<sup>35</sup>”. Essa prática surgiu como um novo tipo de fazer lexicográfico que leva em consideração a atual tendência dos dicionaristas a elaborar a obra lexicográfica segundo o público a que se destina. Os dicionários pedagógicos podem estar relacionados à língua materna (L1) e direcionados a falantes nativos ou podem estar atrelados a uma língua estrangeira (L2) e voltados a estudantes dessa língua.

A discussão sobre tipologia de dicionários pedagógicos suscita diversas classificações diferentes, conforme as características dos dicionários e os critérios levados em conta pelo pesquisador. Welker (2008) mostra que o caráter didático dos dicionários não é algo novo, mas se configura como uma característica presente em diversas obras desde o século XVI. No entanto, o autor assume que *didático* é uma referência ao ensino propriamente dito, não só à aprendizagem, de maneira que a lexicografia pedagógica é uma área dentro da lexicografia cujas pretensões estão ligadas diretamente aos “dicionários usados no ensino/aprendizagem de línguas (estrangeira e materna)” (*ibid*, p. 10).

---

<sup>35</sup> [“A complex of activities concerned with the design, compilation, use and evaluation of PEDAGOGICAL DICTIONARIES”. (Hartmann, James (s.v. *Pedagogical lexicography*))].

A tipologia de dicionários proposta por Welker (2004, p. 43-54) estabelece uma diferenciação entre uma lexicografia *geral* e uma lexicografia *especial*. Partindo desse pressuposto, consideramos que no que se refere à lexicografia pedagógica também é possível aplicar tal critério, conforme o esquema abaixo:

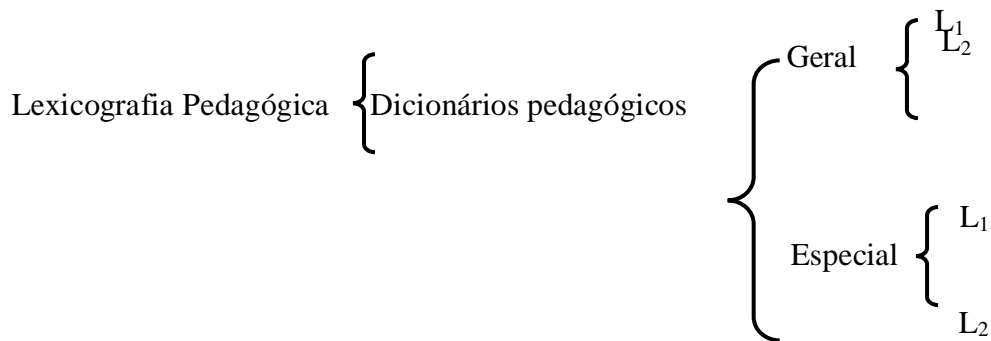


Figura 3 - Esquema

Os dicionários pedagógicos gerais voltados à  $L_1$  estão representados de maneira mais expressiva pelos dicionários escolares. Welker (2008) demonstra que a inclusão desse tipo de obra lexicográfica já é um senso comum entre os diversos especialistas da área. Em relação à  $L_2$ , os tipos de obras que melhor representam os dicionários pedagógicos gerais<sup>36</sup> são o dicionário para aprendizes (*learner's dictionaries*) e o dicionários semibilíngue, cujas características se aproximam bastante, com a diferença de que um dicionário semibilíngue apresenta equivalências na língua materna do estudante. Os dois são, grosso modo, dicionários monolíngues.

Por outro lado, os dicionários pedagógicos especiais, cuja divisão também se dá entre  $L_1$  e  $L_2$ , são aqueles que apresentam algum traço mais específico, por exemplo, no que se refere à seleção macroestrutural, como dicionários de falsos amigos, dicionários de sinônimos e/ou antônimos, dicionários de parônimos, dicionários de verbos, etc.

A lexicografia pedagógica que nos interessa e da qual vamos tratar neste trabalho é a que engloba os dicionários pedagógicos gerais voltados à  $L_2$ , *dicionário para aprendizes* e *dicionário semibilíngue*. Segundo Hartmann; James (2001 s.v. *learner's dictionary*), um dicionário para

<sup>36</sup> Welker (2004) acrescenta à lista os *dicionários de aprendizagem*, cujo objetivo é auxiliar no processo de aprendizagem de vocabulário, especificamente. No presente trabalho, não trataremos desse tipo de dicionários.

aprendizes é “um dicionário pedagógico destinado primeiramente a estudantes estrangeiros de uma língua<sup>37</sup>” e um dicionário semibílingue configura-se como

um tipo de dicionário baseado em um dicionário monolíngüe cujas entradas são parcialmente ou totalmente traduzidas para outra língua. Tal adaptação, motivada pelas necessidades de estudantes e professores de línguas estrangeiras tem uma história bastante longa. (...) Os resultados híbridos combinam recursos do dicionário monolíngüe (como as definições formuladas na língua meta) com aquelas normalmente associadas ao dicionário bilíngüe (tradução das entradas e/ou exemplos) para o benefício dos estudantes, especialmente em tarefas de decodificação como a leitura.

(Hartmann; James, s.v *bilingualised dictionary*)<sup>38</sup>

Dois exemplos desse tipo de dicionários são *Señas* (2001), para a língua espanhola e *Password* (2001), para o inglês. Dessa maneira, entendemos que ambos são dicionários cujos objetivos e parâmetros devem estar delineados de acordo com as peculiaridades próprias do estudante de uma L<sub>2</sub><sup>39</sup>. Passamos agora a analisar as características dos dicionários para aprendizes e dos dicionários semibílingües. Nesse sentido, é essencial que algumas diferenças fundamentais na estruturação do dicionário para aprendizes em relação aos dicionários monolíngües e bilíngües (comumente utilizados por estudantes de L<sub>2</sub>) sejam levadas em consideração<sup>40</sup>.

### 3.1 Componentes canônicos

No que se refere à macroestrutura<sup>41</sup> dos dicionários pedagógicos, é necessário chamar a atenção para os critérios de seleção macroestrutural<sup>42</sup>, quantitativos (quanto léxico deve compor a

<sup>37</sup> [“A pedagogical dictionary aimed primarily at non-natives learners of a language” (Hartmann; James, s.v *learner’s dictionaries*)].

<sup>38</sup> [A type of dictionary based on a MONOLINGUAL DICTIONARY whose entries have been translated in full or in part into another language. Such adaptations, motivated by the needs of a foreign-language teachers and learners, have a fairly long history. (...) The resulting HYBRIDS combine features of the monolingual dictionary (such as the definitions formulated in the target language) with those normally associated with the BILINGUAL DICTIONARY (translation equivalents of head-words and/or examples) for the benefit of learner-users , especially in decoding tasks such as reading. (Hartmann; James s.v *bilingualised dictionary*)].

<sup>39</sup> Tais peculiaridades são definidas, por um lado, pelo plano curricular estabelecido institucionalmente para aquela língua estrangeira (nem sempre há um plano curricular, no caso das línguas européias esse documento está representado pelo Marco (2002)). Por outro lado, as dificuldades linguísticas específicas entre a língua materna e a L2. No caso de um dicionário de espanhol para falantes nativos de português, um fenômeno que deve ser cuidadosamente tratado no dicionário é o representado pelos falsos amigos.

<sup>40</sup> Humblé (2001) chama a atenção para três aspectos diferenciais dos dicionários para aprendizes: número reduzido de lemas, a linguagem utilizada nas definições é menos complexa e os verbetes contêm mais exemplos.

<sup>41</sup> A macroestrutura é o conjunto de palavras que formam a nominata do dicionário (Cf. Hartmann;James, 2001).



lista de entradas do dicionário) e qualitativos (que tipo de palavras devem estar arroladas na obra). Quanto ao primeiro aspecto, o ponto principal é que o número de entradas deve ser reduzido, ou seja, a densidade da massa léxica em um dicionário pedagógico deve ser inferior do que a de um dicionário geral. Em relação ao aspecto qualitativo, consideramos que o primeiro critério norteador deve ser o uso, ou seja, apenas palavras que realmente compõem a realidade da língua, numa perspectiva sincrônica, devem ser consideradas.

No âmbito microestrutural<sup>43</sup>, dividido em comentário de forma (informações referentes à forma da palavra, como classe gramatical, por exemplo) e comentário semântico (informações sobre o significado e o uso, como definição e exemplos), a preocupação maior deve estar centrada em dois aspectos: a informação semântica (definição) e a informação sintática (contexto de uso). A definição deve ser redatada de maneira simples e o número de acepções deve corresponder ao que de fato se realiza na língua. Por sua vez, a informação sintática deve elucidar o contexto sintagmático da palavra através de um *padrão sintático* que apresente seu comportamento de forma didática. O objetivo geral deve ser o de fornecer bases ao estudante no momento de realizar tanto tarefas de recepção quanto de produção.

Nesse ponto, é interessante chamar a atenção para o conceito de autonomia na aprendizagem de uma língua estrangeira<sup>44</sup>. Ter autonomia significa ser capaz de dar continuidade ao seu processo de aprendizagem fora da aula de língua estrangeira. Para desenvolver essa habilidade de ser autônomo, o estudante precisa lançar mão de ferramentas que possibilitem e auxiliem os seus estudos. Nessa perspectiva, o dicionário aparece como uma opção no momento da tomada de decisões em relação à língua estrangeira. No entanto, para que isso de fato possa ser possível, é necessário que a obra consultada seja capaz de atender às necessidades do estudante.

Apesar da forte produção de dicionários para aprendizes, especialmente de língua inglesa, no que se refere à língua espanhola ainda não há um consenso sobre a elaboração de obras dessa natureza. Em sentido estrito, o espanhol conta apenas com um dicionário voltado para aprendizes estrangeiros, especificamente voltado a brasileiros, *Señas – Diccionario para la enseñanza de la*

<sup>42</sup> Critérios definidos por Bugueño (2007).

<sup>43</sup> Sobre a microestrutura, v. Bugueño (2004).

<sup>44</sup> Bugueño (2006) e Sobrinho (2000) consideram a ligação entre o dicionário e a autonomia na aprendizagem de uma língua estrangeira. Sobre esse particular, Ezquerria (2001, p. 13) coloca que "...los diccionarios son un instrumento necesario en la enseñanza de cualquier lengua, sea la propia sea una ajena, y un buen medio para acceder al conocimiento de la realidad".

*lengua española para brasileños*. No entanto, tal obra é fonte de diversos questionamentos sobre sua real eficácia para um estudante de espanhol como L<sub>2</sub> falante nativo de português. Em Fornari (2007, p. 215-238), faz-se uma análise macro, micro e medioestrutural da obra em questão (*Señas* (2001)) assim como de um segundo dicionário tido como um dicionário para aprendizes (*Salamanca* (1996)). O resultado desse estudo foi que os dicionários em discussão apresentam dificuldades para cumprir os objetivos próprios da lexicografia pedagógica.

A falta de preocupação em aplicar critérios coerentes com a proposta do dicionário gera deficiências que comprometem a sua eficácia. Para evitar que isso aconteça, se a obra pretende dirigir-se a estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira, o ponto de partida do lexicógrafo deve ser o estabelecimento das necessidades desse público. Para tanto, deve-se lançar mão não só de documentos institucionais, conforme dito anteriormente, mas também de ferramentas científicas que levem em consideração as línguas em questão, como a análise contrastiva, por exemplo.

O grande desafio da lexicografia pedagógica é justamente delimitar quais são as necessidades do seu público-alvo e definir parâmetros para a elaboração de dicionários que sejam capazes de supri-las de maneira eficaz. Em relação a essa problemática, o foco do nosso trabalho será o âmbito microestrutural, mais especificamente as paráfrases definidoras, cujo papel tem caráter especialmente importante dentro da obra lexicográfica. Jackson (2002) aponta que essa informação é a mais procurada no dicionário, seguida da pronúncia e da ortografia. Isso significa dizer que, ao consultar um dicionário, o usuário quer saber, em primeiro lugar, qual o significado da palavra. No entanto, é inevitável estabelecer um divisor prático para esse conceito tão abstrato quanto o de palavra: algumas, por um lado, tem um conteúdo semântico claro, a que chamamos de lexical. Outras, em contrapartida, assumem um papel muito mais funcional na língua, estabelecendo conexões e relações entre segmentos do discurso. Esse tipo de palavra acarreta uma dificuldade específica no momento de redatar uma paráfrase suficientemente elucidativa. Tais palavras são classificadas como palavras gramaticais.

### **3.2 Verbetes em dicionários pedagógicos de espanhol como língua estrangeira**

Para entender melhor as características que apresentam os dicionários pedagógicos, analisaremos alguns verbetes de dois dicionários voltados para estudantes de espanhol como LE: *Señas Diccionario para la Enseñanza de la Lengua Española para Brasileños* e *Diccionario Santillana para Esudantes*. Além dessa análise, também será considerado um dicionário monolíngüe, DEA (1996), uma vez que os estudantes, especialmente em níveis intermediário e avançado também o utilizam com frequência, ainda que sua função precípua não seja a de auxiliar o estudante estrangeiro.

No que se refere às duas primeiras obras, o primeiro aspecto ao qual devemos chamar atenção é a delimitação de um público alvo. É essencial que um dicionário pedagógico defina para quem está voltado, pois deve ser pensado e elaborado com o objetivo de suprir necessidades específicas. As necessidades de um estudante brasileiro com certeza serão diferentes daquelas próprias de um falante nativo de inglês, por exemplo. Por esse motivo, um dicionário pedagógico de espanhol como língua estrangeira não pode propor-se a servir a esses dois públicos indistintamente.

No entanto, apesar de *Señas* (2001) ostentar em seu título uma finalidade específica, dicionário para o ensino da língua espanhola para brasileiros, ao abrir a obra facilmente se percebe que essa característica não se apresenta de forma coerente ao longo do dicionário, conforme Fornari (2008, 2009a e 2009b). *Santillana* (2008), por sua vez, apesar de ser um dicionário bilíngüe, é um tipo de dicionário muito utilizado por estudantes nos níveis iniciais, especialmente pela escassez dos semibilíngües (em espanhol, só contamos com *Señas* (2001)) e pela dificuldade de se começar o estudo de uma língua com auxílio de um dicionário monolíngüe.

#### **3.2.1 Señas (2001)**

*Señas* (2001) é um dicionário amplamente utilizado no ensino de espanhol como língua estrangeira. Trata-se de um dicionário para aprendizes (semibilíngüe) *strictu senso*, ou seja, o dicionário se considera (em seu título e em seus textos introdutórios) como “um dicionário para o ensino de espanhol para brasileiros”. No entanto, isso não é tão simples assim. *Señas* (2001), apesar de ser um dicionário para estudantes estrangeiros, não foi estruturado para esse público. A diferença dele para sua versão monolíngüe, na qual está baseada, é apenas o acréscimo da

tradução da entrada e de um glossário português-epañhol na parte final. Isso vai de encontro a um dos principais aspectos da lexicografia pedagógica: as necessidades do usuário não são contempladas, acarretando consequências na eficácia da obra, tal como ilustramos a seguir, com o exemplo da conjunção *aunque*:

**aunque 1. conj.** Introduce una dificultad real o posible a pesar de la cual puede ser, ocurrir o hacerse una cosa, expresa valor \*concesivo: ~ estoy enfermo, no faltaré a la cita. => *siquiera*.

◇ Se puede usar en combinación con formas como *todavía, donde, entonces* y otras: ~ todavía se sentía fuerte, no se atrevió a competir con un deportista mucho más joven que él. □ **ainda quando**

**2.** Indica \*oposición; expresa valor \*adversativo: no traigo nada de eso, ~ traigo otras cosas. => *pero*. □ **mas**

Em primeiro lugar, não há qualquer preocupação sintática no verbete. No que se refere à primeira acepção, o dicionário tenta arrolar apenas valores semânticos, apontando as noções de “dificuldade” e “concessão”. No entanto, a diferença entre uma dificuldade “real” ou “possível” deveria receber um tratamento especial, pois dessa diferença depende o uso do modo verbal. No caso de uma dificuldade real, o modo verbal da oração subordinada será o indicativo, conforme o exemplo “*aunque estoy enfermo, no faltaré a la cita*”: há efetivamente um problema (estar doente), mas esse problema não será impedimento para realizar a ação esperada (ir ao encontro). No caso de uma dificuldade “possível”, o modo verbal da oração subordinada será o subjuntivo, como em “*aunque llueva, no faltaré a la cita*”: trata-se da possibilidade de que chova, o que, se de fato acontecesse, não configuraria um impedimento para a realização da ação esperada (ir ao encontro). No entanto, o dicionário apresenta apenas um exemplo que traz apenas o modo indicativo, sem qualquer referência ao uso do subjuntivo, o que consideramos como omissão de informações essenciais ao estudante.

Na gramática tradicional, *aunque* é denominada uma “conjunção concessiva”. Consideramos que essa informação é importante, mas não configura um fato semântico, ou seja, não necessariamente deve estar expressa no verbete como instrução de uso. O mais interessante seria, talvez, que ela estivesse informada juntamente com a classe gramatical, já que tornaria a informação bem mais completa:

**aunque 1. conj. conc.**

Em relação à indicação do sinônimo *siquiera*, consideramos uma informação equivocada por parte do dicionário. *Siquiera*, segundo o próprio *Señas* (2001) é um advérbio, equivalendo a “pelo menos” ou uma conjunção adversativa que, embora se aproxime da segunda acepção (não da acepção em questão) de *aunque*, equivale a “nem que” em português. DRAE (2001) também arrola essas realizações para *siquiera*. A tentativa de realização do teste da sinonímia através do exemplo trazido por *Señas* (2001) denuncia também o erro: “aunque estoy enfermo, no faltará a la cita” e “\*siquiera estoy enfermo no faltará a la cita”. Dessa maneira, torna-se difícil entender por que o dicionário remete *aunque* a *siquiera* como se fossem sinônimos.

Outro ponto a considerar é a observação de *Señas* (2001): “Se puede usar en combinación con formas como *todavía, donde, entonces* y otras: ~ todavía se sentía fuerte, no se atrevió a competir con un deportista mucho más joven que él”. A indicação da possibilidade de uso da conjunção não se justifica, pois não há nenhum uso especial dos advérbios arrolados com *aunque*, e é de se perguntar qual a funcionalidade de tal informação. Além disso, há uma abertura a outras possibilidades (“y otras”), sugerindo que, na verdade, é uma combinação bastante livre, não configurando um problema linguístico para o estudante.

O último aspecto a ser tratado sobre a primeira acepção é sobre a equivalência “ainda quando”. Essa informação é bastante questionável, pois a construção não é típica da língua portuguesa, pelo menos no sentido de *aunque* em espanhol. As melhores opções nesse caso seriam “embora” ou “ainda que”. Nesse sentido, o dicionário não ajuda o estudante em uma tarefa de decodificação de um texto, por exemplo, através dessa tradução.

No que se refere à segunda acepção, há a indicação de oposição. No entanto, é de se perguntar que tipo de oposição é essa. Como é mostrado em Fornari (2008), a mera indicação de

oposição, como tradicionalmente fazem dicionários e gramáticas, não é suficiente, pois é um valor muito genérico. Pode-se ilustrar isso através dessas duas frases: “no traigo nada de eso, aunque traigo otras cosas” (exemplo de *Señas* 2001) e “el iPhone nano puede ser una realidad, aunque radicalmente distinta a lo que pensamos” (ocorrência da internet). As duas frases em questão apresentam a noção de oposição. No entanto, são dois tipos de oposição diferentes, enquanto a primeira parece apresentar uma função compensatória, a segunda parece apresentar uma função restritiva, que não opõe completamente as duas orações. Esses “matizes” de oposição dependem da posição da conjunção na frase e dos valores das orações entre as quais estabelece a relação. Seria necessária uma investigação do comportamento da conjunção através de um *corpus*, para proceder à identificação de diferentes valores opositivos.

Ainda sobre a segunda acepção, outra vez deparamo-nos com o problema da sinonímia. O dicionário remete *aunque* a *pero*. No entanto, pensando na distribuição das duas conjunções, é fácil concluir que elas não podem ser sinônimas (chamamos atenção para o fato de que para as palavras gramaticais a posição sintagmática interfere na personalidade semântica). *Aunque* pode sempre começar uma frase, ao contrário de *pero*. Vejamos esse exemplo retirado de Fornari (2008):

“No brilla, pero es tremendo en efectividad”

É perfeitamente possível substituir *pero* por *aunque* nesse caso:

“No brilla, aunque es tremendo en efectividad”

No entanto, se *aunque* encabeça a frase, já não é mais possível substituí-lo por *pero*:

“Aunque es tremendo en efectividad, no brilla”

“\*Pero es tremendo en efectividad, no brilla”

Para trocar a ordem da frase com *pero*, é necessário fazer uma troca de oração principal:

“Es tremendo en efectividad, pero no brilla”

Nesse caso, há uma mudança no significado da frase. De uma oposição compensatória, em que o conteúdo positivo da segunda oração compensa o conteúdo negativo da primeira, passou ao oposto, uma oposição anulatória, em que o conteúdo negativo da segunda oração anula a importância do conteúdo da oração principal.

### 3.2.2 Santillana (2008)

Segundo Landau (2002, p. 8), um dicionário bilíngue consiste de “uma lista de palavras ou expressões, em ordem alfabética quando em forma impressa, numa língua (a *língua fonte*), para a qual, de forma ideal, equivalentes exatas são dadas em outra língua (a *língua alvo*)<sup>45</sup>”. Hartmann; James (2001, s.v. *bilingual dictionary*) afirmam que “o dicionário bilíngue ajuda aprendizes de língua e tradutores a ler e criar textos numa língua estrangeira<sup>46</sup>”.

O dicionário escolhido para análise, *Santillana* (2008), é uma obra voltada para estudantes brasileiros, segundo informações de seus textos introdutórios. Na apresentação do dicionário, seus autores colocam que *Santillana* é “um instrumento orientado a facilitar aos estudantes brasileiros a compreensão da língua espanhola” (p. vii). Acrescenta-se ainda na apresentação que “os dois *corpora*, Espanhol/Português e Português/Espanhol, servem a essa intenção, ainda que (...) seja dado maior destaque à língua que se está aprendendo, em nosso caso, o espanhol” (*ibid*).

A posição do dicionário como monodirecional no que se refere ao seu público-alvo é acertada, uma vez que as necessidades do público falante de português que estudam espanhol são, indubitavelmente, diferentes daquelas próprias dos falantes de espanhol que estudam português. Por outro lado, o dicionário apresenta-se como monodirecional também na sua função. Ao colocar-se como um dicionário que pretende auxiliar estudantes brasileiros na compreensão da língua espanhola, fica claro que se trata de um dicionário passivo, ou seja, um instrumento voltado para as tarefas de recepção. Dessa maneira, é estranho que o dicionário seja dividido em duas vertentes, Espanhol/Português e Português/Espanhol, considerando que a segunda delas deveria ser auxiliar nas tarefas de produção na língua estrangeira.

---

<sup>45</sup> [A bilingual dictionary consists of a list of words or expressions, in alphabetical order when in printed form, in one language (the *source language*), for which, ideally, exact equivalents are given in another language (the *target language*)].

<sup>46</sup> [The bilingual dictionary helps language learners and translators to read or create texts in a foreign language].

Cabe salientar também que a primeira parte, Espanhol/Português, é consideravelmente maior que a segunda, Português/Espanhol. São quinhentas e vinte e três páginas contra apenas cento e setenta. Tal fato deve-se não apenas à quantidade de palavras arroladas nas macroestruturas, mas também e principalmente ao tratamento dispensado às palavras conforme elas se encontrem em um ou outro segmento do dicionário.

No primeiro segmento, os autores optaram por apresentar não apenas a equivalência na língua fonte, mas também por redatar uma paráfrase explanatória para garantir a compreensão do estudante. Na apresentação da obra, os autores justificam essa decisão a partir da seguinte afirmação:

Concluimos que a simples transição de palavras de uma língua a outra, sobretudo no âmbito do espanhol para o português, pouco esclarece a quem consulta um dicionário. Por isso optamos por oferecer, de maneira sucinta, o(s) significado(s) ou acepção(ões) de cada vocábulo, o que, se em algum caso não é indispensável, nunca será supérfluo. Assim, em vez de apresentar verbetes como, por exemplo:

**coetâneo,a** *adj.* Coetâneo,a

cuja estrutura não atende às necessidades daqueles que não sabem o significado de *coetâneo*, estabelecemos a seguinte estrutura:

**coetâneo, a** *adj.* Da mesma idade, da mesma época ou do mesmo tempo. Contemporâneo. ►  
Coetâneo.

Dessa forma, o consulente entenderá o significado da palavra mesmo que não a conheça em português.

(Santillana (2008, p. vii))

Esse tratamento microestrutural torna *Santillana* (2008) um dicionário diferenciado em relação a outros dicionários bilíngues, que se limitam, na maioria das vezes, a apresentar apenas as equivalências, sem tal preocupação com a compreensão do consulente. Alguns exemplos de obras que procedem dessa maneira mais restrita são *Minidicionário Michaelis Alemão/Português, Português/Alemão* (2002), *D'Olim Marote Minidicionário Francês/Português, Português/Francês* (2002), *Michaelis Pequeno Dicionário Espanhol-Português, Português-*



*Espanhol* (2001) e *Dicionário Oxford Escolar para estudantes brasileiros de inglês* (2007). O último deles, no entanto, apresenta quadros explicativos e exemplos muito elucidativos, ainda que não configurem definições.

Nesse sentido, propomo-nos a analisar um verbete da primeira parte do dicionário, Espanhol/Português, com o objetivo de identificar erros e acertos da obra em sua função de ajudar o estudante brasileiro de espanhol em suas tarefas de compreensão, levando em consideração, é claro, as palavras gramaticais. A palavra a ser analisada é a conjunção *pero*, por ser uma das palavras de maior uso na língua espanhola (conforme consulta no CREA).

*pe.ro. conj.* **1.** Indica contraposição ou adversidade entre a idéia ou o elemento ao qual se pospõe e aquele que o antecede. ► *Mas. Sé que te esforzaste, pero no me gustó el resultado.* Sei que você se esforçou, mas não gostei do resultado. **2.** Emprega-se ao princípio de uma fala, para introduzir um questionamento. ► *Mas. Pero, ¿ dónde será la fiesta?* Mas onde será a festa?

(Santillana 2008, s.v. *pero*)

A acepção trazida por *Santillana* (2008) é a mais comumente encontrada nos dicionários: aquela que aponta a adversidade estabelecida entre as orações coordenadas pela conjunção. Em *Fornari* (2008) discutimos a complexidade dessa conjunção e a possibilidade de que esse valor adversativo, valor nuclear da conjunção, fragmente-se em outros valores. Deixando de lado essa discussão por um momento, centremo-nos na instrução de uso apresentada pelo dicionário. Sua redação é relativamente simples, elaborada de forma que um estudante de espanhol como língua estrangeira tenha condições de entender sem maiores dificuldades. Vejamos, por exemplo, a instrução de uso apresentada por *DRAE* (2001), dicionário geral da língua espanhola:

**1.** conj. advers. U. para contraponer a un concepto otro diverso o ampliativo del anterior. *El dinero hace ricos a los hombres, pero no dichosos. Le injurié con efecto, pero él primero me había injuriado a mí.*

(DRAE 2001, s.v. *pero*)

*Santillana* (2008) é uma prova de que a lexicografia não é uma disciplina estanque. Em primeiro lugar, a crescente popularização entre os grupos de pesquisa da lexicografia pedagógica abre um leque de estudos que deve levar os dicionários bilíngües a um constante aprimoramento. Além

disso, é importante considerar que a grande diferença entre a prática monolíngue e a prática bilíngue sempre foi o segmento central da microestrutura. Por um lado, a lexicografia monolíngue traz as definições, paráfrases capazes de elucidar o conteúdo semântico da palavra entrada.

Por outro lado, a lexicografia bilíngue traz como segmento central da microestrutura as equivalências. A prova disso é que os estudos nessa área prezam especialmente pela análise das equivalências, ao passo que os estudos em lexicografia monolíngue, no que se refere à microestrutura, abordam majoritariamente o tema da definição.

A partir desse referido crescimento de estudos no ramo da lexicografia pedagógica, surgiu o dicionário para aprendizes, tipo de dicionário monolíngue direcionado para estudantes de uma língua estrangeira, e, junto com ele, o dicionário semibilíngue, que une aspectos do dicionário bilíngue e do dicionário monolíngue. O que *Santillana* (2008) faz é essa mesma junção, porém em um dicionário assumidamente bilíngue. O resultado é satisfatório, especialmente porque a presença das definições pode esclarecer o significado da palavra, o que a equivalência nem sempre faz. Nesse sentido, consideramos que *Santillana* (2008) representa uma evolução na lexicografia bilíngue, tornando as fronteiras entre os ramos da lexicografia (geral, pedagógica, bilíngue, monolíngue...) mais difusas.

### **3.2.3 DEA (1996)**

Em relação a outros dicionários, DEA (1996) apresenta um verbete simplificado. No que se refere à redação da instrução de uso, nota-se um cuidado em utilizar uma metalinguagem do signo, expressando a função sintática primária da conjunção, a de unir dois elementos, sejam orações palavras ou sintagmas. No entanto, o restante da instrução de uso traz a mesma visão reducionista das gramáticas e dos dicionários, de que a noção expressa pela conjunção é a de *oposição*, sem que se explique que tipo de oposição é essa.

Os exemplos apresentados pelo dicionário mostram diferentes nuances da oposição, embora sejam apenas dois. O primeiro deles, “La cabeza de Marcelo... despierta en Bibiana... un deseo de acariciarla, de besarla... pero no lo hace” mostra que o conteúdo da oração introduzida por *pero* exerce uma função anulatória, ou seja, a noção expressada pela primeira oração tem menor relevância que aquela presente na oração encabeçada por *pero*, assim, dá-se uma anulação

da validade do conteúdo da primeira oração. É importante salientar que tal anulação não diz respeito ao *valor de verdade* da primeira oração.

[La cabeza de Marcelo... despierta en Bibiana... un deseo de acariciarla, de besarla...] **pero** [no lo hace].

O fato de não praticar o ato de que tem vontade é mais relevante que o fato de ter vontade. Se o exemplo em questão estivesse invertido (“No lo hace, pero la cabeza de Marcelo.. despierta en Bibiana.. [siente] un deseo de acariciarla, de besarla”), a relação de oposição seria compensatória, pois o conteúdo positivo da oração encabeçada por *pero* seria mais relevante que o conteúdo negativo da primeira oração, o fato de não fazer. Comparando as duas frases, é fácil perceber que não se trata da mesma coisa, mas de relações distintas entre si.

O segundo exemplo, “le había desinfectado con alcohol sus dedos machacados y después se los envolvió ... con una tira de sábana vieja pero limpia”, temos uma relação de oposição compensatória. Nesse sentido, entende-se que o fato de estar velha é menos relevante que o fato de estar limpa. Assim como acontece no primeiro exemplo analisado, se invertida, essa construção teria outro valor, o de anulação, pois o conteúdo negativo da segunda oração seria mais relevante que o positivo presente na primeira.

Assim, o primeiro exemplo reflete um valor *anulatório*, ao passo que o segundo exemplo expressa um valor *compensatório*. Em primeiro lugar, por serem valores diferentes, deveriam figurar em “acepções” diferentes. Além disso, é preciso considerar o fato de que há mais valores próprios da conjunção *pero* que o dicionário, ao manter uma instrução de uso muito genérica, não contempla. Tal fato é relevante, pois, ao consultar uma obra lexicográfica, o usuário deseja saber o que significa uma palavra e como ela é usada.

Sobre os exemplos, também é importante levar em consideração a sua estrutura, além do seu conteúdo. Não pretendemos entrar no mérito da diferença entre exemplo e abonação ou do que é mais ou menos adequado para a microestrutura de palavras gramaticais, pois isso exigiria um aparato teórico com o qual não contamos para este trabalho. No entanto, entendemos que o dicionário deve ter uma preocupação didática, ainda que não se trate de um dicionário escolar ou para aprendizes a princípio. Nesse sentido, parece-nos mais interessante que os exemplos sejam

estruturas sintáticas mais simples, que possam funcionar como uma espécie de protótipo do valor que expressam.

O primeiro exemplo trazido por DEA (1996) não apresenta essa estrutura “prototípica. Segundo Farias (2008, p. 102) “a lexicografia (...) resente-se da falta de uma metodologia que possibilite converter o exemplo em um fato efetivamente funcional na microestrutura dos dicionários”. Em Fornari (2008), colocamos que o exemplo deve cumprir uma função importante de apresentar o contexto sintático da palavra gramatical. Assim, é essencial que receba especial atenção por parte dos lexicógrafos e que sejam estabelecidos critérios para a sua redação.

### 3.2.4 Resumo: “*Pero*” nos dicionários de língua espanhola

Para facilitar a compreensão da problemática acerca do tratamento da conjunção *pero* nos dicionários, listamos abaixo os verbetes encontrados nos principais dicionários de espanhol, a saber:

- 1) *Diccionario Bilingue de Uso*: dicionário bastante consultado por estudantes brasileiros;
- 2) *Diccionario del Español Actual*: um dos principais dicionários da língua espanhola, por ser de autoria do renomado lingüista Manoel Seco;
- 3) *Diccionario de Español para Extranjeros*: dicionário bastante consultado por estudantes brasileiros;
- 4) *Diccionario de la Real Academia Española*: obra largamente consultada por estar disponível na internet, além de ser o dicionário oficial da Real Academia Espanhola;
- 5) *Diccionario de Usos del Español Actual*: um dos principais e mais tradicionais dicionários da língua espanhola;
- 6) *Diccionario Santillana para estudiantes: espanhol-português, português-espanhol*: um dos dicionários mais vendidos pelas livrarias brasileiras, conforme apontam as listas de “mais vendidos” das mesmas;
- 7) *SEÑAS – Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños*: dicionário mais utilizado pelos universitários brasileiros estudantes de espanhol. É o único representante da categoria “dicionários para aprendizes” na língua espanhola;

8) *Vox - Diccionario de uso del español de América y España*: dicionário bastante consultado por estudantes universitários.

O quadro foi elaborado a partir dos verbetes para a conjunção *pero* apresentados pelos dicionários selecionados conforme descrição acima.

1) DBU (2003)	<p><b>1 conj.</b> Mas, porém: <i>ese parece rico, pero no tiene dinero = esse aí parece rico, mas não tem dinheiro.</i> ☞ <b>aunque.</b> <b>2</b> Mas: <i>pero no vaya pesadez de película que hemos visto = mas que filmemais chato acabamos de ver.</i> ✎ Usa-se como partícula enfática no início das frases. – <b>3 m.</b> INFOR. Porém, objeção, inconveniente: <i>Es una casa preciosa, el único pero es que es muy cara = é uma casa muito lindo, o único mas é que é muito cara;</i> □ <b>pero que,</b> mas... mesmo realmente: <i>Iván tiene muchas tierras, pero que muchas = Ivan tem muitas terras, mas muitas mesmo.</i></p>
2) DEA (1996)	<p>(con pronunc átona, excepto em aceps 5 y 6) <b>I conj 1</b> <i>Une dos elementos (ors, palabras o sintagmas) denotando que la noción expresada por el segundo se opone a la expresada por el primero, sin ser incompatible con ella.</i>   Medio <i>Bibiana</i> 12: <i>La cabeza de Marcelo ... despierta en Bibiana ... un deseo de acariciarla, de besarla..., pero no lo hace.</i> Pinilla <i>hormigas</i> 47: <i>Le había desinfectado con alcohol sus dedos machacados y después se los envolvió ... con una tira de sábana vieja pero limpia.</i> <b>2</b> <i>En comienzo de frase, tiene valor expletivo, con un matiz de protesta o disconformidad.</i>   Urbina <i>Carromato</i> 115: <i>- Yo no quiero. – Sí quiere, lo que pasa es que está “picao”. – No estoy picado. – Pero esto ¿qué es? Con tarta y sin tarta, seguís riñendo.</i> <b>3 (lit) Sino.</b> <i>En la constr. NO SOLO... (~ TAMBIÉN)...</i>   Tejedor <i>Arte</i> 131: <i>El florecimiento de las ciudades italianas no fue solo económico, pero también literario y artístico.</i></p>
3) DEE (2002)	<p>s.m. <b>1 col.</b> Reparo, objeción o inconveniente: <i>Le gusta poner peros a todo lo que hago.</i> □ Se usa más en plural. ■ conj. <b>2</b> Enlace gramatical coordinante con valor adversativo: <i>El proyecto es bueno pero muy utópico.</i> □ Sin. <i>mas.</i></p>

4) DRAE (2001)	(Del lat. <i>per hoc</i> ). <b>1.</b> conj. advers. U. para contraponer a un concepto otro diverso o ampliativo del anterior. <i>El dinero hace ricos a los hombres, pero no dichosos. Le injurié con efecto, pero él primero me había injuriado a mí.</i>
5) DUE (1996)	<b>1</b> conj. Es una conjunción *adversativa que expresa que lo que dice la oración a que afecta impide, justifica, compensa, contrarresta o atenúa lo dicho en la oración principal: ‘Quería haber ido a verte esta tarde, pero he tenido visitas. La casa es vieja, pero es céntrica. Yo le pegué, pero él me había insultado. Me gusta el café, pero no me conviene. Es rico, pero tiene muchos hijos’.
6) SANTILLANA (2008)	<i>conj. 1.</i> Indica contraposição ou adversidade entre a idéia ou o elemento ao qual se pospõe e aquele que o antecede. ► Mas. <i>Sé que te esforzaste, pero no me gustó el resultado.</i> Sei que você se esforçou, mas não gostei do resultado. <b>2.</b> Emprega-se ao princípio de uma fala, para introduzir um questionamento. ► Mas. <i>Pero, ¿ dónde será la fiesta?</i> Mas onde será a festa?
7) SEÑAS (2001)	<b>1 conj.</b> Indica oposición; expresa un valor *adversativo: <i>Clara dice que estudia, ~ no es cierto; es pobre, ~ honrado.</i> => <i>aunque.</i> □ <b>mas 2</b> Añade fuerza e intensidad en la forma o la oración que introduce: ~ <i>¿qué haces ahí subido?;</i> ~ <i>¡qué guapo eres!</i> Se usa siempre al principio de la frase. □ <b>ora!</b>
8) VOX (2003)	<b>1</b> Introduce una circunstancia que matiza, se opone o contradice parcialmente lo dicho o lo que ello permite deducir o suponer. <b>2 coloquial</b> Precediendo a una pregunta o exclamación, le da un mayor énfasis; suele denotar sorpresa o enfado. <b>3 coloquial</b> Con un adjetivo o un adverbio, que generalmente repite otro anterior, indica enfáticamente un grado muy elevado en la propiedad que éste expresa.

No capítulo cinco voltaremos a abordar o quadro, a fim de testar as instruções de uso utilizando-nos de ocorrências no Corpus da Real Academia Espanhola. Embora a ênfase deste trabalho seja os dicionários para aprendizes, optamos por não nos restringirmos a eles. Isso se deve a duas razões: a primeira delas, em função da falta de obras em língua espanhola que se enquadram nesta tipologia. Contamos atualmente com Señas (2001), que é um dicionário semi-bilíngue, mas não exatamente um dicionário para aprendizes, e com Salamanca (1996). A segunda razão é que, em função desse número reduzido de Dicionários para Aprendizes em língua espanhola, é comum que os estudantes brasileiros façam uso regular de diversos tipos de dicionários, sejam eles bilíngues ou monolíngues. No entanto, lembramos que os resultados deste trabalho foram pensados para o Dicionário para Aprendizes.

No capítulo seguinte abordaremos a metodologia utilizada para realizar a análise no Corpus e a análise das ocorrências, buscando obter dados que sejam um reflexo da realidade da língua.

## 4 Metodologia

Na parte teórica deste trabalho, tentamos estabelecer contrapontos entre as diferentes correntes linguísticas e seus pontos de vista, com ênfase na noção de significado. Em cada uma das correntes, o significado toma uma forma peculiar, mas pode guardar traços em comum em uma e outra teoria linguística. Nesse sentido, nosso entendimento teórico de significado reúne aspectos das diferentes correntes teóricas exploradas neste trabalho. Por outro lado, tomamos a Linguística de *Corpus* como metodologia adotada para a parte prática deste trabalho, que consistirá em duas etapas:

**a) Análise das concordâncias a partir de um *corpus* da língua espanhola.** Sardinha (2004, p. 187) define concordância como “uma listagem das ocorrências de um item específico, dispostas de tal modo que a palavra de busca (aquele que se tem interesse em investigar) aparece centralizada na página (ou tela do computador). A palavra de busca é acompanhada do seu cotexto original, isto é, das palavras que ocorreram junto com ela no *corpus*”;

**b) Proposta de solução lexicográfica para verbetes de *pero* em dicionários de espanhol para aprendizes brasileiros.**

O *corpus* utilizado neste trabalho é o CREA – *Corpus* da Real Academia Española. Ele é composto por textos escritos e orais e possui ferramentas de filtro, através das quais podemos selecionar diferentes tipologias textuais, tais como jornais e revistas e textos especializados de diversas áreas.

Como a pesquisa que desenvolvemos aqui tem como objetivo final aplicação na lexicografia pedagógica, mais especificamente no dicionário para aprendizes, entendemos que o léxico analisado deve ser de amplo uso, sem levar em consideração palavras desusadas ou muito especializadas. Por essa razão, optamos por filtrar as buscas no *corpus*, selecionando apenas textos jornalísticos escritos, os quais consideramos de maior representatividade no que se refere à norma culta de uma língua (consideramos norma culta como aquela efetivamente em uso entre os falantes nativos de uma língua).



Para realizar a busca no Corpus, é necessário acessar o site da Real Academia Espanhola, no endereço [www.rae.es](http://www.rae.es), em seguida clicar em “Real Academia Española”, “Banco de datos” e “CREA”. Temos a seguinte visualização:

Real Academia Española - Corpus de Referencia del Español Actual (CREA)

Consulta:

Criterios de selección:

Autor:	<input type="text"/>	Obra:	<input type="text"/>
Cronológico:	<input type="text"/>	Medio:	<input type="text" value="(Todos)"/> <ul style="list-style-type: none"> <li>Libros</li> <li>Periódicos</li> <li>Revistas</li> <li>Miscelánea</li> <li>Oral</li> </ul>
		Geográfico:	<input type="text" value="(Todos)"/> <ul style="list-style-type: none"> <li>Argentina</li> <li>Bolivia</li> <li>Chile</li> <li>Colombia</li> <li>Costa Rica</li> </ul>
Tema:	<input type="text" value="(Todos)"/> <ul style="list-style-type: none"> <li>1.- Ciencias y Tecnología.</li> <li>101.- Biología.</li> <li>102.- Veterinaria.</li> <li>103.- Ecología.</li> <li>104.- Tecnología.</li> </ul>		

[Consulta CORDE](#)
[Nómina de autores y obras](#)
[Lista de frecuencias](#)
[Cómo citar el CORPUS](#)
[Ayuda.](#)

Em seguida, para realizar a busca, procedemos aos seguintes passos:



Real Academia Española - Corpus de Referencia del Español Actual (CREA)

Consulta:

Criterios de selección:

Autor:	<input type="text"/>	Obra:	<input type="text"/>
Cronológico:	<input type="text" value="2004"/> <input type="text" value="2004"/>	Medio:	<input type="text" value="Periódicos"/>
Tema:	<input type="text" value="Todos"/>		
	<input type="text" value="Argentina"/> <input type="text" value="Chile"/> <input type="text" value="Colombia"/> <input type="text" value="Costa Rica"/>		

[Consulta CORDE](#) [Nómina de autores y obras](#) [Lista de frecuencias](#) [Cómo citar el CORPUS](#) [Ayuda.](#)

No campo “consulta” preenchemos com a palavra a ser buscada, em nosso caso, a conjunção *pero*. Em “Criterios de selección”, foi necessário delimitar um período específico no campo cronológico, pois em função da alta representatividade do Corpus, ele não consegue recuperar todas as concordâncias, devido a problemas técnicos. Optamos por 2004 por serem as ocorrências mais atuais do Corpus.

Além disso, optamos pelo filtro “Periódicos” no campo “medio”, em função de que entendemos que a linguagem jornalística é um bom reflexo da língua em uso, proporcionando um filtro natural para ocorrências rebuscadas demais, desusadas, arcaicas, literárias, etc. Como o público do dicionário para aprendizes é o estudante de uma língua estrangeira, o dicionário deve proporcionar-lhe acepções que reflitam o cotidiano da língua e usos consagrados por seus falantes. Sendo assim, entendemos que esse filtro torna-se necessário para o escopo deste trabalho.

No campo “Geográfico”, escolhemos por país. Foi necessário realizar uma consulta para cada país. Também por problemas técnicos, não é possível realizar a pesquisa de *pero* considerando todos os países, mesmo que filtrando apenas em textos jornalísticos, em função da grande quantidade de exemplos. Infelizmente, o corpus não consegue recuperá-los e a busca fica prejudicada. Em função disso, optamos pela pesquisa país a país.

No que se refere ao último campo, “tema”, optamos por não filtrar, na tentativa de obter um resultado bastante heterogêneo neste aspecto. Como um jornal trata de temáticas bastante diversificadas, inclusive separando-as em diferentes seções, pareceu-nos coerente que a busca fosse ampla e irrestrita nesse sentido.

Ao clicar em “buscar”, o resultado é o seguinte:



## REAL ACADEMIA ESPAÑOLA

Resultado de la consulta al banco de datos

**Cómo citar el CORPUS**

Consulta:	<i>pero</i> , en 2004-2004, en Periódicos , en ARGENTINA
Resultado:	147 casos en 68 documentos.

[Ver estadística](#)

---

Filtros: Casos ▾

Ratio: 10

Mantener documentos (Solo para filtro sobre casos).

[Filtrar](#)

---

### OBTENCIÓN DE EJEMPLOS

[Recuperar](#) Concordancias ▾ Normal. ▾

Clasificación: ▾ ▾

Agrupación: ▾ Marcas: ▾

Nueva consulta: [CREA](#) [CORDE](#) [Nómina de autores y obras](#) [Ayuda.](#)

A tela mostra um resumo da consulta e os resultados da pesquisa, trazendo o número de casos da palavra buscada e o número de documentos em ocorrem esses casos. Para ter acesso à lista de concordâncias, é necessário clicar em “Recuperar”. Obtêm-se o seguinte resultado:



### Concordancias (RAE)

Consulta:	pero, en 2004-2004, en Periódicos , en ARGENTINA
Resultado:	147 casos en 68 documentos.

#### OBTENCIÓN DE EJEMPLOS

<input type="button" value="Recuperar"/>	Concordancias. <input type="button" value="Normal."/> Clasificación: <input type="button" value=""/>
Agrupación: <input type="button" value=""/>	Marcas: <input type="button" value=""/>

[Cómo citar el CORPUS](#)

**Concordancias.**

Pantalla: 1 de 6. [Siguiente](#) [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [Ver párrafos](#)

Nº	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
1	uertes reales War-Trix es una producción japonesa <b>pero</b> realizada en Polonia. La protagonista, Ash, es r	** 2004	PRENSA
2	intenta aprovechar el hecho de que -como Matrix, <b>pero</b> también Abre los ojos, El decimotercer piso y eX	** 2004	PRENSA
3	Sergio Renán -luego de la proyección de su film-, <b>pero</b> encierra una reflexión insoslayable: "Cuando yo	** 2004	PRENSA
4	Oswaldo Bayer. Por fin, Perón da el visto bueno, <b>pero</b> el permiso tiene patas cortas ya que el General	** 2004	PRENSA
5	chultz dice que los compañeros están equivocados, <b>pero</b> elige equivocarse con ellos a tener razón solo.	** 2004	PRENSA
6	triunfo de la causa proletaria? Difícil decirlo, <b>pero</b> sabrá morir manifestando que sólo hay triunfo o	** 2004	PRENSA
7	is: "Podrán decir que fui un militar sanguinario, <b>pero</b> nunca un militar desobediente".) Sergio Renán es	** 2004	PRENSA
8	ismo de Estado es un acto simbólico de reparación <b>pero</b> , al revés de sus antecesores, eleva la calidad d	** 2004	PRENSA
9	ncontrar la verdad y la justicia sobre el pasado, <b>pero</b> también para reparar otras consecuencias que osc	** 2004	PRENSA
10	Torres estaría dispuesto a revisar los indultos, <b>pero</b> aún no recibió pedidos en ese sentido de ninguna	** 2004	PRENSA
11	vez se hiciera más grande. Todos buscan razones, <b>pero</b> todos coinciden en que en sus recuerdos las dime	** 2004	PRENSA
12	Al cruzar el sector, en esa época parecía enorme, <b>pero</b> uno lo cruzaba con grilletes. También uno era mu	** 2004	PRENSA
13	abandonado, algunos baños habían sido removidos, <b>pero</b> había ciertas marcas que hicieron que cada lugar	** 2004	PRENSA
14	"hasta el sótano" se sintió "más o menos normal", <b>pero</b> cuando llegó a "Capucha" no pudo controlar ni lo	** 2004	PRENSA
15	Estaban las manos de los compañeros apretándonos, <b>pero</b> faltaban todos los que no están." "'Capucha' es	** 2004	PRENSA
16	Y las neutralizamos con otras. No había oxígeno, <b>pero</b> lo tenías cuando te comunicabas con alguien, cua	** 2004	PRENSA
17	lo sostenía, le palmeaba la cabeza o la espalda, <b>pero</b> no falsamente. Me da la sensación de que lo sint	** 2004	PRENSA
18	para la memoria. Intentaron hablar con Kirchner, <b>pero</b> el Presidente los esquivó con una frase: "No es	** 2004	PRENSA
19	eniamos una sensación encontrada de no querer ir, <b>pero</b> a la vez necesitarlo", asegura Testa. En cambio	** 2004	PRENSA
20	ía que ir a ver el espacio, cómo lo dimensionaba, <b>pero</b> me sorprende el marco, que es institucional, que	** 2004	PRENSA
21	n mundial brasileño de Fórmula Uno, Ayrton Senna, <b>pero</b> fue detenido por la policía paulista antes de qu	** 2004	PRENSA
22	l. Allí parecía que se iniciaba un nuevo partido, <b>pero</b> la realidad marcó que no fue así. Con una jugada	** 2004	PRENSA
23	ndo para igualar el juego. Todo volvía a empezar, <b>pero</b> ahora Chicago tenía más confianza porque se dio	** 2004	PRENSA
24	mar fácilmente. A veces... no es que tenga miedo, <b>pero</b> juego con el límite de la obsesión del coleccion	** 2004	PRENSA
25	no terminó. Por Mariano Blejman Generar la duda, <b>pero</b> guiar la pregunta hacia un destino cierto: acaba	** 2004	PRENSA

[Ir arriba](#) Pantalla: 1 de 6. [Siguiente](#) [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [Ver párrafos](#)

Nueva consulta: [CREA](#) [CORDE](#) [Nómina de autores y obras](#) [Ayuda.](#)

A tela mostra as concordâncias, 25 por página. Na consulta em questão, temos seis páginas de concordâncias a serem analisadas.

No entanto, é necessário analisar o texto como um todo para entender o papel da conjunção na ocorrência. Para ter acesso a cada ocorrência em separado, é preciso clicar na conjunção. Clicando no primeiro *pero* na lista de ocorrências acima, temos o seguinte resultado:



Párrafos (RAE)

Consulta:	pero, en 2004-2004, en Periódicos, en ARGENTINA
Resultado:	147 casos en 68 documentos.

#### OBTENCIÓN DE EJEMPLOS

<input type="button" value="Recuperar"/>	Concordancias: <input type="button" value="Normal"/>	Clasificación:	<input type="button" value=""/>
Agrupación:	<input type="button" value=""/>	Marcas:	<input type="button" value=""/>

[Cómo citar el CORPUS](#)

**Párrafos.**

Pantalla: 1 de 1.

Pantalla: 1 de 1.

#### Párrafo nº 1.

Página 12, 20/03/2004 : "War-Trix", el misterio de una guerra virtual con muertes reales PRENSA 0 La Página, S.A. Buenos Aires 2004 2004 10 406 P

"War-Trix", el misterio de una guerra virtual con muertes reales

War-Trix es una producción japonesa **pero** realizada en Polonia. La protagonista, Ash, es reclusiva y solitaria en un mundo opaco y fabril.

El maestro del animé Mamoru Oshii se prueba en el cine "de carne y hueso" con una trama bien sombría y con interrogantes metafísicos.

Por Horacio Bernades

Desde ciertos cortos primitivos hasta la reciente Looney Tunes, de nuevo en acción (pasando por ejemplos notorios como Leven anclas, algún experimento de Chuck Jones, Roger Rabbitt y Space Jam), el cine de animación y el protagonizado por seres de carne y hueso se vieron tentados a convivir en un mismo espacio de ficción. También sucede, en ocasiones, que realizadores de cine "tradicional" hagan alguna incursión en el cine dibujado, como ocurrió recientemente con el texano Richard Linklater, en Despertando a la vida. Lo que tal vez no cuente con antecedentes es el movimiento contrario: que un nombre consagrado del cine de animación dé el paso al cine con actores de carne y hueso. Eso es lo que aconteció con el japonés Mamoru Oshii, quien desde películas como Patlabor (1989) y Ghost in the Shell (1995) es uno de los nombres mayores del animé y que hace un par de años consumó su primera y muy elogiada experiencia en el cine live action.

Se trata de Avalon, que se presentó en su momento en los más importantes festivales

-----  
 AÑO: 2004  
 AUTOR: PRENSA  
 TÍTULO: Página 12, 20/03/2004 : "War-Trix", el misterio de una guerra virtual con muertes reales  
 PAÍS: ARGENTINA  
 TEMA: 04.Cine y vídeo  
 PUBLICACIÓN: La Página, S.A. (Buenos Aires), 2004

[Ir arriba](#) Pantalla: 1 de 1.

Nueva consulta: [CREA](#) [CORDE](#) [Nómina de autores y obras](#) [Ayuda](#).

Na página aparece o texto completo em que ocorre a conjunção, com informações sobre a publicação.

Quanto à representatividade do *corpus* no que se refere aos inúmeros países que têm a língua espanhola como oficial, optamos por selecionar concordâncias a partir das seguintes regiões, as quais se justificam em função da representatividade por número de habitantes e também pela representatividade de variantes regionais:

#### AMÉRICA DO SUL

Argentina	147 casos	168 documentos	39 745 613 hab.
-----------	-----------	----------------	-----------------

#### AMÉRICA DO NORTE:

México	113 casos	63 documentos	111.211.789 hab.
--------	-----------	---------------	------------------

#### EUROPA

Espanha	164 casos	46 documentos	46.063.511 hab.
---------	-----------	---------------	-----------------

#### TOTAL

424 casos	277 documentos
-----------	----------------

A análise dos exemplos do Corpus será realizada a partir das seguintes etapas:

- Análise da frase e de seu contexto a fim de identificar as relações estabelecidas (entre as duas orações) e, em consequência, do valor de *pero*. Para esta análise, partiremos da proposta de valores apresentada em Fornari (2008);
- Contraste da análise com as definições propostas pelos dicionários;
- Revisão da classificação proposta em Fornari (2008).

Assim, a partir dos resultados da análise feita com base nas ocorrências do Corpus, reformularemos a proposta inicialmente apresentada em Fornari (2008), o que será feito no capítulo 5. Em seguida, considerando os valores identificados, apresentaremos a proposta para os verbetes de *pero* em um dicionário para aprendizes brasileiros de espanhol (capítulo 6).

## 5 Análise

Em primeiro lugar, na seção 5.1 deste capítulo, discutiremos a eficácia dos verbetes de *pero* nos dicionários de espanhol, tomando um exemplo do corpus para realizar a análise. Em 5.2, apresentaremos os resultados da análise, esboçados através de quadros explicativos. Por último, faremos um resumo dos valores da conjunção *pero*. Esse capítulo é o principal subsídio para a formulação da proposta dos verbetes. Sendo assim, podemos dizer que serão apresentadas duas propostas: a primeira, de cunho teórico, em que propomos os valores da conjunção, revisitando o que foi feito em Fornari (2008). A segunda proposta tem caráter prático e se refere aos verbetes da conjunção, produto final deste trabalho e que pretende ser um aporte aos estudos lexicográficos.

### 5.1 O alcance de *pero*

Os dicionários costumam assinalar que *pero* contrapõe a idéia da oração em que se encontra à idéia da oração anterior. Contudo, nem sempre essa relação de coordenação é tão simples e definida assim. No caso do exemplo abaixo, retirado do CREA, se considerarmos apenas as duas orações, não encontramos a contraposição:

[Me hubiera gustado ser el autor de esa dedicatoria, que suscribo totalmente y con razones bien fundadas]; [*pero* el objetivo de estas líneas es bosquejar unos trazos biográficos y subrayar las aportaciones que McCombs, una de las figuras más conocidas en nuestro campo científico, ha hecho al estudio de la comunicación].

Não há qualquer contraposição entre as idéias do trecho acima, ou seja, o fato de que o autor gostaria de ter escrito uma dedicatória, com a qual concorda, e o objetivo do que está escrevendo, o de rascunhar traços biográficos da pessoa citada. Porém, ao analisar o parágrafo como um todo, percebemos essa contraposição na idéia geral do texto:

En la biblioteca personal de Maxwell McCombs, hay un libro de Roderick Hart con esta dedicatoria: "Para Max: el colega ideal, el amigo ideal". Me hubiera gustado ser el autor de esa dedicatoria, que suscribo totalmente y con razones bien fundadas; *pero* -al margen de razones personales- el objetivo de estas líneas es bosquejar unos trazos biográficos y subrayar las aportaciones que McCombs, una de las figuras más conocidas en nuestro campo científico, ha hecho al estudio de la comunicación.



A adversidade encontra-se, portanto, no fato de que apesar de também considerar Maxwell McCombs um colega e amigo ideal, como na dedicatória citada, o texto que o autor está escrevendo restringe-se à biografia e às contribuições do referido estudioso ao estudo da comunicação. Sendo assim, a maioria das definições trazidas pelos dicionários de espanhol seriam insuficientes para o entendimento de uma construção como essa. Analisamos, a seguir, a eficácia das instruções de uso listadas no quadro acima (em 3.2.4) para o entendimento do exemplo:

DBU (2003) restringe-se a apontar sinônimos para o uso da conjunção, o que não esclareceria em nada o exemplo em análise. Por sua vez, DEA (1996) traz uma instrução de uso mais coerente, porém faz referencia a dois elementos, o que não é aplicável no caso do exemplo analisado, uma vez que o conteúdo das orações coordenadas por *pero* depende do conteúdo da oração anterior a elas. DEE (2002), apesar de trazer uma instrução mais genérica, acaba sendo mais adequado, uma vez que não restringe a ação e o significado de *pero* a dois elementos.

Da mesma forma que DEA (1996), DRAE (2001) também é restritivo. Poderíamos considerar que o conceito “anterior”, citado pelo dicionário, abarcaria as idéias acumuladas nas duas orações anteriores àquela em que se encontra a conjunção, porém, tal fato deve ser mais explícito, pois o consulente deve ter consciência disso ao ler a instrução de uso. DUE (1996) também restringe a instrução de uso às duas orações, principal e coordenada, dando uma idéia de que *pero* só tem influência no nível sintagmático.

SANTILLANA (2008) é mais amplo ao considerar a “idéia”, mas também traz uma forte impressão de dualidade ao falar em “elemento” e “ao qual se pospõe” e “aquele que o antecede”. SEÑAS (2001) não é restritivo, porém é genérico demais. VOX (2003) traz a instrução de uso mais adequada, uma vez que não é restritivo e é mais explicativo que os demais dicionários. É a única instrução de uso que daria conta do exemplo analisado.

Sendo assim, podemos estabelecer como primeiro ponto importante a necessidade de ampliar a abrangência de *pero* às idéias apresentadas pelo texto em que se encontra. É através da coerência, do encadeamento das idéias no texto que podemos apontar o alcance do que a conjunção *pero* contrapõe. Normalmente teremos um conjunto de idéias ou circunstâncias

acumuladas e *pero* introduzirá outra idéia ou circunstância que se contrapõe ao conjunto anterior. Vejamos outros exemplos retirados do CREA:

A veces se presenta la información como si hablar sobre los "hechos" fuera hablar de "cosas". Si atendemos al diccionario estas palabras coinciden en el significado potencial, **pero** sus representaciones habituales son distintas.

(CREA)

Dicho de otra forma, el problema de atenerse a los hechos estriba en que los hechos no se atienen a los hechos, sino que dependen de planes o expresan intenciones. Las informaciones podrían ser todo lo neutrales que se quiera, **pero** los hechos nunca son neutrales.

(CREA)

Quando o estudante pratica atividades de compreensão, especialmente a leitura, o dicionário deve auxiliá-lo nessa tarefa. Nesse sentido, o dicionário tem que ampliar o horizonte do consulente, fazendo-o notar o texto como um todo, não apenas elementos específicos que circundam a conjunção. É claro que a coordenação gramatical, a relação sintática, acontece entre dois elementos. Isso também deve estar explicitado no dicionário.

## ***5.2 Descrição da análise***

A partir dos seis valores para *pero*, conforme descrição acima, optamos por analisar ocorrência por ocorrência, junto com o cotexto de cada uma. Isso significa que cada texto gerado pelo corpus e que continha uma ocorrência de *pero* foi lido em sua totalidade para que fosse possível classificar a conjunção dentro de um tipo de oposição.

Ao longo da análise foi possível perceber a predominância do valor restritivo, que apareceu em uma quantidade bem maior nas três pesquisas, porém de forma proporcional ao compararmos os resultados dos três países, conforme tabela em 5.3.4. Se criarmos um traço distintivo entre os valores de *pero*, classificando-os em “+/- oposição”, certamente o valor restritivo apareceria com o traço “+ oposição”, juntamente com os valores compensatório e anulatório, que parecem ser os valores mais prototípicos da conjunção *pero*. Por outro lado, os

valores comparativo e aditivo apresentariam o traço de “- oposição”, aparecendo como menos prototípicos que os citados anteriormente.

Por sua vez, os valores impeditivo e contestador, que também apresentam em si o traço da oposição, tiveram poucas ocorrências no recorte analisado. Isso se deve ao fato de que estão muito próximos do valor restritivo, configurando, na verdade, variações deste e não categorias propriamente ditas. Sendo assim, após a análise dos exemplos coletados no *corpus*, propomos a redução das categorias de valores de *pero*, dentre as já definidas em Fornari (2008) e o acréscimo de uma nova categoria, a aditiva. A organização dos valores de *pero* ficaria da seguinte forma:

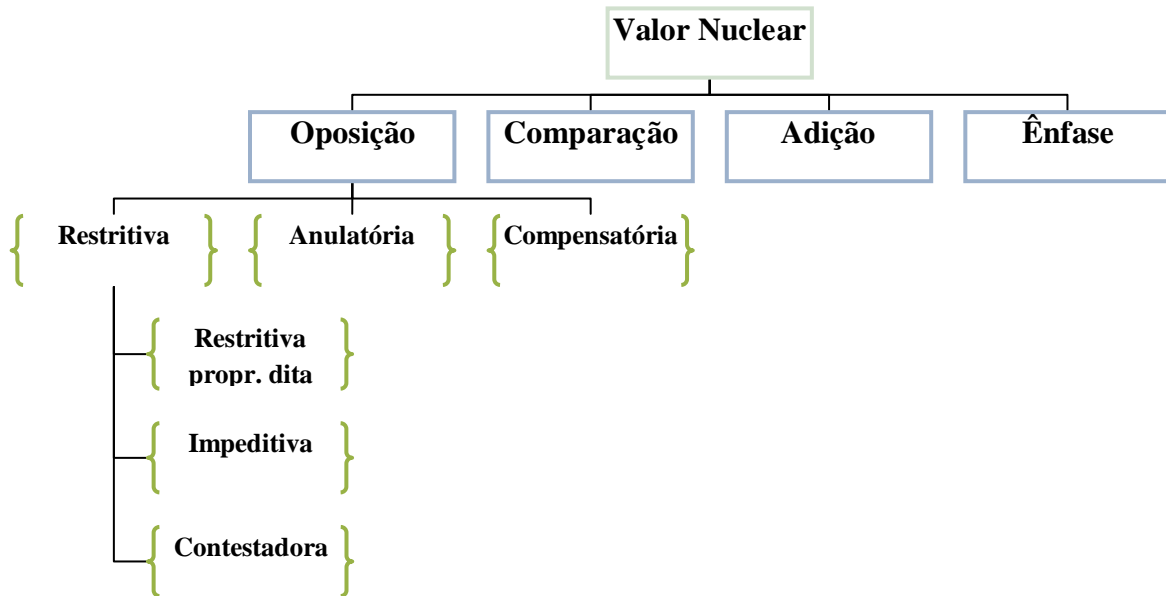


Figura 4 – Categorias de valores

### 5.3.1 Resumo - Análise Argentina

<b>Tipo de oposição</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Exemplo</b>
Compensatória	30 ocorrências	Behl desarrolló una breve <b>pero</b> intensa carrera en la Argentina, donde dirigió, produjo y montó varios films...
Anulatória	25 ocorrências	Francia, por su parte, ganó <b>pero</b> no convenció.
Comparativa	07 ocorrências	En junio hubo un descenso pronunciado, ya que sólo se registraron 32 denuncias, <b>pero</b> en julio el número se elevó a 49.
Contestadora	06 ocorrências	No es poco que ya hayan aprobado más de la mitad de los artículos, <b>pero</b> el número tampoco debe confundir. Los temas súper polémicos se siguen pateando hacia adelante.
Restritiva	63 ocorrências	El ejército advirtió que está dispuesto a atacar "bases terroristas" en cualquier lugar del mundo, <b>pero</b> dijo que no usará bombas atómicas.
Impeditória	01 ocorrência	Las autoridades rusas ya propusieron en el pasado un millón de dólares para poder "neutralizarlo", <b>pero</b> Basayev, quien se cree que está en territorio checheno, nunca pudo ser capturado.
Aditiva	15 ocorrências	No deberían votar, en definitiva, quienes no posean un trabajo honesto, <b>pero</b> tampoco los egoístas, cuya limitación moral se manifieste en que aún cuando viven de su trabajo, no dan trabajo a otros, no poseen empresas o funciones jerárquicas que den contada prueba de su solvencia y capacidad tanto moral como laboral.
<b>TOTAL</b>	147 ocorrências	

### 5.3.2 Resumo – Análise México

Tipo de oposição	Quantidade	Exemplo
Compensatória	09 ocorrências	PERSONAJE. Hay en la novela una protagonista fantasmal, <b>pero</b> palpable: Barcelona, que es también el escenario de la historia cuyo trasfondo es la posguerra miserable de los años 40.
Anulatória	08 ocorrências	En su página web describen a Francisco Ignacio Taibo Mahojo, alias Taibo II, de manera no tanto vertiginosa como sucinta: Político, activista sindical, profesor universitario en la Facultad de Historia y Antropología, periodista, director de revistas, novelista, presidente del AIEP (Asociación Internacional de Escritores Policiacos), director de la Semana Negra de Gijón y de la no menos importante <b>pero</b> no tan reconocida feria del libro de la calle Alvaro Obregón, la que Paco Ignacio suele anunciar a tamborazos.
Comparativa	09 ocorrências	La visión no les sirve de gran ayuda, <b>pero</b> sus antenas, en cambio, son capaces de diferenciar olores muy sutiles producidos por hidrocarburos.
Contestadora	01 ocorrências	TAL PARECE QUE AHORA las telenovelas infantiles tienen más éxito que las del horario estelar, ya lo demostró Amy, la niña de la mochila azul, que en muchas ocasiones rebasó en audiencia nacional a Mujer de Madera. Ahora es el turno de Misión S.O.S., Aventura y Amor, donde nuevamente Rossy Ocampo, la productora, rompe su propio récord de audiencia, ya que en el inicio tuvo casi 48 puntos de sher y más de 20 puntos de rating.. ALGUNOS SE ATREVEN A asegurar que es debido a las vacaciones, <b>pero</b> debemos recordar que las telenovelas infantiles de ahora son mucho mejor que antes.

Restritiva	71 ocorrências	Se limitó a decir que se solicitó la comparecencia de todos aquellos funcionarios que hicieron alguna declaración pública respecto del juicio de procedencia, <b>pero</b> no quiso decir quiénes.
Impeditória	0 ocorrência	-
Aditiva	15 ocorrências	En el 20 de Noviembre se realizan radiocirugías desde 1998, <b>pero</b> ahora cuenta con un aditamento que perfecciona la precisión y beneficios de este tratamiento.
<b>TOTAL</b>	113 ocorrências	

### 5.3.3 Resumo - Análise España

Tipo de oposição	Quantidade	Exemplo
Compensatória	22 ocorrências	La ruta gastronómica: "EL FOGÓN DE TRIFÓN" En esta ocasión nos trasladamos a la c/Ayala 144, en el barrio Salamanca de Madrid, donde "Trifón Jorge" tiene una taberna de tamaño reducido <b>pero</b> muy interesante gastronómicamente.
Anulatória	20 ocorrências	El aumentar el conocimiento personal de los pacientes hace que las percepciones de estos sean más realistas, <b>pero</b> no necesariamente más favorables.
Comparativa	13 ocorrências	Hace 10 años las pruebas de diagnóstico médico por imagen eran muy escasas y apenas se iba más allá de los rayos X... <b>pero</b> hoy día, en pleno siglo XXI, la sociedad del conocimiento es mucho más exigente y son los propios pacientes los que solicitan que se les someta a determinadas pruebas diagnósticas (TAC, RMN...) que ellos conocen gracias a la información que han obtenido a través de los medios que tienen a su alcance (formación, televisión, prensa, Internet...).
Contestadora	09 ocorrências	Interpretaciones "conspiracionalistas" propondrían que, mientras las representaciones lascivas fueron contempladas sólo por la élite en sus salones privados, no existió la pornografía pero que, cuando comenzaron a disfrutarlas los más pobres, fueron prohibidas con el pretexto de que serían peligrosas o repugnantes, <b>pero</b> en realidad porque fueron consideradas como potencialmente subversivas del orden establecido.
Restritiva	77 ocorrências	Lo que esa simultaneidad implica es que la operación más compleja presupone a la más simple, y no al revés: si hay opinión, hay interpretación e información

		por rudimentarias que sean; si hay información puede haber, <b>pero</b> no necesariamente, interpretación y opinión, etc.
Impeditória	03 ocorrências	Los que desearían cambiar de servicio <b>pero</b> no pueden puntuaron también más en el cuestionario Goldberg que el resto.
Aditiva	20 ocorrências	De hecho el mismo Coderch, no duda que desde un punto de vista histórico nos encontremos en la postmodernidad, <b>pero</b> cree también que desde el punto de vista de la postmodernidad como concepto cultural y sociológico nos encontramos sumergidos de lleno en la dialéctica modernidad/posmodernidad.
<b>TOTAL</b>	164 ocorrências	

### 5.3.4 Comparativo

	ARGENTINA	MÉXICO	ESPAÑA	Total
<b>Total de ocorrências</b>	<b>147</b>	<b>113</b>	<b>164</b>	<b>424</b>
Compensatória	<b>30</b>	<b>09</b>	<b>22</b>	<b>61</b>
Anulatória	<b>25</b>	<b>08</b>	<b>20</b>	<b>53</b>
Comparativa	<b>07</b>	<b>09</b>	<b>13</b>	<b>29</b>
Contestadora	<b>06</b>	<b>01</b>	<b>09</b>	<b>16</b>
Restritiva	<b>63</b>	<b>71</b>	<b>77</b>	<b>211</b>
Impeditória	<b>01</b>	<b>0</b>	<b>03</b>	<b>04</b>
Aditiva	<b>15</b>	<b>15</b>	<b>20</b>	<b>50</b>



Dessa forma, baseando-nos nos resultados da análise e nos quadros esboçados acima, podemos resumir os significados de *pero* em quatro grandes grupos, conforme figura a seguir:

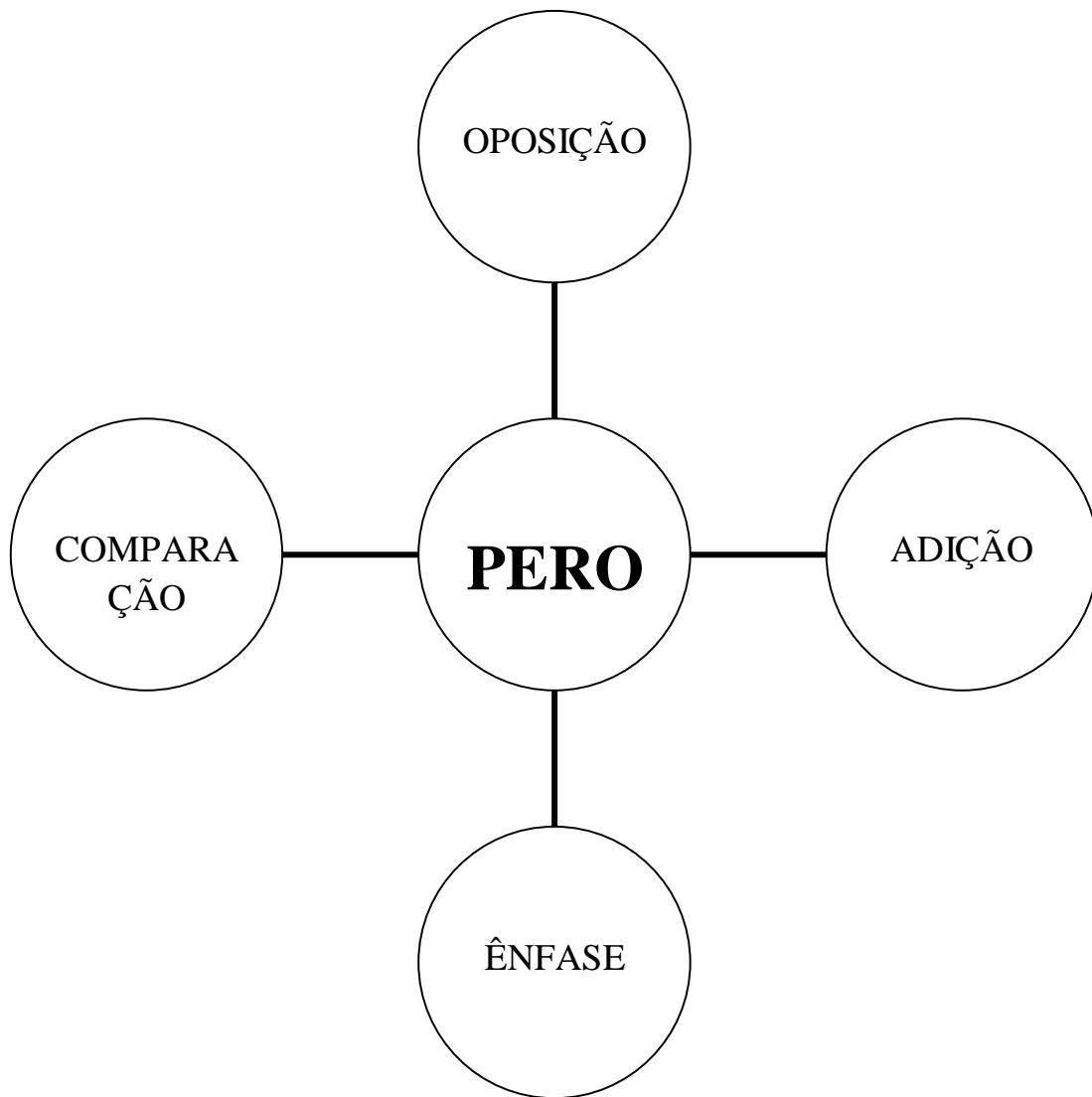


Figura 5 - Os significados de *pero*

Ao contrário do que comumente encontramos em gramáticas e nos próprios dicionários, a conjunção *pero* apresenta outros significados além da noção de oposição. Esses significados também são amplamente utilizados e devem ser considerados, de maneira que são capazes de auxiliar um estudante estrangeiro tanto em atividades de produção quanto nas de recepção, uma vez que podem lhe proporcionar um entendimento do significado da conjunção de forma mais próxima ao que de fato ocorre na língua.

Em Fornari (2008), em que tomamos como ponto de partida para a análise das palavras gramaticais o tratamento dispensado a elas pelas principais gramáticas, foi possível concluir que a conjunção *pero* divide-se, inicialmente em pelo menos dois significados: opositivo e enfático. Ambos são repetidamente encontrados nos dicionários, que acabam englobando os dois dentro da acepção de *pero* como conjunção adversativa. Através da análise realizada para este trabalho, destacamos mais dois significados, que se distinguem dos dois já apresentados: comparação e adição.

A análise teve como resultado dados bem diversos do que estamos acostumados a encontrar em dicionários e gramáticas. Isso se deve a já estudada falta de parâmetros diferenciados para abordar as palavras gramaticais. Os resultados demonstram que tratar a palavra *pero* apenas como uma conjunção adversativa é um equívoco. Demonstram também que englobar o valor enfático dentro da classificação “conjunção adversativa”, também configura um erro metodológico. A palavra em questão tem não apenas um, como costumam apresentar os dicionários, mas quatro valores, conforme se vê na figura três. Não restam dúvidas de que esse fato aumenta a complexidade da palavra e dificulta o entendimento da mesma para o estudante. No entanto, apresentar ao estudante a palavra conforme ela se comporta na língua é função do dicionário. Sem levar os quatro valores em consideração, esse papel não tem como ser cumprido. Por outro lado, essa apresentação deve ser a mais simples possível para que seja eficaz. É o que tentamos fazer no capítulo a seguir.

## 6 Proposta

Até o momento, este trabalho dividiu-se em duas partes: a primeira dela, de caráter teórico, apresentou um panorama sobre as discussões teóricas a respeito da semântica e do significado em diferentes correntes lingüísticas, abarcando pontos de vista complementares. Essas concepções ajudaram a demonstrar que no que se refere às palavras gramaticais, não há uma teoria semântica capaz de auxiliar, de forma independente, nas questões acerca do significado. Foi necessário juntar aspectos próprios de mais de uma teoria, aproximando pensamentos e estudos, desde que não antagônicos, para que fosse possível realizar uma análise adequada do comportamento da conjunção na língua espanhola.

A segunda parte teve como foco a análise propriamente dita, que nos permitiu ampliar as concepções exploradas no primeiro momento. A partir da análise das concordâncias no corpus, portanto, chegamos a uma taxonomia dos valores de *pero*. Conforme dito anteriormente, essa taxonomia ultrapassa a idéia de mera oposição, de forma que podemos afirmar que nem sempre a conjunção *pero* apresenta essa significação. Sendo assim, a primeira coisa que devemos levar em consideração é a análise da palavra no sentido de identificar se estamos diante de um fenômeno de homonímia ou polissemia. Diante do fato de que se trata de significados diferentes e que não se confundem entre si, optamos por defender a existência de três entradas separadas, conforme o quadro abaixo:

### Quadro 1 – Proposta de tratamento homonímico.

pero<sup>1</sup>

pero<sup>2</sup>

pero<sup>3</sup>

O DRAE (2001) apresenta uma organização homonímica da conjunção, mas que em nada se relaciona com a que propomos neste trabalho:

### pero<sup>1</sup>.

(Del lat. *pirum*).

1. m. Variedad de manzano, cuyo fruto es más largo que grueso.
2. m. Fruto de este árbol.

### ese ~ no está maduro.

1. *expr.* U. con intención de prevenir a alguien para que no prosiga en lo que emprende, por no ser ocasión u ofrecer inconveniente.

### pero<sup>2</sup>.

(De *Pedro*).

#### ~ jimén.

1. m. pedrojiménez.

#### ~ jiménez.

1. m. pedrojiménez.

### pero<sup>3</sup>.

(Del lat. *per hoc*).

1. conj. *advers.* U. para contraponer a un concepto otro diverso o ampliativo del anterior. *El dinero hace ricos a los hombres, pero no dichosos. Le injurié con efecto, pero él primero me había injuriado a mí.*
2. conj. *advers.* U. a principio de cláusula sin referirse a otra anterior, para dar énfasis o fuerza de expresión a lo que se dice. *Pero ¿dónde vas a meter tantos libros? Pero ¡qué hermosa noche!*
3. conj. *advers.* *desus.* sino (ll para contraponer a un concepto negativo otro positivo).
4. m. *coloq.* Defecto u objeción. *Este cuadro no tiene pero. Es tan poco amigo de hacer favores, que nunca deja de poner algún pero a todo lo que se le pide.*

O dicionário apresenta uma separação homonímica da conjunção a partir do critério etimológico, que, conforme discutido na parte teórica deste trabalho, não é um aspecto relevante para um dicionário sincrônico. Além disso, as outras entradas de *pero* não se referem à conjunção, mas a um substantivo e a um nome próprio. No verbete da conjunção, encontramos três acepções para

*pero* como conjunção adversativa e uma para *pero* como substantivo. No primeiro caso, como conjunção adversativa, o dicionário inclui o valor enfático (acepção 2). Esse procedimento, em nossa opinião, está equivocado, pois o valor enfático não está dentro do valor opositivo, mas encontra-se em posição paralela a ele. Sendo assim, defendemos a separação desses valores em verbetes diferentes, a fim de facilitar a leitura e a compreensão do comportamento de *pero* na língua espanhola.

Resolvida essa questão, partimos para um importante aspecto do dicionário para aprendizes: a organização do *layout*. As palavras gramaticais formam um grupo de palavras fechado, conforme alguns autores gostam de classificar. Além disso, é um grupo de palavras que requer atenção especial na aprendizagem de uma língua estrangeira, uma vez que permite ao estudante, por um lado, “tecer” um texto coeso, no que se refere ao aspecto sintático, e compreender e formular relações na língua, no que se refere ao aspecto semântico. Por essa razão, defendemos a idéia de que as palavras gramaticais, grupo no qual se inclui a conjunção *pero*, devem ter um tratamento diferenciado, especialmente no aspecto visual, para facilitar a leitura e a compreensão do verbete por parte do estudante estrangeiro.

Essa seria uma proposta menos viável se não fosse o advento da informática, o surgimento e o constante crescimento dos dicionários eletrônicos, que abrem um mundo de possibilidades no que se relaciona ao aspecto visual e à organização do layout de uma obra lexicográfica. Um dicionário que utiliza um pouco esse recurso visual para acrescentar ao verbete comentários e observações úteis aos estudantes é DOE (2007). Um exemplo é o verbete da palavra *for*:

**f** **for** /fɔːr/ (f), fɔːr (f) / *preposição, conjunção*  
 Para o uso de **for** em phrasal verbs, ver os verbetes do verbo, p. ex. **fall for sb** em fall.

▶ *preposição*

1 para  
*a letter for you* uma carta para você  
*What's it for?* Para que é isso?  
*the train for Glasgow* o trem para Glasgow  
*It's time for supper.* Está na hora de jantar.

2 por  
*What can I do for you?* O que posso fazer por você?  
*to fight for your country* lutar por seu país

3 (*em expressões temporais*) durante, por  
*They are going for a month.* Eles estão indo por um mês.  
*How long are you here for?* Por quanto tempo você vai ficar aqui?  
*I haven't seen him for two days.* Eu não o vejo há dois dias.

**NOTA**  
**For** ou **since**? Quando **for** traduz-se por "há, faz", pode ser confundido com **since**, "desde". As duas palavras são utilizadas para expressar o tempo que dura a ação do verbo, mas **for** especifica a duração da ação e **since** o início da dita ação  
*I've been living here for three months.* Moro aqui há três meses.  
*I've been living here since August.* Moro aqui desde agosto.  
 Note que em ambos os casos utilizamos o *present perfect* ou o *past perfect* do inglês, nunca o presente. Ver tb nota em ago

4 [*com infinitivo*]:  
*There's no need for you to go.* Você não precisa ir.  
*It's impossible for me to do it.* É impossível que eu faça isto.

5 (*outros usos*)  
*I for island* I de ilha  
*for miles and miles* por milhas e milhas  
*What does he do for a job?* Com o que ele trabalha?

**LOC**  
**be for/against sth** ser/estar a favor/contra algo  
**be for it**  
 Ver **be in for it** em **in** advérbio

**for all**

1 apesar de  
*for all his wealth* apesar de toda a sua riqueza

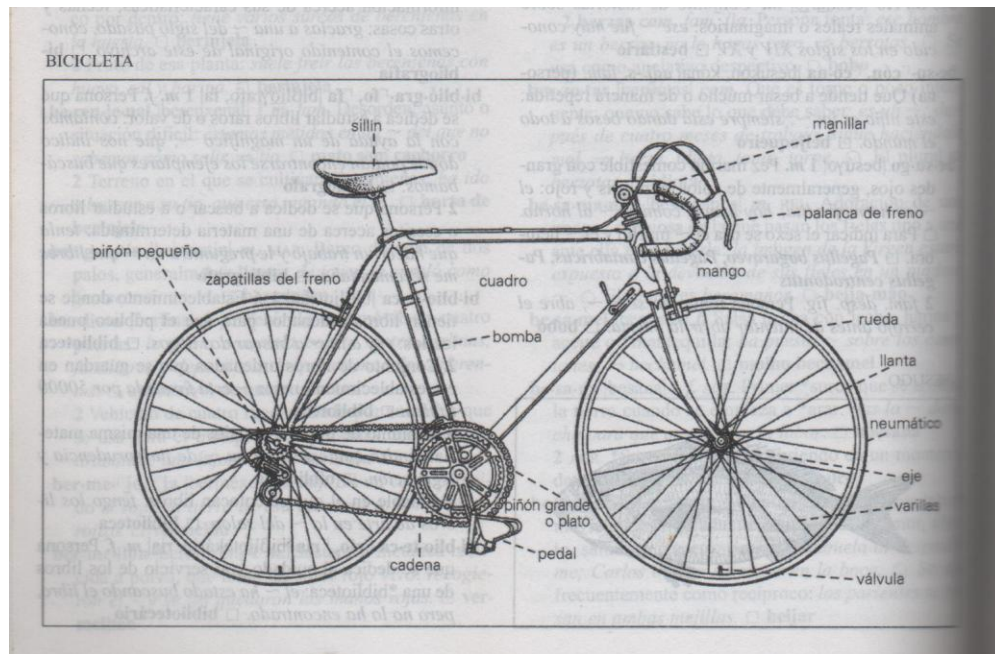
2  
*for all I know* pelo que eu saiba

▶ *conjunção (antiquado ou formal)*  
 visto que

Esse tipo de campo microestrutural, desde que bem aproveitado, é um adendo interessante e que pode ter um papel fundamental na compreensão da palavra e seu uso. Nesse sentido, defendemos a idéia de que esse recurso, os chamados quadros explicativos e notas de uso devem ser aplicados

no que se refere às palavras gramaticais. A utilização desse campo é comum nos verbetes de falsos amigos, por exemplo.

*Señas* (2001) traz alguns quadros, especialmente no que se refere ao vocabulário. Por exemplo, no verbete de bicicleta:



No entanto, dificilmente encontramos esse recurso aplicado aos verbetes de palavras gramaticais. Nossa proposta vai ainda mais além do que é feito no verbete de *for*, no DOE (2007). Defendemos a esquematização de um verbete visualmente mais atraente e que seja facilitador, tanto na leitura quanto na compreensão do mesmo.

## Quadro 2 – Proposta de layout

### **pero<sup>1</sup>** *conjunção*

Valor OPOSITIVO

1. Restritiva
2. Anulatória
3. Compensatória
4. Impeditiva
5. Contestadora

### **pero<sup>2</sup>** *conjunção*

Valor ADITIVO

### **pero<sup>3</sup>** *conjunção*

Valor COMPARATIVO

### **pero<sup>4</sup>** *partícula enfática*

A organização vertical permite uma visualização mais fácil e menos cansativa dos verbetes. A ordem das entradas de *pero* (conjunção) está baseada na frequência das mesmas, exceto no caso do valor enfático, uma vez que acreditamos tratar-se de uma “partícula enfática”, não de uma conjunção propriamente dita.

O uso de notas explicativas, de exemplos e de quadros esquemáticos deve ser explorado como auxiliares das instruções de uso, mas não devem ser, de maneira nenhuma, o aspecto mais importante da microestrutura. A instrução de uso deve ser auto-suficiente, tendo esses recursos como subsidiários para o entendimento por parte do consulente. O tópico mais importante e sobre o qual versa todo este trabalho é a redação de uma paráfrase explanatória que seja de fato



adequada a um dicionário para aprendizes e que ultrapasse a fronteira gramatical. Sendo assim, estamos preocupados em propor uma redação sem apegos gramaticais, que normalmente são de difícil compreensão e que permita ao estudante o real entendimento da palavra. Considerando que o público-alvo é o estudante de nível mais inicial, é imprescindível que as informações sejam de fácil acesso.

Em primeiro lugar, chamamos de “instruções de uso” as paráfrases explanatórias de palavras gramaticais, uma vez que não se trata de uma definição propriamente dita, em que se indica o que é algo ou o que significa uma palavra, mas sim de uma explicação sobre o comportamento da palavra na língua e sobre os valores que esse comportamento reflete no uso. Sendo assim, a fórmula básica da definição, “gênero próximo + diferença específica” não pode ser aplicada no caso das palavras gramaticais. Baseando-nos nesses preceitos, chegamos à seguinte proposta de redação:

### Quadro 3 – Proposta de redação – Valor Opositivo

pero<sup>1</sup> *conjunción*

Valor OPOSITIVO

#### 1. Restricción

**Introduce oración que presenta una divergencia de lo dicho anteriormente.**

Ejemplo: El ejército advirtió que está dispuesto a atacar "bases terroristas" en cualquier lugar del mundo, **pero** dijo que no usará bombas atómicas.

##### 1.1 Impedimento

**Introduce oración que presenta un obstáculo al contenido anterior.**

Ejemplo: Los que desearían cambiar de servicio **pero** no pueden puntuaron más en el cuestionario que el resto.

##### 1.2. Contestación

**Introduce oración que presenta una réplica al contenido anterior.**

Ejemplo: Se vendió en principio como un experimento sociológico, **pero** el concepto se convirtió en un show televisivo que atrajo al 55 por ciento de espectadores en septiembre de 1999.

#### 2. Anulación

**Introduce oración que presenta un contenido negativo y más relevante que el contenido positivo de lo dicho anteriormente.**

Ejemplo: Fue bueno, **pero** raro.

#### 3. Compensación

**Introduce oración que presenta un contenido positivo y más relevante que el contenido negativo de lo dicho anteriormente.**

Ejemplo: Behl desarrolló una breve **pero** intensa carrera en la Argentina.

**Quadro 4 – Proposta de redação – Valor Aditivo****pero<sup>2</sup> *conjunção***

Valor ADITIVO

**Introduce oración que presenta un incremento a lo dicho anteriormente, sin establecer oposición.**Ejemplo: La mamá de Emilio reapareció en la vida de su hijo respondiendo a su llamado, **pero** parece que no vino muy dispuesta a facilitarle las cosas.**NOTA: Puede ser sustituido por la conjunción “y” (La mamá de Emilio reapareció en la vida de su hijo respondiendo a su llamado, **y** parece que no vino muy dispuesta a facilitarle las cosas.)****Quadro 5 – Proposta de redação – Valor Comparativo****pero<sup>3</sup> *conjunção***

Valor COMPARATIVO

**Introduce oración que presenta una comparación a lo dicho anteriormente, sin establecer oposición.**Ejemplo: No sabemos si los propietarios del periódico lo ven sólo como una propiedad económica, **pero** sus lectores y la sociedad en general lo ven como un referente informativo y de opinión.**Quadro 6 - Proposta de redação – Valor Enfático****pero<sup>4</sup> *partícula enfática*****Usada en el comienzo de la oración para enfatizar y dar fuerza a lo que se dice.**Ejemplo: **Pero** ¿qué vas a hacer ahora?

A proposta traz instruções redatadas de forma simples, através de frases curtas e objetivas, para que seja mais fácil para o estudante brasileiro de espanhol como língua estrangeira chegar aos valores e compreender o uso de *pero* na língua espanhola. Os exemplos e a nota (presente no verbete do valor aditivo) funcionam como auxiliares nesse processo de compreensão, sendo que especialmente os exemplos, também podem ajudar nas tarefas de produção, uma vez que demonstram o comportamento sintático da palavra, o que é essencial no caso das palavras

gramaticais. Ressaltamos que todos os exemplos foram retirados do *Corpus*, de forma que são todos exemplos de ocorrências reais da palavra.

Acreditamos que a proposta de redação aqui apresentada traz modelos explanatórios simples, que podem ser tomados como ponto de partida para a redação de instruções de uso para outras palavras gramaticais, guardadas, é claro, as devidas diferenças e necessidades que cada classe vier a apresentar. Isso se deve ao fato de que assim como não se pode tratar de forma igual palavras gramaticais e lexicais no que se refere à formulação do comentário semântico, também as diferentes classes de palavras gramaticais não podem ser tomadas da mesma forma. Cada classe apresentará suas peculiaridades, embora o embasamento teórico seja comum.

## 7 Conclusões e Considerações Finais

### 7.1 Conclusões

Em primeiro lugar, é importante analisar se as hipóteses de pesquisa, as quais foram apresentadas em 1.4, de fato se confirmaram. Abaixo as listamos novamente:

*- As gramáticas e os dicionários não apresentam de forma adequada os diferentes sentidos das palavras gramaticais a partir de seu uso, de forma que sejam compreensíveis e acessíveis aos falantes de uma língua;*

Através da análise das concordâncias, ou seja, das ocorrências de *pero* no Corpus da Real Academia Espanhola, foi possível confirmar em parte essa hipótese. Conforme foi dito, as gramáticas e dicionários restringem-se a citar o valor opositivo e ainda assim, o fazem de forma pouco didática e informativa. Os resultados da análise apresentam uma ampliação da visão acerca da conjunção *pero*. Não foi possível confirmar a hipótese completamente, uma vez que não analisamos todas as palavras gramaticais a partir de Corpus. No entanto, acreditamos que o resultado obtido com o estudo de *pero* é uma situação comum entre todas as palavras dessa natureza, em função da hipótese abaixo.

*- As diferentes teorias linguísticas não oferecem ainda uma proposta teórica que dê conta dos valores das palavras gramaticais;*

Como foi exposto ao longo da revisão teórica, as diferentes correntes linguísticas apresentam concepções diferentes do significado, bem como princípios semânticos diversos. Para a realização deste trabalho, optamos por não adotar apenas uma teoria como embasamento teórico, uma vez que não há, em nenhuma delas, uma preocupação específica com as palavras gramaticais e que possa ser aplicada à prática lexicográfica. A união de aspectos comuns no que se refere à semântica foi o que nos permitiu chegar à noção de que o significado está no uso, na intersecção entre sintagma e paradigma e na interação, bem como ao fato de que só é possível descrevê-lo a partir da observação do uso real. Por outro lado, necessitamos também dos princípios de uma semântica lexical, especialmente no que se refere às relações de sentido para a prática dicionarística. Isso se deve ao fato de que ao mesmo tempo em que é necessário analisar a

língua em uso, o lexicógrafo descreve palavra por palavra no dicionário, de forma que é preciso adotar uma visão complementar, mas não incoerente.

*- A falta de parâmetros teóricos faz com que os dicionários não consigam auxiliar com eficácia o consulente;*

Foi possível confirmar a hipótese a partir da análise dos dicionários. Conforme foi exposto no capítulo dois, os dicionários não conseguem trazer verbetes de fácil compreensão e eficientes no que se refere ao significado e ao uso de *pero*. Conforme visto ao longo deste trabalho, pudemos concluir também que os inúmeros problemas lexicográficos comumente encontrados em verbetes de palavras gramaticais são devidos especialmente à falta de parâmetros teóricos não só no tratamento dicionarístico, mas também na concepção da natureza específica das palavras gramaticais.

*- É necessário formular soluções específicas para as palavras gramaticais, diferentes daquelas atualmente utilizadas na lexicografia.*

Essa hipótese, ao longo deste trabalho, tornou-se uma importante premissa teórica. É o primeiro aspecto a ser considerado no tratamento lexicográfico das palavras gramaticais. Se por um lado, as palavras lexicais recebem uma definição, capaz de responder o que é uma palavra e de substituir a palavra no contexto, com as palavras gramaticais isso não acontece. O que se tem é uma instrução de uso, que deve indicar significados, mas especialmente deve mostrar como se usa a palavra e para que serve.

Em segundo lugar, revisamos os objetivos propostos em 1.5 para analisar se foram alcançados. Inicialmente, apontamos dois objetivos gerais, “criar um modelo microestrutural para o tratamento das conjunções adversativas, focalizando-se na conjunção *pero*” e “contribuir com a discussão metalexigráfica no que diz respeito à formulação do comentário semântico”. O modelo microestrutural foi proposto no capítulo seis, consideramos que com sucesso, uma vez que é o resultado da pesquisa desenvolvida ao longo do trabalho.

O primeiro objetivo geral foi a última etapa deste trabalho e é o resultado de todas as etapas anteriores, ou seja, a revisão teórica somada à investigação através do corpus foi o subsídio para a proposta de formulação microestrutural. Elaboramos verbetes para a conjunção

pero com o objetivo de suprir de forma mais eficiente as necessidades do estudante brasileiro de espanhol, sem deixar de contemplar os usos e significados reais da palavra. A proposta foi elaborada especificamente para a conjunção pero, mas esperamos que sua base possa ser tomada como um modelo que possa auxiliar na microestrutura das palavras gramaticais como um todo.

Também consideramos que foi possível contribuir com a discussão metalexiconográfica no que diz respeito à formulação do comentário semântico, uma vez que apresentamos uma abordagem nova, destacando a necessidade de incluir as palavras gramaticais como um problema teórico específico dentro da lexicografia.

Além dos objetivos gerais, apontamos também três objetivos específicos (em 1.5.2), a saber:

- Revisão da teoria;
- Análise dos dicionários;
- Identificação do sentido de pero em um corpus do espanhol;

Esses objetivos específicos foram meios de chegar aos objetivos gerais. As revisões teóricas, seja das correntes linguísticas, seja dos dicionários e dos princípios da lexicografia pedagógica foram essenciais para a formulação da proposta final. Além disso, essas etapas também foram essenciais na demonstração das problemáticas tratadas neste trabalho. Da mesma forma, a análise de pero a partir do Corpus foi o que nos permitiu chegar a uma taxonomia de valores para a palavra e demonstrar a importância de tomar o uso como base para a prática lexicográfica.

Sendo assim, consideramos que tanto os objetivos gerais quanto os objetivos específicos foram alcançados, permitindo-nos chegar a um resultado positivo com a realização deste trabalho.

## ***7.2 Considerações Finais***

O trabalho que se encerra neste tópico é apenas uma etapa de um todo, cuja finalização depende de outros aspectos a serem explorados. Em primeiro lugar, é necessário ampliar o estudo aqui realizado a todo o rol das palavras gramaticais, pois a todas elas se aplicam as falhas apontadas aqui e tão comumente encontradas nos dicionários. Além disso, é preciso testar os

resultados como usuários reais, que podem fornecer retorno quanto à eficácia das propostas apresentadas.

Espera-se que a discussão teórica feita nos capítulos iniciais possa servir como ponto de partida para outros trabalhos a respeito das palavras gramaticais, tomando-as como assunto essencial dentro dos estudos lexicográficos. Apresentamos alguns pressupostos teóricos que entendemos como imprescindíveis, sendo que o mais importante e o que pode produzir maiores efeitos positivos na área é o princípio básico de que as palavras gramaticais devem ter tratamento diferente daquele aplicado às palavras lexicais.

No que se refere à prática lexicográfica, a proposta apresentada encontra seu fundamento justamente na teoria discutida nos capítulos iniciais. Tanto através da teoria, quanto através da sua aplicação prática (a proposta), tentamos demonstrar que a redação de uma instrução de uso deve ser clara e concisa, especialmente quando seu público-alvo são estudantes sem proficiência na língua. Dessa forma, o dicionário pode ter um papel importante na aprendizagem da língua estrangeira, contribuindo para a autonomia do estudante nesse processo.

A partir desse estudo, surgem algumas idéias a respeito do que pode ser feito em continuidade, em termos práticos. Cremos que a proposta de um dicionário específico de palavras gramaticais pode trazer um novo aporte ao campo da lexicografia pedagógica, unindo a importância de um dicionário capaz de auxiliar no entendimento não só do significado, como é comum na lexicografia geral, mas do uso e do comportamento sintático da palavra, o que deve ser sempre objetivo na lexicografia pedagógica.



## 8 Referências bibliográficas

ALARCOS, Emilio Llorach. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1999.

ALBANO, Eleonora; FRANÇOZO, Edson. “Virtudes e vicissitudes do cognitivismo, revisitadas”. In: **Introdução à linguística. Fundamentos Epistemológicos**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

ALCINA, Juan; BLECUA, José Manuel. **Gramática Española**. Barcelona: Ariel, 1987.

[AU] FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio século XXI : o dicionário da língua portuguesa**. 3.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BENEDUZI, Renata. “Análise das definições em quatro dicionários semasiológicos da língua portuguesa e propostas de emendas”. **Ao Pé da Letra** 6, p. 183-190, 2004.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de linguística geral**. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: UNESP, 2003.

BORGES, Carla Elsuffi. “De inusitatis Praepositionibus: um estudo das preposições essenciais em textos lexicográficos”. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005.

BOSQUE, Ignacio. “Sobre la teoría de la definición lexicográfica”. **Verba: Anuario galego de filoloxia**. Nº 9, págs. 105-124, 1982.

BOUQUET, Simon. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2000.

BREAL, Michel. **Ensaio de Semântica**. São Paulo: Pontes, 1992.

BUGUEÑO, Félix. “Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias”. **Alfa**, São Paulo, 53 (1): 243-260, 2009.

\_\_\_\_\_. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In: Aparecida Negri Isquendo; Ieda Maria Alves. (Org.). **As ciências do Léxico: Lexicologia, lexicografia e terminologia**. São Paulo: Humanitas, 2007, v. III, p. 261-272.

\_\_\_\_\_. Léxico e Ensino: Señas (2000), um dicionário para aprendizes de espanhol?. In: **Léxico e morfofonologia: perspectivas e análise**. Uberlândia: EDUFU, 2006, v. , p. 216-232.

\_\_\_\_\_. Notícia sobre o comentário de forma e o comentário semântico em um dicionário de falsos amigos. **Expressão** v 8/1. Santa Maria (89-93), 2004.

CANO, Antonio. **Contribuciones lexicográficas al español como lengua extranjera**. España: Universidad Complutense de Madrid, 2005.

(c.p) Davies, Mark and Michael Ferreira. (2006-) Corpus do Português (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>.

CARTER, Ronald. **Vocabulary: Applied Linguistic Perspectives**. London, UK: Routledge, 1998.

CASARES, Julio. **Diccionario ideológico de la lengua española: desde la idea a la palabra, desde la palabra a la idea**. 2ª ed. corr. y aum., 20ª reimp. Barcelona: Gustavo Gili, 1997.

CASTILHO, Ataliba T. de. Mesa-redonda sobre linguística cognitiva e tradição funcionalista. Apresentação. L Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. FFLCH / USP, 23-25 de maio de 2002.

CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.

CINTRA, Lindley; CUNHA, Celso Ferreira da. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

[CLG] SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. 27 e. São Paulo: Cultrix, 2006.

COSERIU, Eugenio. **Lições de Lingüística Geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

\_\_\_\_\_. “A perspectivação funcional do léxico”. In: **Problemas da Lexicologia e Lexicografia**. Porto: Civilização, 1979.

(CREA) REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA). *Corpus de referencia del español actual*. <<http://www.rae.es>>

CRUSE, D. A. **Lexical Semantics**. New York: Cambridge University Press, 1986.

[DBU] MORENO, Francisco; GONZÁLEZ, Neide Maria. **Diccionario Bilingue de Uso**. Arcos/Libros: Madrid: 2002.

[DEA] SECO, Manuel. **Diccionario del español actual**. Madrid: Aguilar, 1996.

[DOE] **Dicionário Oxford Escolar para estudantes brasileiros de inglês**. New York: Oxford Press, 2007.

[DEE] **Diccionario de Español para Extranjeros**. Ediciones SM: Madrid, 2002.

[DILE] **Diccionario Ideológico de la Lengua Española**. Barcelona: Vox, 1995.

**D'Olim Marote Minidicionário Francês/Português Português/Francês**. São Paulo: Ática, 2002.

[DRAE] **Diccionario de la Real Academia Española**. 22ª e. Versão on-line. Disponível em [www.rae.es](http://www.rae.es) 2001.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

DUBOIS, Jean *et* Claude. “La définition: synonymie et paraphrase”. In: **Introduction à lexicographie: le dictionnaire**. P. 84-98. Paris: Larrouse, 1971.

[DUE] MOLINER, María. **Diccionario de Usos del Español**. Madrid: Gredos, 1996.

[DUPB] BORBA, Francisco. **Dicionário de usos do português brasileiro**. São Paulo: Ática, 2002.

EZQUERRA, Manuel Alvar. “Los diccionarios y la enseñanza de la lengua”. In: CASTRO,

Marta C. Ayala. (Coord.) **Diccionarios y enseñanza**. Universidad de Alcalá: Alcalá de Henares, p. 13-29, 2001.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FARIAS, Virginia Sita. “O exemplo como informação discreta e discriminante em dicionários semasiológicos de língua portuguesa”. **Alfa (ILCSE/UNESP)**, 2008.

FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes. **Semântica Cognitiva. Ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

FLORES, Valdir do Nascimento; RIZZATTI, Mary Elizabeth Cerutti. “O curso de linguística geral: o valor e a instauração de uma linguística do sentido”. **Língua, Linguística & Literatura**. V. 4, n. 1, p. 9 -35, jan/dez, 2006.

FLORES, Valdir do Nascimento. “A linguística de Ferdinand de Saussure, a psicanálise de Jacques Lacan. O que pode uma dizer à outra?” **C. da APPOA**. Porto Alegre, n. 131, p. 5-11, dez. 2004.

FORNARI, Michelle Kühn. “Um estudo sobre a conjunção aunque em dicionários de espanhol para aprendizes”. In: Seminário de pós-graduação 2009, 2009, Novo Hamburgo. Seminário de pós-graduação, 2009b. v. 2.

\_\_\_\_\_. “O tratamento lexicográfico das palavras gramaticais: Discussão teórica e análise de verbetes”. **Travessias (UNIOESTE. Online)**, v. 07, p. 167-199, 2009a.

\_\_\_\_\_. “Parâmetros para o tratamento lexicográfico das palavras gramaticais”. Monografia de final de curso. Instituto de Letras. UFRGS, 2008.

\_\_\_\_\_. “Los diccionarios de español como LE y su adecuación al Marco Común Europeo de Referencia para Lenguas”. **Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos**, v. 1, p. 215-238, 2007

\_\_\_\_\_.; BUGUEÑO, Félix. “Análise do dicionário de usos do português do Brasil”. **Revista de Iniciação Científica da ULBRA**, v. 5, p. 247-259, 2006.

GUERRA, Antonia Medina. **Lexicografía española**. España: Ariel, 2005.

HAENSCH, Günther. **La lexicografía**. Madrid: Gredos, 1982.

HANKS, Patrick. “Do word meanings exist?” In: FONTENELLE, Th. (ed.) **Practical lexicography**. (p. 125-151). Oxford, 2008.

HARTMANN, R. R. K.; JAMES, Gregory. **Dictionary of lexicography**. New York: Routledge, 2001.

[Hou] HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: 2001.

HUMBLÉ, Phillipe. **Dictionaries and Language Learners**. Frankfurt am Main: Haag und Herchen, 2001

JACKSON, Howard. **Lexicography. An introduction**. London: Routledge, 2002.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Mercado de letras, 2002.

LANDAU, Sidney. **Dictionaries: The art and the craft of lexicography**. Cambridge: CUP, 2002.

LANGACKER, Ronald W. “Cognitive Grammar. Introduction to Concept, Image and Symbol”. In: **Cognitive linguistics: basic readings**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2006.

LYONS, John. **Linguistics Semantics: an introduction**. New York: Cambridge University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. **Language and Linguistics: an introduction**. New York: Cambridge University Press, 1981.

\_\_\_\_\_. **A Semântica**. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

MACIEL, Anna Maria Becker. “Novos horizontes para o ensino do léxico”. In: **Revista língua & literatura**. Frederico Westphalen, RS Vol. 6/7, n. 10/11, p. 123-130, 2004.

\_\_\_\_\_. “Linguística de *corpus*: bases teórico-metodológicas”. In: Colóquio Nacional Letras em Diálogo e em Contexto: rumos e desafios (2002: Porto Alegre, RS). Anais... 1 CD-ROM. 11 p. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras, 2003.

**MARCO Común Europeo de Referencia para las Lenguas.**: Aprendizaje, Enseñanza, Evaluación. Disponível: [http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca\\_ele/marco/cvc\\_mer.pdf](http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/marco/cvc_mer.pdf). 2002

MARTELOTTA, Mario Eduardo. “Linguística cognitiva”. In: **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTÍNEZ de SOUZA, José. **Diccionario de lexicografía práctica**. Barcelona: Vox, 1995.

**Michaelis Pequeno Dicionário Espanhol-Português Português-Espanhol**. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

**Minidicionário Michaelis Alemão/Português Português/Alemão**. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Unesp, 1999.

\_\_\_\_\_. “O que dizer sobre as palavras gramaticais aos usuários da língua”. In: **Encontro Nacional da Anpoll** (5.: 1990 : Recife). Anais. Porto Alegre : Anpoll, v. 2, p. 87-93, 1991.

NORMAND, Claudine. “Le CLG: une théorie de la signification?” In: NORMAND, Claudine. **La Quadrature du sens**. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

PALMER, F.R. **A semântica**. Lisboa: Edicoes 70, 1979.

PEZATTI, Erotilde Goreti. “O funcionalismo em linguística”. In: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda. (Org.) **Introdução à linguística. Fundamentos Epistemológicos**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

**PASSWORD - English Dictionary for Speakers of: Portuguese.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

PIOVEZANI, Carlos. “Saussure e o discurso: o *Curso de linguística geral* lido pela Análise do Discurso”. **Alfa.** São Paulo, 52 (1): 7 – 20. 2008.

(RAE 1931) Real Academia Española. **Gramática de la lengua española.** Madrid: Espasa-Calpe, 1931.

(RAE 1973) Real Academia Española. **Esbozo de una nueva gramática de la lengua española.** Madrid: Espasa, 1973.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. “A Linguística de *Corpus* no tempo e no espaço: visão reflexiva”. In: GERBER, Regina Márcia e VASILÉVSKI, Vera (Org.). **Um percurso para pesquisar com base em corpus.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SALGADO, Ana Rachel. **Unidades fraseológicas especializadas na perspectiva da tradução.** Dissertação de mestrado. Instituto de Letras. UFRGS, 2006.

SALAMANCA. **Diccionario Salamanca de la Lengua Española.** Madrid: Santillana, 1996.

SANTILLANA – **Diccionario Santillana para estudantes: espanhol-português, português-espanhol.** São Paulo: Moderna, 2008.

SARAIVA, Alexsandro Macêdo. “Cognição e categorização: Uma Revisão Teórica”. In: **Semântica Cognitiva. Ilhas, pontes e teias.** Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de *Corpus*.** São Paulo: Manole, 2004.

SECO, Manuel. **Estudios de lexicografía española.** Madrid: Paraninfo, 2003.

SEÑAS – **Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SILVA, Augusto Soares, “Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva”, In: **Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva**. Coimbra: Almedina, vol. I, pp.1-18, 2004.

SILVA, Denise Lima Gomes da. “Uma leitura da noção de valor lingüístico em Ferdinand de Saussure”. **Revista de letras 10**. 2008.

SOBRINHO, Jerônimo Couto. “Uso do dicionário configurando estratégia de aprendizagem de vocabulário”. In: LEFFA, Vilson (Org.). **As palavras e sua companhia. O léxico na aprendizagem das línguas**. Educat: Pelotas, p. 73-94, 2000.

SOUSA, Fernanda Cunha. “O que é a linguística cognitiva”. **Entretextos**. V. 7 jun/dez 2007.

STAT, Sorin. “Le definizioni lessicografiche” In: PANTEALONI, Luisa; SALMON KOWARSKI, Laura. **Sapere linguistico e sapere enciclopédico**. Bologna: Cooperativa Libreria Universitaria Editrice, 1995.

STUBBS, Michael. **Text and corpus analysis: corpus studies of lexical semantics**. London: Blackwell, 2001.

TALMY, Leonard. **Toward a Cognitive Semantics**, 2 vols. Cambridge: The MIT Press, 2000.

TAMBA, Irène. **A Semântica**. São Paulo: Parábola, 2006.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. 4. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1964.

[VOX] **Vox - Dicionario de uso del español de América y España**. Versão em cd-room. Barcelona: SPES Editorial, 2003.

WELKER, Andreas. “Lexicografia Pedagógica: Definições, história, peculiaridades”. In: Xatara, C., Bevilacqua, C. & Humblé, P. (org.), **Lexicografia Pedagógica: pesquisas e perspectivas**. [Florianópolis]: UFSC/NUT, 9-45. 2008.

\_\_\_\_\_. **Dicionários: Uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.



**9 Apêndice**

# ARGENTINA

2004-2004

147 CASOS

Nº	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
1	uertes reales War-Trix es una producción japonesa <b>pero</b> realizada en Polonia. La protagonista, Ash, es r	** 2004	PRENSA
2	intenta aprovechar el hecho de que -como Matrix, <b>pero</b> también Abre los ojos, El decimotercer piso y eX	** 2004	PRENSA
3	Sergio Renán -luego de la proyección de su film-, <b>pero</b> encierra una reflexión insoslayable: "Cuando yo	** 2004	PRENSA
4	Oswaldo Bayer. Por fin, Perón da el visto bueno, <b>pero</b> el permiso tiene patas cortas ya que el General	** 2004	PRENSA
5	chultz dice que los compañeros están equivocados, <b>pero</b> elige equivocarse con ellos a tener razón solo.	** 2004	PRENSA
6	triunfo de la causa proletaria? Dificil decirlo, <b>pero</b> sabrá morir manifestando que sólo hay triunfo o	** 2004	PRENSA
7	is: "Podrán decir que fui un militar sanguinario, <b>pero</b> nunca un militar desobediente".) Sergio Renán es	** 2004	PRENSA
8	ismo de Estado es un acto simbólico de reparación <b>pero</b> , al revés de sus antecesores, eleva la calidad d	** 2004	PRENSA
9	ncontrar la verdad y la justicia sobre el pasado, <b>pero</b> también para reparar otras consecuencias que osc	** 2004	PRENSA
10	Torres estaría dispuesto a revisar los indultos, <b>pero</b> aún no recibió pedidos en ese sentido de ninguna	** 2004	PRENSA
11	vez se hiciera más grande. Todos buscan razones, <b>pero</b> todos coinciden en que en sus recuerdos las dime	** 2004	PRENSA
12	Al cruzar el sector, en esa época parecía enorme, <b>pero</b> uno lo cruzaba con grilletes. También uno era mu	** 2004	PRENSA
13	abandonado, algunos baños habían sido removidos, <b>pero</b> había ciertas marcas que hicieron que cada lugar	** 2004	PRENSA
14	"hasta el sótano" se sintió "más o menos normal", <b>pero</b> cuando llegó a "Capucha" no pudo controlar ni lo	** 2004	PRENSA
15	Estaban las manos de los compañeros apretándonos, <b>pero</b> faltaban todos los que no están." "'Capucha' es	** 2004	PRENSA
16	Y las neutralizamos con otras. No había oxígeno, <b>pero</b> lo tenías cuando te comunicabas con alguien, cua	** 2004	PRENSA
17	lo sostenía, le palmeaba la cabeza o la espalda, <b>pero</b> no falsamente. Me da la sensación de que lo sint	** 2004	PRENSA
18	para la memoria. Intentaron hablar con Kirchner, <b>pero</b> el Presidente los esquivó con una frase: "No es	** 2004	PRENSA
19	eníamos una sensación encontrada de no querer ir, <b>pero</b> a la vez necesitarlo", asegura Testa. En cambio	** 2004	PRENSA
20	ía que ir a ver el espacio, cómo lo dimensionaba, <b>pero</b> me sorprende el marco, que es institucional, que	** 2004	PRENSA
21	n mundial brasileño de Fórmula Uno, Ayrton Senna, <b>pero</b> fue detenido por la policía paulista antes de qu	** 2004	PRENSA
22	l. Allí parecía que se iniciaba un nuevo partido, <b>pero</b> la realidad marcó que no fue así. Con una jugada	** 2004	PRENSA
23	ndo para igualar el juego. Todo volvía a empezar, <b>pero</b> ahora Chicago tenía más confianza porque se dio	** 2004	PRENSA
24	mar fácilmente. A veces... no es que tenga miedo, <b>pero</b> juego con el límite de la obsesión del coleccion	** 2004	PRENSA
25	no terminó. Por Mariano Blejman Generar la duda, <b>pero</b> guiar la pregunta hacia un destino cierto: acaba	** 2004	PRENSA

Nº	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
26	aniel me llamó y me dijo: "Estoy terminando esto, pero no me gusta cómo está quedando. Quiero hacerlo d	** 2004	PRENSA
27	ta película es resultado de una historia difícil, pero puede servirle a otro. Horacio Pietragalla Corti	** 2004	PRENSA
28	omento se pensó que mi parto podía estar filmado, pero buscamos y buscamos y no encontramos. H.P.C.: -	** 2004	PRENSA
29	de la Capital Federal". Behl desarrolló una breve pero intensa carrera en la Argentina, donde dirigió,	** 2004	PRENSA
30	pico investigador duro, solitario y cascarrabias, pero con una pequeña variante: lleva pollera. Obsesio	** 2004	PRENSA
31	pasión romántica. También en la sección oficial, pero como invitada especial y fuera de concurso, ha l	** 2004	PRENSA
32	Telefé), la secuela de Betty, reproduce el éxito pero no los temas. "Era tiempo de hablar de otras cos	** 2004	PRENSA
33	de ninguna índole. Betty se deja abrir y cambia, pero en un proceso gradual y natural que no se da en	** 2004	PRENSA
34	comedia gringa desde Friends a Sex and the City, pero también voy más atrás hasta Lucille Ball y Los T	** 2004	PRENSA
35	randes y me sentí descuidada: editaban los discos pero después los cajoneaban, nadie se preocupaba por	** 2004	PRENSA
36	Página/12. Todavía no está definido el proyecto, pero las dos posibilidades en danza la tientan: uno s	** 2004	PRENSA
37	tan: uno sería en inglés y el otro en castellano, pero ambos con repertorios populares y, por supuesto,	** 2004	PRENSA
38	de decirles a los chicos cómo se hacen las cosas; pero sí desde una idea de lo político: cantar temas d	** 2004	PRENSA
39	r cuyo origen está aún en el limbo del anonimato, pero que los indicios disponibles atribuyen a grupos	** 2004	PRENSA
40	có que lo conocía del barrio madrileño Lavapiés, "pero que perdieron contacto cuando Abu Dahdah fue ing	** 2004	PRENSA
41	beración. La cadena perpetua no existe en España, pero las penas de prisión son acumulativas. Así, el s	** 2004	PRENSA
42	s que habían sufrido redimensionamientos mayores: pero esto se verificó entre los empleados estables, n	** 2004	PRENSA
43	utoridades del área de educación. Se abrió ayer, pero se cerró enseguida, el debate sobre si declarar	** 2004	PRENSA
44	do con la posibilidad de una semana de vacaciones pero no en forma inmediata" y afirmó que el tema debe	** 2004	PRENSA
45	poniéndose de los gastos del comienzo de clases", pero propuso "debatir un rediseño de la política de f	** 2004	PRENSA
46	r en lo inmediato, vamos a estudiar una solución, pero no me gusta mentir, por ahora (las retenciones)	** 2004	PRENSA
47	se desarrolle la industria automotriz de Brasil, pero también la nuestra. Estoy seguro que esto va a s	** 2004	PRENSA
48	sticos. También hay cortorcircuitos con Petrobras, pero Kirchner puso el foco en el sector automotor, po	** 2004	PRENSA
49	quedarse sin voz -en gran parte por la emoción-, pero remontó la situación con oficio, temple y, sobre	** 2004	PRENSA
50	bre el escenario."Estamos más gordos y más viejos pero no perdimos las mañas", se despidió, en medio de	** 2004	PRENSA

Nº	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
51	uan puede estar pelado;yo, canoso;Fito, con panza:pero algo, en esencia, sigue igual.Fue raro y placent	** 2004	PRENSA
52	con todo el IVA a otros que lo tienen disminuido, pero sin que el comerciante lo declare.	** 2004	PRENSA
53	Cascos Azules argentinos advirtieron la revuelta, pero lograron desarticularla rodeando rápidamente el	** 2004	PRENSA
54	rmas que reclama la ley que se pretende reformar, pero terminaron rechazadas por la Comisión de Asuntos	** 2004	PRENSA
55	s muertos es una película en apariencia sencilla, pero que costó mucho hacer.Cuenta la historia de Varg	** 2004	PRENSA
56	."Fuimos conociendo gente que vivía en las islas, pero no había muchos que pudieran actuar. Nos encontr	** 2004	PRENSA
57	al dimos con Argentino, que había sido alcohólico pero dejó de tomar. El tipo es un islero, analfabeto.	** 2004	PRENSA
58	1. ¿Cómo fue el rodaje en la cárcel? Fue bueno, pero raro.Al primer día teníamos escolta, Después, ya	** 2004	PRENSA
59	. Podías haberla llamado "Los olvidados"... Sí, pero ya lo usó Buñuel...En el río es peor, pero el co	** 2004	PRENSA
60	. Sí, pero ya lo usó Buñuel...En el río es peor, pero el concepto de resignarse a una vida de mierda,	** 2004	PRENSA
61	ndo de un proyecto para filmar el año que viene-, pero también quiero divertirme más. Ya dejé bastante	** 2004	PRENSA
62	do hasta el momento- la deuda externa será pesada pero sustentable.Pero, a cambio, el país seguirá some	** 2004	PRENSA
63	definitiva, quienes no posean un trabajo honesto, pero tampoco los egoístas, cuya limitación moral se m	** 2004	PRENSA
64	es", de Gregory Jacobs, transcurre en Los Angeles pero es idéntica a la película de Fabián Bielinsky. P	** 2004	PRENSA
65	os primeros planos, lo cual no sería de lamentar, pero el humor y el carisma que tenían Juan y Marcos a	** 2004	PRENSA
66	ocolo y una diferencia jurídica sobre su alcance, pero hay buena fe y un trabajo de acercamiento. -¿Qué	** 2004	PRENSA
67	erte.Hay atraso, son hechos de hace 20 ó 30 años, pero se intenta llegar al fondo de las cosas. -¿No es	** 2004	PRENSA
68	rece rezagada, por ejemplo en el mercado laboral, pero nuestra historia está llena de protagonismo y lu	** 2004	PRENSA
69	buenos resultados.Bachelet y Alvear, en ese orden pero parejas, están hoy en empate técnico con Lavín.	** 2004	PRENSA
70	s votos que tuvo.Subirá o bajará en las encuestas pero la elección de 2005 será reñida. Para Maira, "la	** 2004	PRENSA
71	"la Concertación bajó la pobreza y la indigencia, pero su cuarto gobierno debería atacar la desigualdad	** 2004	PRENSA
72	ue se están retirando los voluntarios extranjeros pero que las organizaciones humanitarias continuarán	** 2004	PRENSA
73	mericanos consultados respaldan al senador Kerry, pero es en Argentina (43 a 6%); en Uruguay (37 a 5) y	** 2004	PRENSA
74	un millón de dólares para poder "neutralizarlo", pero Basayev, quien se cree que está en territorio ch	** 2004	PRENSA
75	"bases terroristas" en cualquier lugar del mundo, pero dijo que no usará bombas atómicas. Es la misma d	** 2004	PRENSA

N°	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
76	a vez que Rusia amenaza con ataques de este tipo, pero en otras oportunidades dejaba claro dónde iba a	** 2004	PRENSA
77	a cosa:estrenarán en una plaza fija, Buenos Aires;pero el año próximo -una vez concluida la temporada d	** 2004	PRENSA
78	cinco años; una es la esposa y la otra la amante, pero quién es quién no se puede anticipar, porque es	** 2004	PRENSA
79	el escenario y una amistad, disfrutan del teatro, pero más de otras pasiones. Rita, ¿seguís cantando? M	** 2004	PRENSA
80	a mucho leer, escribir, pavear...Amo lo que hago, pero no deja de ser un trabajo.Igual, agradezco al Se	** 2004	PRENSA
81	Si no es por un paro es porque se robaron cables, pero la cuestión es que los perjudicados somos los la	** 2004	PRENSA
82	ntentó comunicarse ayer varias veces con Pedraza, pero no obtuvo respuesta. La semana pasada, otro conf	** 2004	PRENSA
83	ravención a "bancos e instituciones financieras", pero su iniciativa fue rechazada por 27 votos contra	** 2004	PRENSA
84	hayán aprobado más de la mitad de los artículos, pero el número tampoco debe confundir.Los temas súper	** 2004	PRENSA
85	ntre 19 y 20 años.El episodio ocurrió el domingo, pero recién se conoció ayer. Según fuentes de la inve	** 2004	PRENSA
86	a denuncia recién fue realizada el jueves pasado, pero ya había irregularidades anteriores", agregó. El	** 2004	PRENSA
87	rse un chequeo médico y que regresaría más tarde, pero nunca volvió. Poco después, los directores del b	** 2004	PRENSA
88	24 de agosto, porque entonces se hizo un arqueo, pero que desaparecieron entre esa fecha y el 31, cuan	** 2004	PRENSA
89	ntes consultadas, los policías trataron detenerlo pero los asaltantes, al ver al patrullero, comenzaron	** 2004	PRENSA
90	on electrodomésticos. Buscaron y pidieron dinero, pero no había. Los asaltantes reconocieron a Badía un	** 2004	PRENSA
91	unciado, ya que sólo se registraron 32 denuncias, pero en julio el número se elevó a 49. Según el mismo	** 2004	PRENSA
92	perdió el partido por los controvertidos fallos, pero afirmó que el tercer set lo jugó condicionada."T	** 2004	PRENSA
93	stinencia. Yo he estado hasta 8 meses sin volver, pero siempre regreso a la Argentina. Lo que más me gu	** 2004	PRENSA
94	e me hizo difícil cuando empecé porque era nuevo, pero cuando es inevitable ya no es tan difícil. Llevo	** 2004	PRENSA
95	no intelectual ni tecnológica, con algo de crudo pero también algo fino a la vez. Y aparte tiene un ri	** 2004	PRENSA
96	ntras pueda."El destino ha hecho que tenga pareja pero que no tenga hijos todavía, pero quiero tenerlos	** 2004	PRENSA
97	que tenga pareja pero que no tenga hijos todavía, pero quiero tenerlos. Y la verdad es que no se cuánto	** 2004	PRENSA
98	Vietnam.También ganó de visitante Arabia Saudita, pero por el Grupo 8:se impuso por 1 a 0 a Turkmenistá	** 2004	PRENSA
99	e Arkadiusz Glowacki. Francia, por su parte, ganó pero no convenció.Era el día ideal para lograr una go	** 2004	PRENSA
100	lección, la de Islas Feroe, que curase los males, pero los nuevos "blues" de Raymond Domenech siguen si	** 2004	PRENSA

N°	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
101	Marcello Lippi otra vez no convenció con su juego <b>pero</b> venció 1-0 de visitante a Moldavia con un gol de **	2004	PRENSA
102	, todos lesionados. También debutó Luis Aragonés, <b>pero</b> el DT español no tuvo el mismo éxito que Van Bas **	2004	PRENSA
103	cie de laboratorio, en el que hubo mucho ensayos, <b>pero</b> podemos jugar mucho mejor", reconoció Carlos Alb **	2004	PRENSA
104	AFP) A la brasileña El partido terminó en empate, <b>pero</b> hubo una fiesta a la brasileña.Con mucho alcohol **	2004	PRENSA
105	el encuentro de la tercera fecha con Laferrere), <b>pero</b> aún no se habla de la renuncia de su técnico Osv **	2004	PRENSA
106	os que Argentina no tenía" afirmó y luego agregó " <b>pero</b> están medio devaluados, ya que no todos van con **	2004	PRENSA
107	amos para enfrentar a cualquiera. Boca es difícil <b>pero</b> se le puede jugar". Estudiantes En la reunión de **	2004	PRENSA
108	ingo.Juan Cáceres no se entrenó por una molestia, <b>pero</b> podrá jugar frente a los cordobeses. Rosario Cen **	2004	PRENSA
109	os.Hicieron táctico-técnico.Hoy también lo harán, <b>pero</b> en el estadio.El sábado por la tarde concentrará **	2004	PRENSA
110	mbiciosos y ofensivos, incómodos para cualquiera, <b>pero</b> mucho más para un River que, por aspirar a estar **	2004	PRENSA
111	eación alternativa en un largo tramo del torneo-, <b>pero</b> parece que eso no le alcanza para poner de rodil **	2004	PRENSA
112	no habló largo en el vestuario luego de la caída, <b>pero</b> ayer lo hizo más de 25 minutos.A solas... Cuenta **	2004	PRENSA
113	en dejar afuera hasta el final a Eduardo Tuzzio, <b>pero</b> que falló en sacar a Víctor Zapata porque el vol **	2004	PRENSA
114	ue no debe hacerse un drama con ellas, es cierto, <b>pero</b> no se pueden pasar por alto fallas más que notor **	2004	PRENSA
115	iavi."Pensamos en este partido hace mucho tiempo, <b>pero</b> lamentablemente no se pudo dar -agregó-. Lo feo **	2004	PRENSA
116	o de mis jugadores entregó todo. Queríamos ganar, <b>pero</b> el fútbol es así. Este no es un equipo acostumbr **	2004	PRENSA
117	e Diego" y señaló que Suiza era el mejor destino, <b>pero</b> que fue Maradona quien decidió ir a Cuba. Julio **	2004	PRENSA
118	rrada en la Argentina. -¿No hay ninguna? -Hay 51, <b>pero</b> no se encontró una conveniente.Vimos en El Bolsó **	2004	PRENSA
119	ejor lugar era Suiza, no tenía que poner un peso, <b>pero</b> él no aceptó.Quiere irse a Cuba porque allí va a **	2004	PRENSA
120	fue de la casa de Claudia con rumbo desconocido, " <b>pero</b> tiene que volver a la Clínica como todos los día **	2004	PRENSA
121	funcionar.Eso era, a priori, un buen termómetro, <b>pero</b> igual esta la incertidumbre y, hasta ahora, hemo **	2004	PRENSA
122	en la vida de su hijo respondiendo a su llamado, <b>pero</b> parece que no vino muy dispuesta a facilitarle l **	2004	PRENSA
123	s cosas), y terminó con una película inolvidable, <b>pero</b> por los motivos equivocados. Ficha: Todo es por **	2004	PRENSA
124	sinada en Auschwitz. La paz llegará para el mundo <b>pero</b> no para las hermanas, dado que Lotte odia a los **	2004	PRENSA
125	se podría explicar el éxito en Asia y donde sea, <b>pero</b> no.Héroe es una leyenda hecha cine, sin tanta po **	2004	PRENSA

Nº	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
126	éroe es una leyenda hecha cine, sin tanta poesía, pero sí contundente.Hojas que bailan al ritmo de las	** 2004	PRENSA
127	e pudo acercarle a Yimou una nominación al Oscar, pero no parece que sea mucho lo que el realizador le	** 2004	PRENSA
128	ison, que se jubiló como vicepresidente de Moller pero aún trabaja allí, dijo que se estima que los Sky	** 2004	PRENSA
129	on claras:su personaje podrá tener ambivalencias, pero es un tipo con ética, hartó de que lo pasen por	** 2004	PRENSA
130	ho antes de ir a dormir.No parece ser muy cómodo, pero sería útil para que los roncadores que no saben	** 2004	PRENSA
131	alir, porque tenía una fortaleza y un espíritu... pero bueno... Dios no quiso". Hija de Cecilia Plorutt	** 2004	PRENSA
132	se trató de una "desgracia" y un "accidente tonto pero fatal". El caso ya está en la Justicia que inves	** 2004	PRENSA
133	ejemplo la joven madre que no participó del éxodo pero, tiempo después, ganó una de las 20.000 visas qu	** 2004	PRENSA
134	disfruta de un buen pasar y no le falta el dinero pero sí la tranquilidad.Es traficante. Otro abandonó	** 2004	PRENSA
135	o.Y en su nueva residencia parecía un triunfador, pero la esposa lo denunció por malos tratos, estuvo p	** 2004	PRENSA
136	onal predicador en templos. Los sueños prosiguen, pero la gran mayoría extraña a Cuba.Balseros, salpica	** 2004	PRENSA
137	endencia en una especie de "espejo que adelanta", pero que -adaptado a las necesidades criollas- ya ha	** 2004	PRENSA
138	"plantillas" como "estoy en reunión, llámame a <sup>J</sup> ", pero no lo uso.Lo uso más como diversión. Bárbara (1	** 2004	PRENSA
139	mensaje.;Siempre siempre!Se hacen los frontales, pero después les da timidez.Aparte, con un SMS no que	** 2004	PRENSA
140	red que permitió usar una tecnología ya existente pero poco usada. Con un tope de 160 caracteres en su	** 2004	PRENSA
141	tre los adultos, el SMS es aceptado por un grupo, pero principalmente para recibir, convirtiendo al cel	** 2004	PRENSA
142	gente que usaba tarjeta, gastaba 30 pesos por mes pero hablando mucho menos que con un abono de 30 peso	** 2004	PRENSA
143	, por ejemplo, 10 centavos por mensaje. Otros 20, pero no cobran los recibidos", dice Carrier. Como sea	** 2004	PRENSA
144	informe de Maizar, al área sojera crecerá un 3%, pero la producción más del 10%, debido a que el año p	** 2004	PRENSA
145	uestas que consignan un incremento en las ventas, pero también muchas otras que indican todo lo contrar	** 2004	PRENSA
146	n a auxiliarlo está Pelluco.Su sorpresa es grande pero su ambición también.En poder de la billetera de	** 2004	PRENSA
147	ndo de a uno en fondo.Pelluco espía la situación, pero no se echa atrás ni por el pesar de su madre, ni	** 2004	PRENSA

# MÉXICO

2004-2004

113 CASOS



N°	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
1	s para reforzarla en el país dada su importancia, pero los considera insuficientes al igual que a las a	** 2004	PRENSA
2	otorguen beneficio al binomio academia-industria, pero siempre considerando el impacto social. Así, dur	** 2004	PRENSA
3	. La vida de una trabajadora suele ser de un año, pero una reina puede vivir durante 20 y producir mile	** 2004	PRENSA
4	lrededores. La visión no les sirve de gran ayuda, pero sus antenas, en cambio, son capaces de diferenci	** 2004	PRENSA
5	hormigas, cuya inteligencia individual es mínima, pero que colectivamente son capaces de hacer cosas mu	** 2004	PRENSA
6	tran los expertos en robótica. Ha mejorado mucho, pero aún continúa desafiando a los investigadores. El	** 2004	PRENSA
7	Los resultados se reservan por pacto de secrecia, pero Manuel Fabela señala que a la paraestatal se le	** 2004	PRENSA
8	tinios sonríe de buen modo con esta broma musical, pero hay quienes se lo han tomado a pie puntillas: la	** 2004	PRENSA
9	go de encontrárselas en el sur de Estados Unidos, pero hoy día han avanzado más o menos hasta la mitad	** 2004	PRENSA
10	al norte porque el frío del invierno las mataría, pero nunca se sabe. Otra navegante porteña llegó más	** 2004	PRENSA
11	ue en el extranjero. Sin duda sería un gran paso, pero concluyo citando los límites (fórmicos, mas no f	** 2004	PRENSA
12	cuatro mil pesos. "Sabemos que es un costo alto, pero vale la pena porque el cliente no sólo adquiere	** 2004	PRENSA
13	e Noviembre se realizan radiocirugías desde 1998, pero ahora cuenta con un aditamento que perfecciona l	** 2004	PRENSA
14	a, y escucha todos los movimientos del acelerador pero no siente absolutamente nada", comenta Castillo	** 2004	PRENSA
15	a vinculación exitosa depende de muchos factores, pero que ninguno de éstos debe ser más importante que	** 2004	PRENSA
16	lación" sólo ha dado resultado en casos aislados, pero no de manera sistemática, indica el director del	** 2004	PRENSA
17	habla mucho de la importancia de la vinculación, pero con frecuencia se resalta lo insuficiente que aú	** 2004	PRENSA
18	. Sus padres le mitigaban el dolor con aspirinas, pero más tarde éstos se complicaron con infecciones e	** 2004	PRENSA
19	dietas y medicamentos para atenuar los síntomas, pero ni así cesaba su dolor. Tras una búsqueda intens	** 2004	PRENSA
20	evista que la evolución del INC ha sido continua, pero en los últimos cinco años fue vertiginosa debido	** 2004	PRENSA
21	ad ante la globalización. "Vamos por buen camino, pero hasta ahora no hemos podido pasar del 0.4 al tan	** 2004	PRENSA
22	nvierten de algún modo en esfuerzos tecnológicos, pero al estar descoordinados no documentan o registra	** 2004	PRENSA
23	en muchas ocasiones la EPOC se confunde con asma, pero la diferencia radica en que la primera se presen	** 2004	PRENSA
24	án que pagar 3.49 libras (6.15 dólares) mensuales pero el correo estará libre de publicidad. Por su par	** 2004	PRENSA
25	o cual resulta muy atractivo para los anunciantes pero ha sido muy criticado por organizaciones de defe	** 2004	PRENSA

Nº	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
26	lones de dólares en 2003, un 120% más que en 2002	pero tan sólo un uno por ciento del total mundial, in **	2004 PRENSA
27	on graciosos los chistes de la gente que ronca...	pero, pregúntale a la persona con quien compartes tu **	2004 PRENSA
28	y no en todos los casos el problema es una apnea,	pero es el médico quien puede determinarlo. Algunas r **	2004 PRENSA
29	os. Pueden aconsejar a su mujer en cuanto a moda,	pero también tienen sexo con ella. Desplazando a los **	2004 PRENSA
30	os ojos perfectos. La realidad casi nunca es así,	pero no hay por qué cerrarlos, con algunos retoques, **	2004 PRENSA
31	l compás de las modas. Ahora se llevan naturales,	pero no está permitido dejarlas crecer al libre albed **	2004 PRENSA
32	r infecciones oculares. Jamás te frotes los ojos,	pero si te los tocas procura que sea con las manos y **	2004 PRENSA
33	, fijándote bien en qué alimentos estás comiendo,	pero también a qué hora del día lo estás haciendo Ag **	2004 PRENSA
34	limentación completa, variada y baja en calorías,	pero sabiendo en qué momento del día te conviene cons **	2004 PRENSA
35	s posibles deficiencias vitamínicas de la comida,	pero evita vegetales de difícil digestión como ceboll **	2004 PRENSA
36	de este año contra dos mil 979 del mismo periodo,	pero del año 2003. Por otra parte, Manuel Tron Campos **	2004 PRENSA
37	ogos han invocado factores biológicos y sociales,	pero lo cierto es que entre dos seres de característi **	2004 PRENSA
38	mata se vuelve un asesino en el momento de matar,	pero antes no lo era... a menos que aceptemos una teo **	2004 PRENSA
39	dalajara, y ninguna de esas cosas me es posible),	pero siempre lo es para querer lo que quiere. Somos m **	2004 PRENSA
40	valiosos que otros. Todo homicidio es lamentable,	pero algo muy íntimo se nos agita con desazón cuando **	2004 PRENSA
41	somos iguales respecto de nuestra esencia humana,	pero, por fortuna, no indistintos, no indiferenciados **	2004 PRENSA
42	men absurdo. Los asesinos ejercieron su albedrío,	pero en su determinación acaso influyeron algunos fac **	2004 PRENSA
43	esultados ya que fueron detenidas 18 mil unidades	pero no fueron remitidas a corralón, ni se impuso el **	2004 PRENSA
44	TREVEN A asegurar que es debido a las vacaciones,	pero debemos recordar que las telenovelas infantiles **	2004 PRENSA
45	o este tiempo por sus comerciales de la Internet,	pero desesperado por no actuar se lanza al teatro con **	2004 PRENSA
46	e Gobierno ya fue tomada y "no hay marcha atrás",	pero, acotó, el fondo del asunto debe ser analizado d **	2004 PRENSA
47	su contra". "No he hablado con él de este asunto,	pero lo conozco y sé que va a asumir la responsabilidad **	2004 PRENSA
48	na amplia reflexión de los más diversos expertos,	pero hay un dato que no puede pasar desapercibido por **	2004 PRENSA
49	Así, no se renuncia a las políticas anticíclicas	pero, al hacer explícita la estrategia, no se envían **	2004 PRENSA
50	illermo Babatz ha avanzado a zancadas en el tema,	pero todavía le falta algunos pasos legales que le co **	2004 PRENSA

Nº	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
51	que en estado de reposo no se siente mayormente, pero cuando se estimula aumenta de tamaño y su textur	** 2004	PRENSA
52	cuencia de la impresión de tener ganas de orinar, pero no es el caso. Lo que sucede es que presiona la	** 2004	PRENSA
53	diversarios, y la purga no pase de Alka Seltzer... pero la amenaza invitaría a recordar la formación esc	** 2004	PRENSA
54	ba de marxismo-leninismo. Nada contra esas ideas, pero considere usted lo que pueden provocar -y provoc	** 2004	PRENSA
55	llamó para pedirle una canción... no sabía cuál, pero que pudiera quedar bien -palabras más palabras m	** 2004	PRENSA
56	los oaxaqueños habían salido a votar el domingo, pero que los que gobiernan hacen lo que quieren... As	** 2004	PRENSA
57	how, porque no estarán encerradas en ningún lado, pero a cada una de las participantes la va a acompaña	** 2004	PRENSA
58	sada una señora, la que menos kilos haya bajado, "pero en realidad ninguna va a perder, porque ya inici	** 2004	PRENSA
59	s somete a liposucción, cirugía plástica y demás, pero la idea nace después de que las señoras llamaban	** 2004	PRENSA
60	ctoria- en el rito de cada cuatro años. Gana, sí, pero con gran dificultad, después de imponerse a la c	** 2004	PRENSA
61	derecho a saber del endeudamiento de su gobierno pero, generoso como es al prodigar el acceso público	** 2004	PRENSA
62	oso divulgador de sospechas. 2.- Priistas buenos, pero para jabón.- Ni una palabra del derecho a la inf	** 2004	PRENSA
63	uesta a través del empresario Francisco De Paula, pero acompañada de la recomendación de apartarle trei	** 2004	PRENSA
64	rupu de mujeres. En Cancún no hay gobernabilidad, pero sí mucha corrupción. Recibió la administración c	** 2004	PRENSA
65	hora laboran más de 5 mil 200, lo que no es malo, pero hay quincenas en que no tienen para pagar la nóm	** 2004	PRENSA
66	quincenas en que no tienen para pagar la nómina, pero eso sí gastan mucho en refrescos y reparación de	** 2004	PRENSA
67	como un golpe al sindicalismo esta determinación, pero lo que reprueban es la intolerancia que en todo	** 2004	PRENSA
68	Macedo declaren por escrito. Ruido, mucho ruido, pero no una defensa legal, a él eso no le interesa. A	** 2004	PRENSA
69	y con los cuales podría ahondarse sobre el caso, pero esto no ha sido posible, subrayó. A su vez, indi	** 2004	PRENSA
70	bandera de Estados Unidos se cambian por chiles; pero, la otra parte de lo que desea el cineasta cuand	** 2004	PRENSA
71	d la escenografía de esta puesta no es grandiosa, pero sí ingeniosa. Conforme suceden los cuadros, los	** 2004	PRENSA
72	palabra, luego se vota. Ese es el procedimiento, pero estamos todavía en lo que es la etapa de present	** 2004	PRENSA
73	ganización usaremos toda la fuerza del sindicato, pero cuidando siempre nuestras fuentes de trabajo", i	** 2004	PRENSA
74	el presupuesto para los dos años que les restan, "pero si no enfrentamos la realidad el país no va a te	** 2004	PRENSA
75	entre el PAN y el PRI en el Congreso de la Unión, pero también la lucha entre dos grupos priistas, dond	** 2004	PRENSA

Nº	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
76	iento entre las dos principales fuerzas del país, pero no desde la perspectiva de contar y alcanzar vot	** 2004	PRENSA
77	ón a favor de las reformas del IMSS es un pequeño pero significativo paso hacia su fortalecimiento; sin	** 2004	PRENSA
78	palabra, luego se vota. Ese es el procedimiento, pero estamos todavía en lo que es la etapa de present	** 2004	PRENSA
79	stradores llamaron a la familia durante dos días, pero después dejaron de comunicarse. El lunes siguien	** 2004	PRENSA
80	entre el PAN y el PRI en el Congreso de la Unión, pero también la lucha entre dos grupos priistas, dond	** 2004	PRENSA
81	Kerry y John Edwards tengan todas las respuestas (pero) están sinceramente interesados en hacerse las p	** 2004	PRENSA
82	Malkovich para interpretar al enemigo de Potter, pero finalmente se ha optado por Fiennes, cuyos papel	** 2004	PRENSA
83	ar esta ficción que pretendió hacer hace 20 años, pero que sólo hasta ahora fue posible. Además, en un	** 2004	PRENSA
84	cipio consideró situarla en Italia, con la mafia, pero el tema era trillado y ya no había tantos mafios	** 2004	PRENSA
85	os igualmente aseguran ser "hombres de negocios", pero como en otras mafias, también se preocupan por l	** 2004	PRENSA
86	olémica entre el público que tomará o no partido, pero lo cierto es que ahí, en la pantalla se refleja	** 2004	PRENSA
87	400 y hasta mil 800 pesos dependiendo del cargo, pero "pues ni modos de decir yo no coopero, si es el	** 2004	PRENSA
88	e verdad la gente apoya a Andrés Manuel en serio, pero todos necesitamos un apoyo para alimentos", just	** 2004	PRENSA
89	ayor gasto será en difusión, carteles y folletos, pero no hubo spots u otro tipo de convocatoria que pu	** 2004	PRENSA
90	AJE. Hay en la novela una protagonista fantasmal, pero palpable: Barcelona, que es también el escenario	** 2004	PRENSA
91	es. Ahora es un consumado guionista de películas, pero con esta novela -abarrotada como está de imágene	** 2004	PRENSA
92	Semana Negra de Gijón y de la no menos importante pero no tan reconocida feria del libro de la calle Al	** 2004	PRENSA
93	no significativo para una feria grande de libros, pero para nosotros sí fue importante: más de 40 mil l	** 2004	PRENSA
94	a estadounidense que aún no es conocido en México, pero que todo mundo dijo en la Semana Negra que era e	** 2004	PRENSA
95	blema de distribución, lo está editando Umbriel, "pero poco a poco estará llegando a México. Esta edito	** 2004	PRENSA
96	a sólo un 10 por ciento de probabilidades de vida pero un equipo de cirujanos del Instituto Nacional de	** 2004	PRENSA
97	nción, porque en este caso creo que son sinceros, pero yo escuché que en mi caso van a procurar, para l	** 2004	PRENSA
98	que sí fue sincero, lo de los senadores del PRI, pero no sé hacia delante qué pase -respondió López Ob	** 2004	PRENSA
99	digo que Al Qaeda exista debido al narcotráfico, pero tampoco hay duda que grupos terroristas como est	** 2004	PRENSA
100	progreso contra el poder de los narcotraficantes, pero eso da una razón para seguir atacándolas y es lo	** 2004	PRENSA

N°	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
101	hacer, junto con la tarea de reducir la demanda, pero sin olvidar la disminución de los agentes y soci	** 2004	PRENSA
102	on las lesiones de Emilio Mora y Marcelo Delgado, pero "nos ocuparemos en trabajar y buscar sustitutos,	** 2004	PRENSA
103	so se me está respetando el que tenía con Toluca, pero a nivel de grupo queda hablar esta cuestión de l	** 2004	PRENSA
104	porque la economía china continúa su crecimiento, pero tiene un "aterriaje suave". exportaciones. Indi	** 2004	PRENSA
105	ación pública respecto del juicio de procedencia, pero no quiso decir quiénes. Sólo explicó recordar qu	** 2004	PRENSA
106	iguación que ya existía en la solicitud original, pero más legible y además entregó dos testimonios not	** 2004	PRENSA
107	Guanajuato y perderla en la negociación política, pero en ese entonces, denunció los hechos ante la com	** 2004	PRENSA
108	"los orígenes de este drama aún son desconocidos" pero aclaró que la investigación de esta tragedia no	** 2004	PRENSA
109	mentó que "Al caer (el policía) dejó su escopeta, pero en seguida sacó una pistola y me dijo: '¿quieren	** 2004	PRENSA
110	que fue al aire. Yo me tapé la cara con el brazo, pero no me importó, porque en seguida fui a rescatar	** 2004	PRENSA
111	idos se registraron cuando "gente no identificada pero sí armada atacó" a tiros la sede del comando pol	** 2004	PRENSA
112	alcanzará su meta de inscribir a 77 mil reclutas, pero los mandos ven con menos optimismo la posibilida	** 2004	PRENSA
113	que: "había terminado la Licenciatura en Derecho, pero que aún no me había titulado; sin embargo, a pes	** 2004	PRENSA

# ESPAÑHA

2004-2004

164 CASOS

Nº	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
1	suscribo totalmente y con razones bien fundadas; pero -al margen de razones personales- el objetivo de	** 2004	PRENSA
2	s palabras coinciden en el significado potencial, pero sus representaciones habituales son distintas. L	** 2004	PRENSA
3	ones podrían ser todo lo neutrales que se quiera, pero los hechos nunca son neutrales. De aquí que info	** 2004	PRENSA
4	"en mi opinión las cosas ocurrieron de este modo, pero no estoy plenamente seguro de que fuera así". "E	** 2004	PRENSA
5	ntarias que sean; si hay información puede haber, pero no necesariamente, interpretación y opinión, etc	** 2004	PRENSA
6	mente considerado, todo acto es autorreferencial, pero no así su contenido noemático. El contenido noem	** 2004	PRENSA
7	o no es envolvente, autorreferencial o reflexivo, pero sí lo son los de los actos interpretativo y de o	** 2004	PRENSA
8	cosa, asegura que fue el autor de la información, pero no de su correlato referencial. Se refiere al ac	** 2004	PRENSA
9	o están sujetas a reglas referenciales estrictas, pero eso no implica que no estén sujetas a otro tipo	** 2004	PRENSA
10	, y es lo más probable, como evasiva a responder, pero, en ambos casos, se trata de una respuesta no in	** 2004	PRENSA
11	a información. Enunciada así es una regla simple, pero en la realidad es una regla compleja que puede a	** 2004	PRENSA
12	cción. Así, pues, puede que la opinión sea libre, pero no puede serlo tanto que deje también en liberta	** 2004	PRENSA
13	cia discursiva. No voy a tratar de esta cuestión, pero antes de terminar sí puntualizaré que la opinión	** 2004	PRENSA
14	hay materias sobre las que no tenemos información pero sobre las que estamos conminados a tener un crit	** 2004	PRENSA
15	s un acto que se dirige a cumplir principalmente, pero de modo intermediario, con la función referencia	** 2004	PRENSA
16	es susceptible de que alguien informe sobre ello, pero no puede convertirse en objeto de información a	** 2004	PRENSA
17	s ocurrió como lo decimos, ya no hay información, pero eso no impide que se pueda hablar de lo que no s	** 2004	PRENSA
18	rmita aprender y mejorar sus aptitudes musicales, pero van diferenciándose a través de las distintas et	** 2004	PRENSA
19	y comparten la oportunidad de llegar a la final, pero sus habilidades son diferentes. Y en este caso,	** 2004	PRENSA
20	se presenta como hilarante o de denuncia es real, pero provocada para ser mostrada, o los programas de	** 2004	PRENSA
21	o en sujeto y objeto de la relación comunicativa, pero también ha reportado grandes ingresos a la telev	** 2004	PRENSA
22	s planteamientos citados tiene distintos matices, pero en todos ellos subyace la distinción entre estud	** 2004	PRENSA
23	o más sentido que esas denominaciones anteriores, pero sirvió a un propósito: identificar un conjunto d	** 2004	PRENSA
24	productos de la industria fonográfica en general, pero no para la world music que es promocionada como	** 2004	PRENSA
25	damentalmente atendido en su dimensión económica, pero que de hecho implica el inicio de dinámicas de r	** 2004	PRENSA

Nº	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
26	lograría irremediamente. El avance era lento, pero imparable y, a pesar de las dificultades que se	** 2004	PRENSA
27	acción no resultara determinante para alcanzarlos, pero representaron el bastión alejado del frente prin	** 2004	PRENSA
28	al en la libertad de expresión de los redactores, pero también de los lectores. Había que conocer de dó	** 2004	PRENSA
29	los habían asumido la imposibilidad de rebelarse, pero otros tantos querían a toda costa ver la luz que	** 2004	PRENSA
30	ba la libertad de expresión a los cuatro vientos, pero la administración franquista vigilaba línea a lí	** 2004	PRENSA
31	den parecer una porción insignificante de tiempo, pero en realidad se trata de un intervalo crucial: ah	** 2004	PRENSA
32	xpedientes administrativos se prodigaban todavía, pero en cuanto pasaba el enfado momentáneo que las pr	** 2004	PRENSA
33	n no darse cuenta de lo que se estaba publicando, pero de cuando en cuando se volvía a la rigidez anter	** 2004	PRENSA
34	ra la ambición: se daban pasos atrás muchos días, pero al cabo de las semanas se veía claramente que el	** 2004	PRENSA
35	Decirlo así quizá no sea políticamente correcto, pero lo cierto es que la autorización previa es aún u	** 2004	PRENSA
36	o es verdad: el espectro es ciertamente limitado, pero no escaso. Al menos no lo es en la mayor parte d	** 2004	PRENSA
37	los mercados, sino sólo en algunos. Y perdóneme, pero si obvio la tradición y la costumbre, es decir l	** 2004	PRENSA
38	o. Ya sé que en otros países ocurre algo similar, pero no me consuela. Confío en que durante este siglo	** 2004	PRENSA
39	es pueden unirse para dar programación en cadena, pero no publicidad en cadena, lo que les permitiría b	** 2004	PRENSA
40	a a recuperar. En España ya tenemos radio digital, pero, gracias a la Administración que la ha autorizad	** 2004	PRENSA
41	que digo les parece inapropiado, y quizá lo sea, pero les aseguro no sólo que es real, sino que toda E	** 2004	PRENSA
42	ue reconocer que la libertad de expresión existe, pero que queda mucho camino que andar en el sector au	** 2004	PRENSA
43	alguien dijo que sería muy fácil ganar la guerra pero muy difícil conquistar la paz. Y por lo que se v	** 2004	PRENSA
44	no mejor si es preciso. Es revolucionario, lo sé, pero es posible. Desde mi pesimismo actual, yo confío	** 2004	PRENSA
45	participar en esta conmemoración de la Constitución, pero referida a la primera de nuestras Constituciones	** 2004	PRENSA
46	e aquí hacer la historia de esos doscientos años, pero los que hemos vivido el último medio siglo sí po	** 2004	PRENSA
47	uerra que había terminado hacía más de diez años, pero como si nada. Aquella Ley, negación de la libert	** 2004	PRENSA
48	esto, opinión política. La televisión no existía, pero nacería poco después como un instrumento al serv	** 2004	PRENSA
49	rogada en su totalidad (quizá había que hacerlo); pero sí de hecho en su mayor parte por las nuevas ley	** 2004	PRENSA
50	o proclama la libertad de expresión y de opinión, pero también la libertad de información. Ciertamente,	** 2004	PRENSA



Nº	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
51	udadanos multiculturales de la Comunidad Europea, pero parece que en dicho proyecto no hay camas para t	** 2004	PRENSA
52	dió en principio como un experimento sociológico, pero el concepto se convirtió en un show televisivo q	** 2004	PRENSA
53	todo el planeta, ya que logran grandes audiencias pero exigen una inversión mucho menor que las series	** 2004	PRENSA
54	de la productora Zeppelin: un equilibrio difícil pero que habrá de lograrse. Noemí Sanjuan	** 2004	PRENSA
55	n 10 por ciento, el peor registro en muchos años, pero la cifra es extrapolable a toda la industria. An	** 2004	PRENSA
56	Los despidos fueron la nota predominante del año, pero no bastaron para atajar la crisis. Éste es el co	** 2004	PRENSA
57	iente el 11 por ciento de la facturación mundial, pero también unas pérdidas netas de casi 100.000 mill	** 2004	PRENSA
58	y tiene en España uno de sus máximos exponentes, pero no representa más que un pequeño porcentaje de p	** 2004	PRENSA
59	n sectores de población distintos a sus lectores, pero no por ello menos atractivos. Noemí Sanjuan	** 2004	PRENSA
60	as teclas -he publicado treinta y tantos libros-, pero mi forma de pensar preferente, de afrontar probl	** 2004	PRENSA
61	me ha dado un dinerito a ganar que no desprecio, pero me incomoda un poco que me reconozcan como el au	** 2004	PRENSA
62	lismo llegó poco, tarde y mal, con mucha censura, pero evidentemente en el neorrealismo había un cine c	** 2004	PRENSA
63	me deslumbró. Hoy podemos criticarla más o menos, pero en "Muerte de un ciclista" había una percepción	** 2004	PRENSA
64	o en este aspecto. Tal vez es una frase inmadura, pero es verdad. Efectivamente, la libertad la valoro	** 2004	PRENSA
65	nte, intuitivamente, y por sensibilidad estética, pero no tenía un pensamiento bien vertebrado. Éramos	** 2004	PRENSA
66	a salto de mata, desordenada, incompleta, frágil, pero sí, mirábamos a nuestros mayores, a este grupo d	** 2004	PRENSA
67	lissa, que fue el fundador del PSUC en Barcelona, pero entonces yo no militaba. Frecuentaba, pero sin m	** 2004	PRENSA
68	elona, pero entonces yo no militaba. Frecuentaba, pero sin militar, los medios antifranquistas del exil	** 2004	PRENSA
69	co formado. Sí, leía lo que me caía en las manos, pero con unas lagunas enormes, con unas deficiencias	** 2004	PRENSA
70	grupo- era un estado de ánimo, un tejido social, pero teníamos conciencia de que éramos todos burguese	** 2004	PRENSA
71	buenas relaciones. Recuerdo que fue un chispazo, pero que marcaba muy bien los terrenos del juego. Com	** 2004	PRENSA
72	ordó una especie de pacto: "Les daré subvenciones pero no me metan obreros en sus películas". Ese era e	** 2004	PRENSA
73	siento mucho. Ya sé que es una mirada subjetiva, pero no puedo. Es como cuando me dicen: "Jarca es muy	** 2004	PRENSA
74	n fin, mire usted, pues será un texto homosexual, pero no me interesa. Punto. He ido escribiendo sobre	** 2004	PRENSA
75	ecesita, ciertamente, de nuestro propio esfuerzo, pero también, sin duda, de la sincera colaboración de	** 2004	PRENSA

Nº	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
76	tucional de las decisiones del Poder Legislativo, <b>pero</b> también de las decisiones judiciales, que result	** 2004	PRENSA
77	o de las razones que en las mismas se justifican, <b>pero</b> tales razones son normalmente de oportunidad pol	** 2004	PRENSA
78	ción política es fundamental para la convivencia, <b>pero</b> tal educación no se lleva a cabo exclusivamente	** 2004	PRENSA
79	es de las personas que intervienen en el proceso, <b>pero</b> también puede menoscabar la independencia e impa	** 2004	PRENSA
80	i es unitaria, sólo disfrute gratuito individual, <b>pero</b> en ningún caso se apropia de la autoría de la ob	** 2004	PRENSA
81	pasar como propio ante los demás, está mintiendo, <b>pero</b> puede que nadie alrededor se dé cuenta de ello,	** 2004	PRENSA
82	n a este medio sólo como una propiedad económica, <b>pero</b> sus lectores y la sociedad americana en general	** 2004	PRENSA
83	por tanto su credibilidad es un bien intangible, <b>pero</b> precioso y muy necesario. Es un bien colectivo.	** 2004	PRENSA
84	scrúpulo a otros. Desconocemos en qué proporción, <b>pero</b> sabemos que no todos los componentes de esos col	** 2004	PRENSA
85	s se comentan estas cosas de fulanito o zutanita, <b>pero</b> de ahí no suele pasar. Personalmente, respiro po	** 2004	PRENSA
86	sonales, salta a la prensa alguno de estos casos, <b>pero</b> también suele desaparecer de la actualidad en po	** 2004	PRENSA
87	ás casi son la excepción que confirma esta regla, <b>pero</b> , con todo y eso, este pillo redomado seguramente	** 2004	PRENSA
88	ligatoria por las respectivas Leyes de Protección <b>pero</b> están pendientes de desarrollo los reglamentos q	** 2004	PRENSA
89	ocial de la empresa. No forman parte del salario, <b>pero</b> cotizan a la Seguridad Social. Aquí se incluyen	** 2004	PRENSA
90	n percibidas por el trabajador de forma periódica <b>pero</b> con vencimiento superior al mensual. 25. GRATIFI	** 2004	PRENSA
91	nancia el Estado. Hay otros tipos de deducciones, <b>pero</b> éstas son las que afectan a todos los trabajador	** 2004	PRENSA
92	ntrato. Se puede subir a petición del trabajador, <b>pero</b> no se puede, en ningún caso, disminuir. 52. ANTI	** 2004	PRENSA
93	dos cérvices, y de cuatro a seis pares de mamas, <b>pero</b> en este caso sólo las hembras tienen pezones. La	** 2004	PRENSA
94	Bridle y Littlewood, 1998) además de los humanos, <b>pero</b> muy raramente han sido identificados en las demá	** 2004	PRENSA
95	o en que su sistema inmune se está desarrollando, <b>pero</b> también puede causar enfermedad. Los niveles de	** 2004	PRENSA
96	ticos. Poco se sabe sobre la herencia del tipo AB <b>pero</b> las sospechas son la presencia de un tercer alel	** 2004	PRENSA
97	anti-A, con actividad hemolizante y aglutinante, <b>pero</b> solamente un tercio de los gatos con sangre tipo	** 2004	PRENSA
98	r, 1999). La incidencia de la INF es desconocida, <b>pero</b> cambia de acuerdo con la incidencia de animales	** 2004	PRENSA
99	avedad de la hemólisis aún no se han determinado, <b>pero</b> el hecho que en una misma camada haya una gran v	** 2004	PRENSA
100	eneral los gatitos nacen saludables y maman bien, <b>pero</b> , como resultado de la ingestión del calostro pue	** 2004	PRENSA

N°	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
101	de una orina muy oscura indicando hemoglobinuria, pero los gatitos pueden presentar también ictericia,	** 2004	PRENSA
102	rifón Jorge" tiene una taberna de tamaño reducido pero muy interesante gastronómicamente. Se trata de u	** 2004	PRENSA
103	es cuando los veterinarios deberíamos oponernos, pero viene muy bien que el dueño acuda a nuestra clín	** 2004	PRENSA
104	s beneficios que obtiene la Comunidad son muchos, pero lo importante es recuperar el espacio perdido co	** 2004	PRENSA
105	ías de devolución? Si esto es legal aguantaremos, pero si no ¿qué función tienen el Colegio y AMVAC? ¿p	** 2004	PRENSA
106	o. Espero que estos programas duren mucho tiempo, pero por favor sin perder profesionalidad, elegancia	** 2004	PRENSA
107	), Primus inter pares (el primero entre iguales), pero ostentando todo el poder" (Augusto, el primero.	** 2004	PRENSA
108	ndo al fútbol sala, le atrajo lo de ser árbitro, "pero fue otro veterinario el que estando en la facult	** 2004	PRENSA
109	ros, "me acompañó a un par de ellos al principio, pero se aburrió". Pero hace poco lo sí que fue a un p	** 2004	PRENSA
110	ño hepático a partir de las imágenes ecográficas, pero no son demasiado prácticas. Podemos utilizar una	** 2004	PRENSA
111	precisas que las tomadas con ayuda del ecógrafo, pero están limitadas a lesiones próximas a la superfi	** 2004	PRENSA
112	se para hacer llover. Estos cultos eran secretos, pero se sabe que las Sacerdotisas los siguieron celeb	** 2004	PRENSA
113	más humano y natural esperando encontrar la paz; pero las crisis existenciales que sufrió le llevaron	** 2004	PRENSA
114	ce que el tratamiento era efectivo en los hombres pero no en las mujeres. DEFINICIÓN DEL DAE Y DEL PRO	** 2004	PRENSA
115	das mediante naloxona en un ambiente determinado, pero se les administró antes un inhibidor de la liber	** 2004	PRENSA
116	ás probabilidades que las mujeres de usar drogas, pero tanto hombres como mujeres, una vez han utilizad	** 2004	PRENSA
117	el uso de sustancias adictivas entre los hombres, pero encuestas epidemiológicas recientes reflejan un	** 2004	PRENSA
118	eron respuestas de mayor craving que los hombres, pero no se obtuvieron diferencias en otro tipo de res	** 2004	PRENSA
119	o la mejor solución a los problemas de adicción, pero sí podemos considerarlos como el medio por el qu	** 2004	PRENSA
120	dor establecer una confrontación con el paciente, pero todos sabemos que eso conlleva aumentar la resis	** 2004	PRENSA
121	e niños expuestos en útero a cocaína ha aumentado pero es necesario sintetizar y concretar los criterio	** 2004	PRENSA
122	n lejos de ser un "serio" estudio farmaeconómico, pero que si permiten hablar de cifras. TRATAR AL 5	** 2004	PRENSA
123	opiáceos. Su coste en tratamiento es importante, pero también lo son sus beneficios. Queda por analiza	** 2004	PRENSA
124	entes con VIH, mayor que en la población general, pero que ha disminuido a medida que la enfermedad se	** 2004	PRENSA
125	cológicas ante la infección por VIH son variadas, pero en muchos individuos siguen un patrón común, y p	** 2004	PRENSA

Nº	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
126	a bulimia nerviosa no está totalmente esclarecida <b>pero</b> existen factores que predisponen al cuadro, otro	** 2004	PRENSA
127	ración del TCA puede atenuar los síntomas del TP, <b>pero</b> el diagnóstico del TP persiste en los sujetos ya	** 2004	PRENSA
128	ivía la paciente, le obliga a ingerir las comidas <b>pero</b> iba al baño y se provocaba el vómito. A los 14 a	** 2004	PRENSA
129	y los 15 años a varias sesiones de psicoterapia, <b>pero</b> estas no mejoraron el TCA por la falta de concie	** 2004	PRENSA
130	os episodios la paciente presentó ideas de muerte <b>pero</b> no realizó intentos de autolisis. Ninguno de est	** 2004	PRENSA
131	4 años fue raptada en un coche donde se le golpeó <b>pero</b> no recuerda más detalles debido a que estaba int	** 2004	PRENSA
132	a al mismo. Los que desearían cambiar de servicio <b>pero</b> no pueden puntuaron también más en el cuestionar	** 2004	PRENSA
133	a escala no se vio afectada por tener hijos o no, <b>pero</b> se incremento significativamente entre los que n	** 2004	PRENSA
134	gnificativo entre los distintos tipos de contrato <b>pero</b> si con los años de antigüedad en la profesión do	** 2004	PRENSA
135	n ofertar mejores cuidados al paciente que sufre, <b>pero</b> para ello debe estar correctamente formado y dis	** 2004	PRENSA
136	rmación dirigidos por un lado a paciente/familia, <b>pero</b> sin olvidarnos de la necesidad de hacer un esfue	** 2004	PRENSA
137	endación científica que verá la luz próximamente, <b>pero</b> que antes debe superar el "tribunal inquisitoria	** 2004	PRENSA
138	n un tiempo escaso y unos recursos muy limitados, <b>pero</b> esto no impide que realicemos una anamnesis en l	** 2004	PRENSA
139	todo lo posible para atenderla de manera eficaz, <b>pero</b> esto no debe ir reñido con una atención humana y	** 2004	PRENSA
140	scasas y apenas se iba más allá de los rayos X... <b>pero</b> hoy día, en pleno siglo XXI, la sociedad del con	** 2004	PRENSA
141	, celebraciones, encuentros, reuniones, juegos... <b>pero</b> , curiosamente, el mes de junio no significa un p	** 2004	PRENSA
142	ntido si los niños no acuden. Excusas hay muchas, <b>pero</b> , lo cierto es que se trata de una oportunidad ir	** 2004	PRENSA
143	sar de manera activa, es decir, cargar las pilas, <b>pero</b> usando ese mayor tiempo libre para un nuevo encu	** 2004	PRENSA
144	e la confesión. Además, las áreas bajan su ritmo <b>pero</b> no se paralizan. La mayoría, en los meses de ver	** 2004	PRENSA
145	tmo de vida tan intenso. Vaya, todavía me cuesta, <b>pero</b> ya no me pilla de sorpresa (se sonríe). Me costó	** 2004	PRENSA
146	de una comunidad, siendo para ellos un sacerdote <b>pero</b> , a la vez, con ellos un cristiano más que intent	** 2004	PRENSA
147	e la gran familia cristiana, cambia los horarios, <b>pero</b> tampoco se cierra nunca. Ni la vida del cristian	** 2004	PRENSA
148	l. El erotismo es mucho más que mera sexualidad, <b>pero</b> erotismo y amor son indisociables. Aunque los lí	** 2004	PRENSA
149	idad tiene una connotación preferentemente sexual <b>pero</b> puede también referirse a una manera de mostrar	** 2004	PRENSA
150	n sus salones privados, no existió la pornografía <b>pero</b> que, cuando comenzaron a disfrutarlas los más po	** 2004	PRENSA

N°	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
151	pretexto de que serían peligrosas o repugnantes, pero en realidad porque fueron consideradas como pote	** 2004	PRENSA
152	trospectivas son naturalmente difíciles de probar pero, en cualquier caso, es verosímil que sólo a part	** 2004	PRENSA
153	to reprobables las representaciones más obscenas pero el concepto de obscenidad ha ido variando con lo	** 2004	PRENSA
154	d Woo, 2002) comparándolo con otros delincuentes, pero algunos autores discuten las conclusiones de eso	** 2004	PRENSA
155	o, contener las informes fuerzas de la naturaleza pero la crueldad y el salvajismo de la naturaleza aca	** 2004	PRENSA
156	ermos a la enfermedad o a negarse al tratamiento, pero la crítica de base hacia la psiquiatría como mét	** 2004	PRENSA
157	que las percepciones de estos sean más realistas, pero no necesariamente más favorables. En efecto, la	** 2004	PRENSA
158	producen una imagen más realista de los enfermos pero, a veces, más desfavorable que la que los partic	** 2004	PRENSA
159	más tiempo en el campo de la Psiquiatría General, pero tampoco permanecerá por más tiempo en el campo d	** 2004	PRENSA
160	es una tábula rasa donde todo esté por escribir, pero tampoco contiene todas las características del a	** 2004	PRENSA
161	ta, 1991). Cualquier enfermedad resulta dolorosa, pero en el caso del enfermar psíquico infantil, habla	** 2004	PRENSA
162	Infantil constituye un terreno todavía muy joven, pero con un prometedor futuro. En pocos años, este ám	** 2004	PRENSA
163	s estilos psicoterapéuticos claramente distintos, pero a su vez ambos enmarcados dentro del psicoanális	** 2004	PRENSA
164	a histórico nos encontremos en la postmodernidad, pero cree también que desde el punto de vista de la p	** 2004	PRENSA